



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA  
CURSO DE MESTRADO**

**RAIANNY KELLY NASCIMENTO ARAÚJO**

**VILÃS RESENTIDAS OU HEROÍNAS IMPROVÁVEIS? O ETHOS DA  
MULHER COM DEFICIÊNCIA EM TELENÓVELAS BRASILEIRAS**

**CARUARU  
2017**

RAIANNY KELLY NASCIMENTO ARAÚJO

**VILÃS RESSENTIDAS OU HEROÍNAS IMPROVÁVEIS? o ethos da  
mulher com deficiência em telenovelas brasileiras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste, na linha de pesquisa: Educação, Estado e Diversidade, como requisito parcial para obtenção do grau Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Luiza Ramos Martins de Oliveira.

RECIFE  
2017

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Paula Silva CRB/4 - 1223

A663v Araújo, Raianny Kelly Nascimento.  
Vilãs ressentidas ou heroínas improváveis? o ethos da mulher com deficiência em telenovelas brasileiras / Raianny Kelly Nascimento Araújo. – 2017.  
154f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Anna Luiza Ramos Martins de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, 2017.  
Inclui Referências.

1. Telenovelas (Brasil). 2. Mulheres (Brasil). 3. Deficientes na comunicação de massa (Brasil). 4. Identidade de gênero (Brasil). 5. Igualdade (Brasil). I. Oliveira, Anna Luiza Ramos Martins de (Orientadora). II. Título.

370 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2017-359)

RAIANNY KELLY NASCIMENTO ARAÚJO

**VILÃS RESENTIDAS OU HEROÍNAS IMPROVÁVEIS? o ethos da  
mulher com deficiência em telenovelas brasileiras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste, na linha de pesquisa: Educação, Estado e Diversidade, como requisito parcial para obtenção do grau Mestre em Educação.

Aprovado em: 19/07/2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Anna Luiza Ramos Martins de Oliveira  
(PPGEDUC/CAA/UFPE) Examinadora interna - Presidente

---

Rafaella Àsfora Siqueira Campos Lima (DPOE/CE/UFPE)  
Examinadora externa

---

Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira (PPGECI/UFRPE/FUNDAJ)  
Examinadora externa

---

Gustavo Gilson Sousa de Oliveira (PPGEDUC/CAA/UFPE)  
Examinador interno

*À minha família, que sempre acreditou em mim e me deu forças para continuar.*

## AGRADECIMENTOS

Concluir este mestrado que para mim é extremamente significativo, pois ele é a concretização de parte dos meus sonhos. Foram eles que me moveram nesta direção, mas foi graças à presença de pessoas muito especiais na minha vida que este caminho se tornou possível. E aqui, busco expressar em palavras, se é que isto é possível, minha imensa gratidão, amor e carinho a estas pessoas que marcaram e fazem parte desta caminhada.

Agradeço primeiramente, a Deus, Senhor da minha vida, pela graça de ter conseguido, com muito esforço e dedicação chegar até aqui.

A minha mãe, Roseli e a meu Pai Manoel (in memoriam), exemplos maior de garra e superação, em quem me espelho cotidianamente, quem me ensinaram a ser ética e prudente, me motivando diariamente a perseverar. Pai, teus ensinamentos e tua vontade de sempre me proporcionar o melhor; a ter o que tu nunca tiveste, a oportunidade de conquistar, é o que me motiva a continuar. Meu muito obrigada! A minha irmã amada Raissa, pela força e cumplicidade nos momentos mais difíceis, foi também o seu amor e as palavras de incentivo que me fizeram chegar até aqui. Aos demais familiares, tios(as) e primos(as) obrigada por compreenderem minhas ausências e por acreditarem em mim. Vovô João e Vovó Joana (in memoriam), obrigada pelas orações e incentivos, vocês são meus exemplos de amor e gratidão.

Agradeço ao meu noivo Valter, por toda compreensão, cumplicidade e amor empregados principalmente durante essa caminhada. Obrigada por sempre partilhar comigo os sonhos, as lutas e conquistas.

Aos amigos/as que a vida me deu, obrigada pelo companheirismo e carinho de sempre. Diana, meu muito obrigada pelo apoio e carinho de sempre. Agradeço também aos colegas de trabalho por todo incentivo, carinho e compreensão dispensados neste caminhar.

Um sincero agradecimento a minha orientadora Anna Luiza, pela acolhida, pelo incentivo, carinho e apoio empreendidos durante esta caminhada. Minha gratidão por partilhar seus saberes e de forma bastante respeitosa e atenciosa me guiar neste percurso, isto foi indispensável para a concretização desta dissertação.

Agradeço a CAPES, pela concessão da bolsa de Mestrado.

Aos professores Ana Duarte, Alexandre Viana e Ana Barros pelo carinho, atenção e companheirismo durante a minha jornada acadêmica, vocês são para mim muito especiais. Aprendi com Ana Duarte a ser pesquisadora, uma acadêmica comprometida, professora dedicada e atenta, uma mulher forte que busca os seus sonhos. Construímos uma relação que vai para além da academia, pois ela sempre sonhou comigo muitos dos meus sonhos, por isto sou muito grata.

A todos os/as professores/as, servidores do PPGEDUC, sobretudo a Socorro pela acolhida e atenção de sempre, e aos companheiros/as da turma de Mestrado de 2015, especialmente a Andrezza pelas escutas e atenção, Otávio por me ensinar o verdadeiro sentido da palavra gratidão, por nos fazer acreditar sempre na força interior que temos. A Ribbyson por todos os momentos partilhados, pela cumplicidade, carinho, paciência e pela relação que construímos que está pra além da academia. Agradeço ainda a Karinny Oliveira por me apoiar e incentivar quando o mestrado ainda era um projeto.

Aos professores que aceitaram o convite para compor as bancas de qualificação e defesa que colaboram de forma significativa para a construção desta dissertação, em especial ao professor Gustavo Oliveira por partilhar tantos ensinamentos nas disciplinas cursadas, as quais foram essenciais para construir novos saberes.

Enfim, a todos/as que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desse sonho e que continuam torcendo por mim para que outros sonhos que me pertencem possam também ser concretizados.

*"Mostrar as pessoas que elas são muito mais  
livres do que pensam,  
que elas tornam por verdadeiro,  
por evidentes, certos temas  
fabricados em um momento  
particular da história,  
e que essa pretensa evidência pode ser criticada  
e destruída."  
(Foucault, 1984, p. 91)*

## RESUMO

As telenovelas constituem um dos principais programas de entretenimento nas emissoras de rede aberta no Brasil. Conseguem atrair grandes índices de audiência, por aproximarem-se do cotidiano das pessoas, borrando as fronteiras entre a ficção e o imaginário social. Este estudo analisa como se constitui o *ethos* da mulher com deficiência em telenovelas brasileiras. Entendemos as telenovelas enquanto texto, constituído de um currículo cultural que produz realidades, regula e governa identidades, ou seja, um dispositivo que integra o aparato pedagógico das sociedades contemporâneas. Construimos um corpus formado por cenas da novela global – “Amor à vida” – que traz em sua narrativa a história de uma personagem feminina com deficiência. A partir da análise de elementos verbais e visuais do contexto desta personagem, presente em alguns episódios destas telenovelas discutiuas relações entre o *ethos* constituído e estereótipos ligados à mulher com deficiência. Nossas reflexões sugerem que as telenovelas se constituem em um campo de articulação de significados em torno da mulher, do corpo e da deficiência, ainda bastante influenciado por uma política de gênero patriarcal e heteronormativa e por padrões de beleza que incentivam a busca do corpo perfeito, mas, também, desafiado por movimentos culturais externos, contra-hegemônicos, que exercem uma ação crítica, incitando negociações e deslocamentos.

**Palavras-chave:** Telenovelas. Ethos. Mulher. Deficiência.

## RESUMEN

Las telenovelas constituyen uno de los principales programas de entretenimiento en las emisoras de red abierta en Brasil. Logran atraer grandes índices de audiencia, por acercarse del cotidiano de las personas, manchando las fronteras entre ficción y el imaginario social. Este estudio analiza cómo se constituye el ethos de la mujer con discapacidad en telenovelas brasileñas. Entendemos las telenovelas en cuanto texto, constituido de un currículum cultural que produce realidades, regula y gobierna identidades, o sea, un dispositivo que integra el aparato pedagógico de las sociedades contemporáneas. Construimos un corpus formado por escenas de la telenovela global – “Amor à vida” – que trae en su narrativa la historia de un personaje femenino con discapacidad. Desde el análisis de elementos verbales y visuales del contexto de este personaje, presentes en algunos episodios de esta telenovela, discutimos las relaciones entre el ethos constituido y estereotipos conectados a la mujer con discapacidad. Nuestras articulaciones de significados alrededor de la mujer, del cuerpo y de la discapacidad, todavía muy influenciado por una política de género patriarcal, heteronormativa y por padrones de belleza que incentivan la búsqueda del cuerpo perfecto, pero también, desafiado por movimientos culturales externos, contra-hegemónicos, que ejercen una acción crítica, incitando negociaciones y desplazamientos.

**Palavras-chave:** Telenovelas. Ethos. Mujer. Discapacidad.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OS DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS E A MULHER COM DEFICIÊNCIA	23
2.1	Os Modos de Subjetivar da Mídia	24
2.2	A Produção da Abjeção da Mulher com Deficiência	31
2.3	A Mulher na História do Ocidente: uma Questão de Gênero	35
2.4	Pessoas com Deficiência: Segregação, Assistencialismo e Propostas de Práticas Inclusivas	40
2.5	Estudos sobre Mulheres com Deficiência e Mídia	52
3	CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISA	56
3.1	O Corpus da Pesquisa	59
3.2	A Telenovela e sua Estética: Estratégias Analíticas	68
4	A MULHER COM DEFICIÊNCIA EM TELENOVELAS BRASILEIRAS	72
4.1	O <i>Ethos</i> da Mulher com Deficiência em Telenovelas Brasileiras entre os Anos de 1980 e 2016	72
4.2	A Novela Amor à Vida	85
4.2.1	<i>Sobre o Autor</i>	86
4.2.2	<i>A Seleção dos Episódios</i>	87
4.3	A Pessoa com Deficiência e o Cotidiano de Preconceitos	90
4.3.1	<i>Leila Reclama de Linda</i>	90
4.3.2	<i>Linda Reage à Ofensa de Leila</i>	92
4.3.3	<i>Linda entra em Desequilíbrio Emocional por Sentir Falta de Rafael</i>	95
4.3.4	<i>Linda Emociona a Família com Discurso</i>	97
4.4	Intervenções Multidisciplinares para Pessoas com TEA	106
4.4.1	<i>Renan e Daniel Ajudam no Desenvolvimento de Linda</i>	106
4.4.2	<i>Neide e Amadeu Dificultam a Evolução de Linda</i>	110
4.4.3	<i>Rafael Leva Linda ao Fonoaudiólogo</i>	115
4.5	Sexualidade da Pessoa com Deficiência	117
4.5.1	<i>Rafael Dança com Linda</i>	117
4.5.2	<i>Amadeu leva Rafael para Visitar Linda</i>	119
4.5.3	<i>Neide e Amadeu Discutem na Presença de Linda</i>	122
4.5.4	<i>Neide Briga com Linda por Causa de Rafael</i>	126
4.5.5	<i>Linda se Emociona ao Reencontrar Rafael</i>	128
4.5.6	<i>Linda e Rafael se Casam</i>	130
4.6	Independência e Autonomia	135
4.6.1	<i>Rafael Ajuda Linda a Cozinhar</i>	135
4.6.2	<i>Linda Faz Sucesso como Pintora</i>	139
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	149

# 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as telenovelas constituem um dos programas mais populares de entretenimento e de maior audiência entre os canais das emissoras de rede aberta entre as quais podemos destacar: a Rede Record de Televisão, o SBT e a Rede Globo. Esta última, líder de audiência, é a maior exportadora de telenovelas do mundo. Segundo Marques e Filho (2012), a Rede Globo se consolidou no mercado, pois suas telenovelas possuem excelência em qualidade de produção “e a aproximação com o mundo natural, retratando o dia-a-dia em um regime de verossimilhança” (MARQUES; FILHO, 2012, p. 73), distanciando-se assim dos melodramas, uma característica marcante nas produções de telenovelas de outras emissoras de TV.

As telenovelas conseguem atrair para si os maiores índices de audiência, justamente por aproximarem-se do cotidiano das pessoas, fazendo com que as fronteiras entre a ficção televisiva, o pensamento social brasileiro e o dia-a-dia desses sujeitos tornem-se bastante fluidos.

As novelas, como são chamadas, têm seu surgimento com as radionovelas, gênero bastante popular na América Latina e está presente na programação brasileira desde a sua inauguração, em 1950. Aos poucos este gênero foi ganhando um estilo brasileiro próprio, que o diferencia de outras produções e o aproxima das especificidades do nosso país. A sua exibição diária e os espaços utilizados para sua produção, proporcionam uma relação de continuidade entre o universo do telespectador e dos personagens das narrativas, facilitando sua ação “reguladora” dos modos de ser e de se viver. A novela tem um currículo cultural, um dispositivo pedagógico que participa da “constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, P. 151).

Também, são vitrines de moda, hábitos, bens de consumo (HAMBURGUER, 2011, p. 71), uma vez que suas narrativas estão comprometidas, com estratégias de *merchandising* das principais empresas e instituições financeiras do país. As telenovelas, portanto, fazem parte de uma indústria cultural extremamente organizada.

Ao falarmos em televisão na contemporaneidade, é preciso pensar acerca da relação dinâmica que a TV deve estabelecer com o seu público, pois com os novos modos de produção e interação entre os produtores e receptores, a televisão é forçada a desenvolver produtos cada vez mais sedutores. Como afirma Marques e Filho (2012): “os telespectadores são considerados sujeitos *zapeadores*<sup>1</sup> e inconstantes nas intenções do ver” (p. 74). Nesse sentido, as telenovelas precisam se fazer, a cada dia, mais reais e mais próximas dos fatos sociais, a fim de que os telespectadores se sintam representados na e pela “telinha”. À medida que a Rede Globo anuncia o seu jargão: “*a gente se vê por aqui*”, busca reforçar o seu potencial de fazer com que as pessoas se vejam através das “telinhas”, criando laços cada vez mais intimistas com o seu público, estabelecendo relações de pertencimento com a vida e o dia a dia das pessoas.

Desde a primeira<sup>2</sup> telenovela produzida pela TV Globo, a televisão passou a reforçar seu espaço no cotidiano dos sujeitos, tirando-os da posição de meros ouvintes, e inserindo-os ativamente na sua construção e propagação, já que a novelas vão ao ar ao mesmo tempo em que são produzidas.

A Rede Globo possui em sua programação cinco horários destinados a telenovelas: o primeiro é o *Vale a Pena Ver de Novo*, exibido durante a tarde. Logo após, segue o horário “das seis”, que apresenta tramas com um enredo simples e romântico, sendo de época e/ou regional. Já o “das sete” costuma possuir folhetins mais cômicos, enquanto o “das nove” é o principal horário da teledramaturgia brasileira, de maior repercussão, que concede à emissora altos ibopes. Finalmente, no horário “das dez/onze” são veiculadas obras mais densas, com temas polêmicos. É o único horário na qual as novelas não são exibidas em sequência; pausas ocorrem entre uma produção e outra. Além disso, a emissora também produz minisséries que são exibidas em horários diversos.

A mídia é um veículo de informação das massas, de entretenimento e, também, um espaço onde se constrói sujeitos e contextos sociais. De acordo com Santos e Carvalho (2012), “a telenovela tem se constituído, neste panorama, em um dos produtos midiáticos de maior permanência na cotidianidade, que produz e

---

<sup>1</sup>Zapeadores segundo os autores deriva-se da palavra *zapping*. Designa o sujeito que faz uso do controle remoto para percorrer os canais televisivos a fim de encontrar algo que prenda a sua atenção.

<sup>2</sup> A primeira telenovela exibida pela Globo no horário das 20 horas foi *O Ébrio*, de José Castellar, em 1965 (GLOBO, 2016, cesso em: 27/03/2016).

reinventa discursos com ampla visibilidade e acesso em nossa sociedade” (p. 356), por isso o interesse em pesquisarmos o *ethos* das mulheres com deficiência em telenovelas brasileiras.

Entendemos as telenovelas enquanto um texto cultural, que traz em si um currículo que produz realidades, (re)inventa, regula e governa sujeitos, carregando uma pedagogia que como afirma Costa (2002), insiste em nos ensinar:

Sobre o mundo, sobre a vida, fabricando epopeias e tragédias, conformando opiniões, capturando nossa atenção, oferecendo versões, moldando nossos sentimentos, fazendo-nos chorar de revolta ou de pena, inventando vilões e heróis, enfim, produzindo suas histórias, seus relatos, interpelando-nos. (COSTA, 2002, p. 71).

Nesse sentido, este trabalho ao pesquisar sobre as telenovelas, buscou compreender de que forma este artefato cultural tem educado seus/suas telespectadores/as sobre o que é ser mulher com deficiência. Trabalhamos com uma perspectiva mais ampla de educação, que não se restringe aos muros da escola (FISCHER, 2002; FISCHER, 2007; COSTA, 2006; SILVEIRA, 2012), que afirma o caráter pedagógico da mídia e seu papel ativo nos modos de subjetivação.

Compreendemos a televisão como um *dispositivo* que integra o aparato pedagógico das *sociedades governamentais* (FISCHER, 2002). Seguindo esta perspectiva, acreditamos que as telenovelas se utilizam de estratégias culturais, aliadas a uma rede de projetos político-econômicos, tradicionalmente vinculados a uma lógica patriarcal, sexista e branca.

Essa governabilidade está relacionada a uma rede de saber-poder que regula o meio televisivo, que envolve interesses de grandes corporações, mas também, as políticas de concessão da TV aberta regida pelo ministério da comunicação e pelas demandas sociais que reverberam nestas políticas. A inclusão de alguns temas - por exemplo: equidade de gênero, inclusão social de pessoas com deficiência – nas telenovelas, está relacionado a todo um movimento internacional, no campo da educação, dos movimentos feministas e dos direitos humanos que demandou dos países ligados à ONU, incluindo o Brasil, a elaboração e execução de políticas públicas nesta área. Um marco significativo, neste contexto, foi à criação da ONU Mulheres em 2010, entidade voltada para a igualdade de gênero. Ao constituí-la, os Estados-Membros da ONU deram um passo histórico para acelerar a implementação das metas da organização sobre a igualdade de gênero e empoderamento das mulheres.

O Brasil, enquanto Estado-Membro, havia alcançado importantes conquistas em relação à promoção de igualdade de gênero na última década, entre elas podemos citar: a criação com status ministerial da Secretária de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), ambos extintos em maio de 2016, após a destituição da Presidente Dilma Rousseff e posse de Michel Temer.

Até 2016, mais de 600 instituições estaduais e municipais, ligadas a luta pelos direitos das mulheres, havia sido criadas em todo o país. Em 2006, tivemos a promulgação da Lei Maria da Penha, a qual colocou o Brasil na vanguarda mundial na área de legislação sobre violência contra a mulher. Em 2010, o povo brasileiro elegeu a primeira mulher presidente do país. Em 2015 a então Presidente, Dilma Rousseff, sancionou a lei que incluiu o feminicídio no rol de crimes hediondos, considerando homicídio qualificado o assassinato de mulheres em razão do gênero. Todas essas conquistas e avanços, só foram possíveis graças a um movimento de mulheres bastante articulado e consolidado (ONUMULHERES, 2016). No entanto, apesar destes progressos e avanços o trabalho para promover a igualdade de gênero no Brasil ainda apresenta muitos desafios a começar pela atual conjuntura política que tomou conta do nosso país, um Governo ilegítimo, marcado por muitos retrocessos e conservadorismos.

Quando falamos de pessoas com deficiência, mais especificamente de mulheres, também percebemos um movimento mundial para a garantia e reconhecimento dessas pessoas, como sujeitos de direitos. Passados 10 (dez) anos da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2007) é possível perceber alguns avanços, mas muito ainda há de ser feito. Em termos mundiais, estima-se que uma em cada cinco mulheres vivam com deficiência e a taxa de prevalência das mulheres (19,2%) é superior à dos homens (12%). Essas mulheres de acordo com os dados da ONU (2016) são duas a três vezes mais propensas a casamentos infantis e forçados, a engravidar precocemente, entre outras violações de direitos humanos.

No Brasil, as mulheres com deficiência somam mais de 26 milhões de pessoas. Em sua expressiva maioria, vivem em condição de invisibilidade e silenciamento. Diversas são as barreiras que impedem o exercício de seus direitos de cidadania. Tornam-se alvos de desigualdades de gênero, de discriminação no acesso a saúde, educação, aos direitos econômicos, políticos e culturais.

Esses e outros temas que surgem como bandeiras de lutas na sociedade são incorporadas pela indústria televisiva, entre outras coisas, por fazerem parte das exigências das políticas de concessão dos canais abertos e radiodifusão:

A renovação das concessões e permissões para exploração dos serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, subordinadas ao interesse nacional, dependem do cumprimento pelas concessionárias ou permissionárias das disposições legais e regulamentares aplicáveis ao serviço, bem como da observância de suas finalidades educativas e culturais. (DECRETO de nº 88.066, de 26 de janeiro de 1983, artigo 1º).

As empresas de radiodifusão precisam ter segundo a legislação finalidades educativas e culturais para o seu funcionamento, além disso, a lei também estabelece no artigo 10º na Cláusula Sexta que:

A concessionária obrigará-se, na organização da programação, a:

- a) *manter um elevado sentido moral e cívico*, não permitindo a transmissão de espetáculos, trechos, musicais cantados, quadros, anedotas ou *palavras contrárias à moral familiar e aos bons costumes*;
- b) *Não transmitir programas que atentem contra o sentimento público*, expondo pessoas a situações que, de alguma forma, redundem em constrangimento, ainda que seu objetivo seja jornalístico;
- c) destinar um mínimo de 5% (cinco por cento) do horário de sua programação diária à transmissão de serviço noticioso;
- d) limitar ao máximo de 25% (vinte e cinco por cento) do horário de sua programação diária o tempo destinado à *publicidade comercial*;
- e) *reservar 5 (cinco) horas semanais para transmissão de programas educativos*; (Decreto de nº 88.066, de 26 de janeiro de 1983, artigo 10º, grifo nosso).

Nesse sentido, as empresas de radiodifusão precisam seguir as normas estabelecidas pela legislação, a fim de conseguirem ou renovarem as suas concessões de funcionamento. As concessões são válidas por 15 anos consecutivos, quando se trata de empresas no ramo da radiodifusão de sons e imagens, como é o caso da Rede Globo.

As emissoras ainda precisam cumprir o seu papel cidadão de cooperar na “educação e moralização” dos sujeitos telespectadores. Ao observarmos os itens **a** e **e**, é possível de forma bastante explícita perceber que estipula-se inclusive 5 horas no mínimo das programações diárias para programas educativos. Dessa maneira, cria-se um *ethos* discursivo para as emissoras de TV, que inclui a função de educadora.

A rede Globo, enquanto emissora de TV aberta que detêm maior parte do controle televisivo do país, com repercussão e alcance internacional, tem em sua programação uma vasta variedade de programas educativos desenvolvidos, em grande maioria, pela Fundação Roberto Marinho. Entre as produções, estão: o

“Globo Ciências”, no ar desde 1984 (o mais antigo programa do gênero no Brasil); o “Globo Ecologia”, que desde 1990 trata do desenvolvimento sustentável; o “Globo Educação”, programa exibido ao sábado pela manhã que inclui produções do Canal Futura; além do “Telecurso 2000” e “Tecendo o Saber”, que tinham como objetivo possibilitar aos brasileiros a conclusão dos seus estudos formais.

A TV Globo também é mantenedora do Futura, o primeiro canal educativo financiado inteiramente pela iniciativa privada. Toda essa “oferta” educativa traz consigo uma diversidade de interesses e disputas discursivas que envolvem a indústria cultural, as políticas econômicas das grandes corporações, mas, também, as políticas sociais e de direitos humanos, ligados aos acordos que o Brasil é signatário, às demandas políticas da sociedade civil organizada. As telenovelas, como um dos principais programas da televisão aberta do Brasil, são, portanto, uma arena de disputas em torno, entre outros temas, do significado de ser mulher com deficiência.

No âmbito desse debate, algumas perguntas nortearam esta pesquisa: Como se caracteriza o *ethos* da mulher com deficiência nas telenovelas brasileiras? Esse *ethos* tem passado por deslocamentos nas últimas décadas? Como esse *ethos* se relaciona com os discursos políticos, econômicos e sociais em circulação na sociedade brasileira? É possível perceber esse *ethos* como parte de um discurso pedagógico que visa à formação de um padrão de sujeito/cidadão na sociedade brasileira contemporânea? Até que ponto o *ethos* da mulher com deficiência faz parte deste projeto pedagógico?

O *ethos* refere-se ao aspecto ético ou moral que o enunciador deixa entrever em seu discurso (MARTINS, 2007). Para Aristóteles(1998), o discurso ou a argumentação se constrói com base em três pilares: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. O *logos* diz respeito à argumentação racional, propriamente dita; o *pathos* está relacionado ao envolvimento e ao convencimento do interlocutor. Nesse sentido, essas três dimensões se unem na arte do convencimento e, para Aristóteles, o *ethos* configura-se como o mais importante desses elementos, pois é nele que se encontra a moral a qual é a base para a construção da imagem do enunciador, através da persuasão(arte da *Retórica*).

Amossy (2005) nos lembra que, sempre que tomamos a palavra, construímos uma imagem de nós mesmos. Não precisamos fazer um autorretrato ou descrevermos explicitamente nosso estilo.

A construção da imagem de si constitui-se, então, como peça fundamental da retórica e está fortemente ligada a enunciação, a qual se estabelece pela relação com o outro, através das interações:

A função da imagem de si e do outro construída no discurso se manifesta plenamente nessa perspectiva interacional. Dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro. (AMOSSY, 2011, p. 12).

É através das interações enunciativas que vão se constituindo as imagens de si e do outro e definindo-se, também, as estereotipagens. Para Amossy (2011), “a construção de uma imagem de si está relacionada com a representação coletiva cristalizada”. É o que ela conceitua de *ethos* prévio, uma imagem já pré-estabelecida do enunciador e cristalizada no social.

Nesse sentido, o discurso se torna eficaz na medida em que o locutor goza de autoridade diante dos que o ouvem. Constitui-se, assim, um “*ethos* prévio” (AMOSSY, 2005), ou um *ethos* com base nas representações coletivas, aquilo que Maingueneau (2013) nomeia de “pré-discursivo”: o saber prévio que o auditório tem do locutor.

A forma e a maneira de se apresentar ao público ou aos telespectadores constitui uma imagem de quem fala e esta possibilitará a validade do discurso proferido, como afirma Amossy (2011):

A maneira de dizer autoriza a construção de uma imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. Participando da eficácia da palavra, a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão. Ao mesmo tempo o *ethos* está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de legitimação pela fala. (AMOSSY, 2011, p.12).

Dessa forma, o locutor precisa adquirir legitimidade com o público, a fim de que o mesmo possa considerar o seu discurso como “verdadeiro”, é nesse sentido que se estabelece a autoridade do narrador, que sempre tem uma intencionalidade atravessada, uma conjuntura ideológica em seu discurso e está baseada em um “fiador”, a fonte da informação, o qual enuncia um *tom* que dá autoridade ao que foi dito. Segundo Maingueneau (2013): “esse *tom* permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador” (p. 107), ou seja, a maneira de dizer traduz a maneira de ser.

É necessário destacar que apesar da ideia de *ethos* estar baseada na Retórica Aristotélica, este trabalho entende que apenas o processo de enunciação não é suficiente para a construção do *ethos* como defendia os pensadores baseados na retórica clássica. Outras questões precisam ser levadas em consideração como por exemplo: o *ethos* prévio e a estereotipagem (AMOSSY, 2011), além da cenografia, o fiador e do tom (MAINGUENEAU, 2013), elementos que irão possibilitar ao analista compreender mais a fundo a imagem desenvolvida.

Nesta pesquisa, o enunciador é a Rede Globo, a qual através de sua cenografia e da escolha dos papéis atrelados aos personagens da cena constitui o seu *ethos* discursivo em interação com seus coenunciadores/telespectadores. Ou seja, utiliza-se de todo um contexto que constitui um interdiscurso, pelo qual numa relação de interação estabelecem um “*ethos cultural*”.

Nesta perspectiva, este trabalho teve como objetivo geral: analisar como se constitui o *ethos* da mulher com deficiência em telenovelas brasileiras. O qual desvela-se nos seguintes objetivos específicos: 1) identificar deslocamentos no *ethos* da mulher com deficiência em telenovelas brasileiras nas últimas décadas; 2) observar as relações entre o *ethos* constituído e os estereótipos ligados à mulher e à pessoa com deficiência em circulação na sociedade.

As telenovelas apresentam um *ethos* discursivo acerca das mulheres com deficiência e esse *ethos* ao ser propagado pela “telinha” pode ser confirmado ou modificado pelo público, uma vez que o locutor constitui a imagem dos personagens de acordo com papéis preexistentes e com a interação com o telespectador (coenunciador). O estabelecimento desses papéis e a constituição do *ethos* engloba o conceito de “*ethoscultural*” que citamos anteriormente, que para Amossy (2005) é a ideia do “*estereótipo*”, o qual se estabelece a partir dos discursos dominantes e é fundamental para o estabelecimento do *ethos*. Nesse sentido, para que a imagem do locutor e a imagem de si sejam construídas e reconhecidas e, portanto, se legitimem, é necessário que as representações destes sejam partilhadas culturalmente.

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. (AMOSSY, 2005, p. 125-126).

Assim, na argumentação, tanto a imagem de si, como a construção do auditório acerca da imagem do locutor, passam pela estereotipagem. O estereótipo, então, permite conhecer as formas de pensar de uma comunidade e possibilita ao orador “adaptar” seu discurso aos valores/verdades cristalizadas e valorizadas por aquele grupo.

Como sabemos, nossa história traz em seu bojo uma série episódios e narrativas de discriminação contra as mulheres. São séculos de submissão e invisibilidade feminina, onde para mulheres, tradicionalmente, foi reservado o espaço privado, enquanto para os homens o espaço público.

Um olhar atento a esta história percebe, diferentes movimentos e deslocamentos em torno do sentido de ser mulher. Como já ressaltamos anteriormente, muitas conquistas foram efetuadas em relação à questão da equidade de gênero, mas a associação da feminilidade à ideia de “fragilidade, beleza e cuidado com o outro” ainda permeia fortemente o imaginário social contemporâneo. Atrelado a essa trilogia, aparece à afirmação de dependência da proteção masculina, da necessidade de deculturar o corpo – magro e branco – e plena realização através do casamento e da maternidade.

As mulheres estão rodeadas de um “*ethos* pré-discursivo” que tenta normatiza-las, uma construção discursiva impregnada de estereótipos e atravessada por uma política de gênero. Como afirma Scott (1989, p. 19), o gênero é um “princípio elementar das organizações sociais e contribui na construção de papéis atribuídos a homens e mulheres, isto é, influencia as expectativas que criamos e as formas como lidamos com o outro”. Sendo assim, é um elemento constitutivo das relações sociais, o qual se baseia nas diferenças percebidas entre os sexos.

As pessoas com deficiência também têm uma história marcada pela invisibilidade e pela segregação social. Geralmente, foram e são percebidas como sujeitos “improdutivos, anormais, indesejados” e que precisam estar longe do convívio social. Dessa maneira, ser mulher com deficiência é viver uma situação de *dúplice abjeção*: “as mulheres com deficiência estão em dupla desvantagem devido a uma complexa combinação de discriminação baseada no gênero e na deficiência” (MELLO, NUERNBERG, 2012, p. 639), são consideradas como “corpos desviantes” por subverterem os padrões hegemônicos de corpos “perfeitos, belos e saudáveis”.

O preconceito é vivenciado de forma ainda mais intensa por essas mulheres. Este é um dos motivos que inibem sua inserção social, ocasionando o isolamento seguido da rejeição; a qual encontra-se quase sempre associada aos sentimentos de perda, desvalorização, falta de autoestima e/ou frustração. O preconceito é um dos responsáveis pela estigmatização e exclusão social vivida por essas mulheres, diminuindo as redes sociais e modificando a rotina diária destas pessoas.

A estigmatização vivenciada por estes sujeitos proporciona identificações sociais que os segregam socialmente:

O estigma, por ser uma marca, um rótulo, é o que mais evidencia, possibilitando a identificação. Quando passamos a reconhecer alguém pelo rótulo, o relacionamento passa a ser com este, não com o indivíduo. [...] Nesse processo de rotulação, o indivíduo estigmatizado incorpora determinadas representações, passa a identificar-se com uma tipificação que o nega como indivíduo. (SILVA, 2006, p.427).

As mulheres com deficiência passam a ser percebidas e identificadas por essas diferenças tidas como negativas e distantes da “normalidade”.

Trabalhamos com uma perspectiva multidimensional, que contesta a ideia de influência unilateral da mídia, em especial da TV, sobre as pessoas. Buscamos discutir a constituição do “*ethos* cultural” acerca das mulheres com deficiência, entendendo que os discursos que são produzidos e veiculados, passam por processos de negociação e articulação, entre a mídia e a sociedade. Nos fundamentamos no pressuposto que as telenovelas funcionam como um “dispositivo pedagógico” que ensina, (re)cria culturas, educa os telespectadores, (re)afirma discursos e constitui sujeitos sociais.

Partimos da noção de discurso baseada em Laclau (2005). Nessa perspectiva, todo objeto se constitui como objeto de discurso. Uma estrutura discursiva é uma prática articulatória que tanto constitui quanto organiza as relações sociais. Laclau em seu livro *A Razão Populista* afirma que o discurso “é o terreno primário de constituição da objetividade como tal, [...] pode assumir qualquer complexo de elementos no qual as relações cumpram um papel constitutivo” (LACLAU, 2005, p. 69).

Nesse contexto, o discurso é objeto de luta pelo poder, pela representação e/ou visibilidade, ou seja, estratégias, repertórios de ação, gestualidade, ritualização, que são parte integrante das formações discursivas como lugares de luta pela hegemonia. Concebemos a novela como arena de disputa de sentido em torno da mulher com deficiência. Os discursos veiculados por ela passam por processos de

negociações que ora reproduzem discursos de negação e silenciamento, ora possibilitam a estes sujeitos espaços de visibilidade e reconhecimento.

É através do discurso que as relações sociais se estabelecem, sejam elas relações de exclusão ou não, sempre estão imbricadas em jogos de poder. Assim, Laclau (2005), define o discurso como:

(...) não quero dizer algo que seja essencialmente restrito às áreas da fala e da escrita, mas qualquer complexo de elementos no qual as relações cumpram um papel constitutivo. Isto quer dizer que os elementos não preexistem ao complexo relacional, mas se constituem através dele. Assim, “relação” e “objetividade” são sinônimos. (LACLAU, 2005, p. 68).

Nessa perspectiva, o discurso constitui as relações e estabelece as diversas posições de sujeitos. Para Laclau (2005), não é possível fazer diferenciação entre o textual e o não textual, a materialidade do real é penetrada pelo simbólico. Nesse sentido, os processos de segregação se dão inúmeras vezes, pelo *não dito* ou não objetivado, entendendo que a noção de *discurso* transcende a distinção entre o linguístico e o extralinguístico.

Entendemos que este trabalho traz contribuições para a área da educação, pois, como afirmamos anteriormente, a telenovela é um texto pedagógico que educa. À medida que a telenovela produz um ethos discursivo acerca das mulheres com deficiência, as subjetivam e ensinam “o lugar” que elas ocupam na sociedade.

É para questionar esse “lugar” que buscamos desenvolver este trabalho, pois enquanto Mulher-Pedagoga-Nordestina e Sertaneja, preciso continuamente está questionando e subvertendo o *ethos* e os lugares que esta sociedade machista, heteronormativa e patriarcal nos reserva, propagando assim para outras mulheres que elas também podem questionar esses lugares.

Dividimos este trabalho em três capítulos. O primeiro, denominado *Os dispositivos midiáticos e a mulher com deficiência* é dividido em cinco seções, onde buscamos apresentar a discussão teórica que fundamenta esta pesquisa. Na primeira seção intitulada *Os modos de subjetivar da mídia*, exploramos como a mídia tem se estabelecido durante a história enquanto um dispositivo pedagógico que (re)constrói sujeitos e subjetividades. Na segunda seção – *A produção da abjeção da mulher com deficiência* – discutimos a problemática da abjeção das mulheres com deficiência na mídia e as formas de exclusão e segregação pelas quais estas

mulheres estão submetidas. Na terceira – *A mulher na história do ocidente: uma questão de gênero*– fazemos uma discussão histórica sobre as mulheres na cultura ocidental, discutindo os padrões de gênero e a constituição da heteronormatividade. Na quarta seção apresentamos a trajetória histórica das pessoas com deficiência e a dupla segregação vivenciada pelas mulheres com deficiência, reafirmada pelo *ethos* discursivo estabelecido sobre essas mulheres no campo midiático e na sociedade em geral. Na quinta e última seção, apresentamos um levantamento da produção acadêmica sobre o tema, através de pesquisa na Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações (BDTD).

No segundo capítulo intitulado *Caminhos trilhados pela pesquisa*, apresentamos nosso percurso metodológico, ressaltando a escolha pelo campo de estudo, as dificuldades e os caminhos percorridos para traçarmos nossa linha de investigação. No terceiro capítulo – *A mulher com deficiência em telenovelas brasileiras*– buscamos responder aos objetivos deste estudo, desenvolvendo a análise do corpus com foco nas novelas produzidas pela Rede Globo de 1980 a 2016 e atenção especial a personagem *Linda*, da telenovela *Amor à Vida* (2013). Por fim, tecemos nossas considerações finais, sem a pretensão de esgotarmos as discussões acerca do tema.

## 2 OS DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS E A MULHER COM DEFICIÊNCIA

*"A ficção consiste então não em fazer ver o invisível, mas fazer ver quanto é invisível a invisibilidade do visível."*  
(Foucault, 1984, p. 524)

Neste capítulo discutimos acerca do *ethos* da mulher com deficiência nas telenovelas brasileiras, entendendo que a mídia funciona como um dispositivo pedagógico que educa e (re)cria subjetividades na contemporaneidade. Ele está dividido em cinco seções nas quais buscamos compreender a forma que mídia subjetiva os sujeitos sociais, entendendo que ela é um aparato de saber-poder que funciona como instância pedagógica constituindo sujeitos.

Discutimos acerca da produção da mulher no discurso midiático ao longo da história, especialmente na história do ocidente, a qual nos revela uma cultura pautada nos valores do patriarcado e do machismo. Buscamos assim, a desnaturalização dos conceitos de gênero, deficiência e corpo. Analisamos ainda, a condição das *mulheres com deficiência* e os processos de silenciamento e invisibilidade aos quais foram submetidas durante séculos de história. Defendemos que a mulher com deficiência sofre duplo estigma, visto que os padrões sociais do corpo perfeito e da sociedade patriarcal e heteronormativa recaem sobre ela.

Por fim, na última seção apresentamos um levantamento da produção científica acerca das mulheres com deficiência. Ressaltamos que os estudos que trabalham a questão de gênero em interseccionalidade com a deficiência, ainda são escassos e demandam de nós pesquisadores(as) empenho para que os discursos acadêmicos também possam promover a visibilidade desses sujeitos.

## 2.1 Os Modos de Subjetivar da Mídia

Como afirma Hall (2003), a cultura tem uma forte ação constitutiva nas nossas vidas. Toda prática social tem uma dimensão cultural, pois depende dos significados que com elas estão intimamente relacionadas. Para ele, “os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação” (HALL, 1997, p.17), isso faz com que a sociedade–família, escola, instituições religiosas, grupos comunitários, entre outros –sofram influências desses artefatos tecnológicos, os quais também operam como instâncias de “saber-poder”.

Nesse sentido, as mídias são aparatos de saber-poder, são instâncias pedagógicas as quais (re)produzem saberes e verdades. Propusemos a analisá-las justamente por acreditar que estas constroem identidades culturais e postulam diversas posições de sujeitos. Nesse trabalho o foco de estudo é a mídia televisiva, em específico as telenovelas. Esta escolha se deu pelo alcance massivo da TV na casa e na vida dos brasileiros.

Desde a segunda metade do século XX, mais precisamente na década de 1950, o Brasil ingressou na fase audiovisual com o nascimento da televisão. Foi o terceiro país do mundo a ter emissora. Nesse mesmo ano, funcionava a TV Tupi, inicialmente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, uma televisão ainda improvisada que importava equipamentos e treinava seus técnicos nos Estados Unidos. Isso graças à iniciativa de Assis Chateaubriand, o qual também introduzia aparelhos televisivos nas casas da elite brasileira. Já em 1965, o Brasil registrou a sua entrada na aldeia global, com a modernização das telecomunicações e, em pleno regime militar, cria-se a Embratel, a qual integrou o país ao sistema mundial de satélites. Em 1985, o país ingressava na ciber-comunicação alcançando a era dos computadores (MELO; TOSTA, 2008).

Com o avanço da TV no nosso país, foi possível unir o global e o local, o mundo e a comunidade, a cidade e a aldeia, pois esta sempre agiu de forma socializadora utilizando-se de “uma única linguagem” com o propósito de integrar. Mas, até que ponto podemos chamar esse processo de integrador? Quais os interesses por trás dessa integração nacional? Que linguagem única utilizada é essa?

Como afirma Melo e Tosta (2008), a mídia funciona como uma instância que influencia a população. Ao exercer a sua influência, propagando bens culturais, símbolos, imagens e sons, de forma muito sutil, a TV pedagogiza os sujeitos, ensinando comportamentos, linguagens e códigos.

De acordo com Hamburger (2011), a TV tornou-se elemento de consumo prioritário dos brasileiros:

Em domicílios de famílias de baixa renda, o aparelho televisor veio antes da geladeira e da máquina de lavar na lista de prioridades. A televisão se estabeleceu como meio capaz de falar a segmentos os mais variados em termos sociais, etários e regionais". (HAMBURGER, 2011, p.64).

Segundo dados do IBGE (Censo de 2010), os aparelhos de TV estão presentes em 95,1% das residências brasileiras. Concordando com Melo e Tosta (2008), acreditamos que “a TV constitui o principal elo dos cidadãos com o mundo. Seu impacto sobre a sociedade nacional é incomensurável” (p. 37). Dela se apoderam os vendedores de bens e serviços, bem como os “mercadores da fé e da política.” E se tratando das famílias de baixa renda, muitas vezes esse é o principal elo com o mundo, além de ser a única fonte de diversão e entretenimento.

Assim se estabelece a Indústria Cultural, aliada aos interesses e anseios do capital e estruturada segundo as regras da economia, buscando captar os desejos e aspirações dos seus consumidores em consonância com os seus interesses.

Segundo Melo e Tosta (2008, p. 78), a televisão monopoliza a atenção dos telespectadores/consumidores, pois “sua vantagem reside no apelo multisensorial (combinando visão e audição e despertando o tato e o olfato pelos efeitos da imagem em movimento)”. Os autores afirmam que até os sujeitos não letrados são cativados pela TV – desde as crianças, até os jovens e adultos não alfabetizados - pois as mensagens ali disseminadas dispensam o uso do código alfabético. É sob a liderança da TV que os meios de comunicação de massa, exercem um papel decisivo na formação da população brasileira “eles atuam verdadeiramente como educadores coletivos” (MELO; TOSTA, 2008, p. 79).

A partir das décadas de 1960-70, quando a TV começa a propagar-se no Brasil, mesmo sendo em uma época de regime militar intervencionista e repressor, onde a população brasileira vivia seus anos mais duros no que se refere às sanções democráticas, o conservadorismo autoritário do regime militar conviveu com a TV, a

qual servia “como vitrine aos comerciais e *merchandisings* que divulgavam os novos produtos da indústria nacional” (HAMBURGER, 2011, p. 66).

Ainda de acordo com Hamburger (2011), nessa mesma época, as telenovelas ascendem à posição de programas líderes de audiência, carros-chefes da programação de uma indústria que se estabelece como uma das maiores do planeta. “Vindas do Terceiro Mundo as novelas brasileiras penetram os mais diversos mercados, dentre os quais Portugal, Cuba, China e URSS, passando por França, Grécia e Estados Unidos.” (p. 66). Para a autora, as telenovelas têm suas raízes nas radionovelas, populares na América Latina, especialmente em Cuba.

A telenovela, aqui no nosso país, chamada simplesmente de novela, está presente na programação da TV desde a sua inauguração, em 1950. “Inicialmente feita ao vivo, não era diária, não ocupava o horário nobre, não era o programa mais lucrativo ou aquele que as emissoras investiam maiores recursos” (HAMBURGER, 2011, p. 67).

Com a inauguração da TV Globo, nos anos de 1970, a produção das novelas mudou, passou a ter um modo estilístico diferente das demais novelas produzidas na América-Latina, como por exemplo, o melodrama, característica relevante nas novelas mexicanas. A novela brasileira apresenta característica mais realista e aberta ao diálogo coloquial, trazendo temas e tensões sociais da vida contemporânea. Segundo Hamburger (2011), a novela teve inspiração na “*soap opera*”, seriado americano que ocupava os horários do café ou do almoço, espaços que não são nobres. Este gênero não possui começo, meio e fim e pode durar anos, inclusive acompanha o envelhecimento dos atores, já a novela dura apenas alguns meses e dominou o horário nobre das principais indústrias de TV do mundo.

Como a novela busca retratar questões do cotidiano social, as pessoas se sentem dentro das narrativas e, nesse sentido, constituem formas de ser e de se sentirem representadas nos personagens descritos e produzidos pelas telinhas, construindo assim identidades. É como se a novela funcionasse como um espelho do mundo, o qual reflete os dramas sociais e como afirma Charaudeau (2013), muitas vezes são “espelhos deformantes”, que mostram de forma estereotipada, cada uma a sua maneira, um fragmento do mundo. Esse olhar do mundo pela TV, através dos jogos de saber/poder constituem realidades e sujeitos que muitas vezes fogem do “real”. Por acreditarmos que as imagens reproduzem fielmente a realidade

é que permitimos que a mídia crie as suas verdades. Ainda segundo Charaudeau (2013):

A imagem televisual é a-contemplativa, pois, para que a contemplação seja possível, é preciso que o objeto olhado se fixe ou se desdobre na espessura do tempo e que o sujeito que olha esteja livre para orientar o seu olhar. Ora, a televisão se inscreve numa sequenciação temporal breve, que se impõe à instância que olha, orientando-a em seu olhar sobre os dramas do mundo. Assim, pode-se dizer que a televisão cumpre um papel social e psíquico de reconhecimento de si através de um mundo que se fez visível. (CHARAUDEAU, 2013, p. 112).

Nesse sentido, os sujeitos se constituem, também, através das “verdades” transmitidas pelas telinhas, da semiotização do real, cada um se projeta e assim, a televisão cria regimes de governo, participa ativamente da constituição desubjetividades.

A televisão e, em específico a telenovela, tem uma gramática, a qual, segundo Larrosa (2006), converte-se em um “texto “pedagógico” que busca a “fixação de dogmas”, a transmissão de ensinamentos, assim:

A novela pedagógica não seria outra coisa que um instrumento poeticamente sofisticado para persuadir ou convencer o leitor da verdade de alguma coisa e, se essa verdade for do tipo moral, para exportá-lo a atuar de determinada maneira. Por outro lado, a novela pedagógica seria basicamente comunicativa, no sentido de que a relação entre o autor e o leitor seria similar à que existe entre um professor e seu aluno, um pregador e sua audiência ou um orador e seu público. O emissor teria um projeto explícito sobre o destinatário e tentaria assegurar-se da eficácia da transmissão, isso é, da realização sem desvios de seu projeto. (LARROSA 2006, p. 124).

A novela, enquanto um texto pedagógico busca instituir verdades, traz sempre consigo um projeto a ser efetivado. Dessa forma, é necessário questionar que projeto seria este? A quais interesses esse projeto (de sociedade) está relacionado?

É importante ressaltar que entendemos “pedagogia” no seu sentido amplo, concordando com Giroux e McLaren (1995), de que ela se faz presente em todos os lugares onde sejam produzidos conhecimentos, “em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum” (p. 144). Compreendemos pedagogia nesse trabalho enquanto “pedagogia cultural”, área que abrange aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido de diferentes formas, incluindo-se as bibliotecas, a TV, os cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, entre outros.

Assumindo a pedagogia tal como entendida por Giroux e McLaren (1995), é possível entender como a televisão com seus métodos de produção e recepção, exerce uma pedagogia que ensina, constroem identidades, discursos e representações.

Silva (2004) chama atenção para como a pedagogia cultural, ao contrário daquela apresentada na escola, de forma “mágica” e bastante interessante consegue atrair diversos públicos para os seus “modos de ensinar”:

[...] imensos recursos econômicos e tecnológicos que mobilizam, por seus objetivos – em geral – comerciais, elas se apresentam, ao contrário do currículo acadêmico e escolar, de uma forma sedutora e irresistível. Elas apelam para a emoção e a fantasia, para o sonho e a imaginação: elas mobilizam uma economia afetiva que é tanto mais eficaz quanto mais consciente. (SILVA 2004, p. 140).

No espaço da mídia, os sujeitos têm a opção de “escolher” o que e onde aprender, diferentemente da escola, esse aprendizado acontece de forma muito mais efetiva, pois aqui não lhes é imposto o que aprender. É despertando os sonhos e os desejos que a TV subjetiva os sujeitos e constitui a sua cultura.

O conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” desenvolvido por Fischer (2002) nos permite entender de que modo a mídia, em particular a televisão, participa da construção de sujeitos e subjetividades, na medida “em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem a “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivemos.” (FISCHER, 2002, p.153). Assim, é possível entender a força da mídia, a qual não atua de forma unilateral, na constituição de sentidos e sujeitos na cultura.

A mídia produz e propaga uma série de valores, concepções, representações e aprendizados relacionados a quem somos, quem devemos ser, como devemos nos comportar, o que fazer com nossos corpos, com nossas sexualidades, com nossos sonhos e desejos. E ainda nos ensina como devemos olhar e significar “os outros” – negros e negras, mulheres, sem teto, pessoas com deficiência. Em suma: torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação– ao lado da escola, da família, das instituições religiosas” (FISCHER, 2002, p.153).Essas e outras esferas, muitas vezes, tentam nos dogmatizar, controlar através de uma rede

de discursos que afirmam e negam possibilidades de ser e existir. Segundo Fischer (2002):

A TV cria ou reforça processos de inclusão e de exclusão, quanto à classe, o gênero, a etnia, geração, profissão e assim por diante. Ou seja, a transformação de nossas vidas em espetáculos está diretamente relacionada a uma série de preconceitos, a uma série de valores e de definições... (FISCHER, 2002, p. 157).

São através dessas definições que se estabelecem as identidades dos grupos sociais tradicionalmente marginalizados, entre eles destacamos as mulheres com deficiência, que ao serem nomeadas, passam muitas vezes a ser tratadas e identificadas, pelas suas diferenças, sendo excluídas, por fugirem da norma, por serem os sujeitos da falta, como afirmava Skliar (2003).

Se somos sujeitos constituídos *na e pela* cultura, ao propagar-se, a TV também institui a sua cultura, e segundo Hall (1997), ela tem uma “cultura reguladora” “ideologicamente unificada em torno de discursos, práticas, significados e valores” (p. 17). São essas práticas e significações que este trabalho busca compreender, os mecanismos envolvidos na produção do *ethos* das mulheres com deficiência contempladas em narrativas telenovelisticas.

O *ethos* discursivo é construído, normatizado e envolvido por diversas variantes, entre elas: as normas do gênero, corpo e da sexualidade. Tradicionalmente, a maioria das produções novelísticas tem como público-alvo as mulheres, ainda ancorados na lógica patriarcal de que estas são alvos fáceis de serem ensinadas e/ou de que são aquelas que mais tempo permanecem em casa e, portanto, mais assistem TV. Sendo assim, essas produções estão a todo tempo dizendo sobre as formas de ser mulher – “a desejada”, “a sensual”, “a vulgar”, “a esposa ideal”, “a mãe virtuosa” “a abnegada”. Nesse sentido, Fischer (2001) afirma que:

O dispositivo pedagógico da mídia, especialmente da televisão produz formas particulares de subjetivação da mulher, colocando em jogo enunciados de vários campos de saber e poder, através de estratégias de linguagem que expõem o “feminino” em suas diferenças – de gênero, geração, etnia, condição econômica, social e cultural -, ao mesmo tempo que o definem como um “diferente” que deve ser tornado público e controlado, numa tensão permanente entre universais de gênero secularmente preservados e rupturas que buscam afirmar-se como resistência. (FISCHER, 2001, p. 597).

Ao pensarmos numa categoria universal de mulher estamos desconsiderando todas as outras possibilidades e pluralidades dos sujeitos que compõem esse grupo. Segundo Laclau (2011), ao pensar e afirmar uma categoria universal se instaura uma hegemonia, a qual tem sempre como objetivo homogeneizar e desconsiderar as outras possibilidades de ser; assim faz-se necessário o surgimento dos movimentos de resistência que reivindicuem esses espaços e viabilizem as “outras” possibilidades.

As mulheres que não se enquadram no padrão universal, geralmente, são tratadas como *abjeto*. As mulheres com deficiência, por não se encaixarem nos padrões hegemônicos de feminilidade, normalmente são silenciadas e invisibilizadas pela mídia. Mas, nos últimos anos personagens com deficiência passaram a fazer parte do enredo de algumas novelas. Nesse sentido, perguntamos: que padrões são desenvolvidos nas narrativas das telenovelas em relação à mulher com deficiência? Qual o “modelo” de mulher que a mídia tem produzido?

Concordamos com Fischer (2002) ao afirmar que hoje,

Não haverá praticamente um lugar, um dia de nossas vidas em que não sejamos chamados a cuidar de nosso corpo ou de olharmos para nossa própria sexualidade. Os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade, sobretudo, nos espaços dos diferentes meios de comunicação, perseguem-nos quase como instrumentos de tortura, corpos de tantos outros e outras nos são oferecidos como modelo para que operemos sobre nosso próprio corpo, para que os transformemos, para que atinjamos (ou pelo menos, desejemos muito) um modo determinado de sermos belos, magros, atletas, saudáveis, eternos. (FISCHER 2002, p. 160).

Nesse sentido, a mídia, em especial as telenovelas, através da construção e socialização de seus personagens pode ser consideradas instâncias pedagógicas que buscam a todo o tempo produzir padrões de corpos, ensinando a homens e mulheres a serem sujeitos. A mídia constitui feminilidades e masculinidades, produzindo assim, o “normal” e o “anormal”, o “desejado” e o “indesejado”, através de jogos sutis de poder.

Essas práticas constituem os processos de diferenciação que são indispensáveis na constituição do social, como nos alerta Bhabha (2005). Para ele, o conceito de diferença cultural torna-se crucial na medida em que a diferença é vista como uma forma de enunciação da cultura, ou seja, como um processo complexo de significações, através do qual se produzem afirmações e se instituem práticas das diversas culturas e dos diversos grupos sociais, das minorias, “dos diferentes”.

Nesse sentido, a mídia, enquanto “dispositivo pedagógico” cria processos de produção de mulheres e homens e a eles estipula padrões/modelos de subjetivação.

A mulher sempre ocupou uma posição de sujeito “outro”, seja em relação ao pai, ao esposo ou ao parceiro. Está sempre numa relação de diferença, essa representação, também, perpassa os aparatos midiáticos. De acordo com Fischer (2001):

Tal condição de “diferença”, “anormalidade” ou “maldição” feminina tem recebido os tratamentos mais variados ao longo da história da cultura ocidental. Na mídia de nossos dias, os modos como se constroem representações da afetividade, do corpo, da sexualidade da mulher de todas as faixas de idade e de todas as condições sociais indicam uma tensão entre as inúmeras conquistas das lutas feministas e aqueles universais que, entre outras posições, colocam a mulher entre a falta e a sedução. (FISCHER, 2001, p. 592).

Fischer utiliza-se das ideias de Foucault para tratar da íntima relação entre poder e subjetividade, poder e sexualidade e ainda poder e a constituição de gênero. Sendo assim, a mídia tem sido, segundo ela, um aparato de regulação e de poder que constrói e propaga através das “tecnologias disciplinares” a subjugação da mulher; proclamando as formas universalizadas dos modelos de beleza “amarrando-as a seus corpos, como “naturalmente” deficientes, em falta, doentes, frágeis – além de tantas outras qualificações” (FISCHER, 2001, p. 593). Essas tentativas de fixar as identidades das mulheres devem ser analisadas a partir do olhar dos estudos de gênero e da diferença, para que assim seja possível questionar e denunciar as relações de poder e opressão que já estão cristalizadas e naturalizadas tanto na sociedade como na cultura midiática.

Faz-se necessário, como aponta Fischer (2005), “pensar sobre o modo como estamos sendo imaginados, construídos, nomeados, interpelados. Pensar sobre a complexidade desse mundo feito de imagens, que nos cobra diariamente um tipo de ação, de posicionamento, de gesto” (p.56). Ou seja, é preciso exercitar uma leitura crítica da mídia, pela qual possamos repensar as ideias e certezas que parecem ser tão natural, indo além do que nos é dado a ver de imediato.

## **2.2 A Produção da Abjeção da Mulher com Deficiência**

É entendendo os sujeitos na sua pluralidade que este trabalho se dispõe a analisar o *ethos* da mulher com deficiência em telenovelas brasileiras. Pensar sobre essa questão nos faz refletir sobre alguns aspectos importantes: 1) a

desnaturalização dos conceitos de gênero, deficiência e dos corpos; 2) a dimensão identitária inscrita nos corpos; 3) uma ética feminista da deficiência e do cuidado. Tendo em vistas as discussões já trilhadas aqui acerca da construção discursiva das coisas, é possível não mais aceitá-las como naturais e sim pô-las em questão.

Os corpos, como afirma Butler (2010) não são naturais e biológicos apenas, são, também, discursivos, estando estes em permanente construção. O corpo é uma variável e não uma constante. Assim, a mídia ao propagar imagens de corpos “padronizados”: mulheres magras, altas, loiras, com corpos esculturais; exclui e segrega os corpos “outros”. Quando esse corpo é lesionado, no caso das mulheres com deficiências, sofrem processos de forte estigmatização por subverter o padrão, mas esse corpo com lesão também cria uma corporalidade específica, a qual será a marca, o rótulo do “corpo deficiente”, por isso a importância do debate das teóricas feministas em pensar a radicalização da desnaturalização do corpo, levando este debate para além do corpo perfeito. À medida que contemplam uma análise profunda sobre o estatuto social da cultura do corpo, sobre a política da aparência, da medicalização da subjetividade e do corpo considerado deficiente, possibilitam um novo olhar e novas concepções acerca dos corpos (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 644).

Ainda nesse sentido, Louro (2010) afirma que “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (p.14), e ainda nos traz uma reflexão importante para pensarmos a influência da cultura na construção desses corpos, ao afirmar que:

Inscrevemos nos corpos marcas de identidades e conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e identificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas como se expressam. (LOURO, 2010, p.15).

É assim que se constituem os processos de identificação e diferença, que implicam como afirma a autora, na “instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias”, as quais estão estritamente marcadas por relações de poder.

Nessa perspectiva, Butler (2010) nos oferece conceitos importantes para pensarmos a construção dos padrões relacionados ao corpo. Traz para o debate a ideia de “*performatividade*” e de corpo “*abjeto*”. Apesar da autora não tratar de corpos com deficiência é possível estabelecer essa relação. Para ela, a performatividade são normas regulatórias, que produzem, materializam, constroem os corpos: “a

performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, em vez disso, como prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2010, p. 154). Assim se constituem a “fixidez” do corpo. Tudo além do estabelecido é visto como subversivo, sendo estranho, grotesco, indesejável.

A essas possibilidades negadas e estranhas, Butler (2010), nomeia de “*abjeto*”:

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas”, “inabitáveis” da vida social, que são não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito. (BUTLER, 2010, p. 155).

Como bem explora Butler, a norma que ela chama de matriz, ao produzir o corpo perfeito, cria em oposição o “imperfeito”, este será negado, silenciado e habitará o local do não desejável, mas este local é necessário para que dali ele reivindique seu direito de existir, é o que Laclau (2011), assim como Butler chama de *exterior constitutivo*, é esse local que de forma antagônica, desestabiliza a estrutura hegemônica e constitui outros locais possíveis.

Mello e Nuernberg (2012) ao discutirem a produção da performatividade nas pessoas com deficiência apresentam um conceito interessante que chamam de “*Performatividade queer*”. Este conceito fundamenta-se na Teoria Queer que tem como principal característica a crítica à heteronormatividade. A própria escolha do termo “queer” por ser um xingamento, denota de acordo com Louro (2010), a centralidade da crítica a qualquer processo de normalização dos corpos e das pessoas. Ao fazer analogia à performatividade *queer*, Mello e Nuernberg (2012) nomeiam os corpos com deficiência como: *corpos desviantes* que subvertem os padrões hegemônicos da normalidade.

As pessoas com deficiência são identificadas socialmente e legitimadas como deficientes, pelas marcas que carregam nos seus corpos. Assim como existe um padrão de normalidade, é criado também um padrão da “anormalidade”, marcado sempre pelas relações assimétricas e desiguais.

Os corpos com deficiência também precisam se enquadrar num sistema de produção e classificação de sujeitos, no qual se produz e confirmam estereótipos

relacionados às deficiências. Nesse sentido, “os corpos deficientes são considerados corpos *queer*, fazendo parte do rol das corporeidades abjetas” (MELLO; NUERNBERG, 2012). Esta corporeidade abjeta fere a ordem social, demarcando os limites da “normalidade” e da “anormalidade”.

Esse corpo deficiente incomoda os “normais”, pois é o grotesco, o monstruoso, o estranho, como afirma Mello e Nuernberg (2012):

A abjeção ou repulsa que o corpo deficiente provoca nos “normais” afeta a relação com o outro e com o próprio corpo naquele que se sente diferente, adquirindo um protagonismo superlativo que se soma as exigências de encaixar o outro dentro de padrões hegemônicos, antropométricos, fisiométricos e psicométricos, sendo ele exterminado ou segregado, apartado do convívio com os “perfeitos, belos e saudáveis”. (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 644).

Assim como produzimos, discursivamente, o corpo “perfeito”, passamos a idealizar e produzir os “corpos imperfeitos”, e por esta “imperfeição” estes passam a ser segregados e excluídos do convívio social. Quais os mecanismos de construção desse corpo imperfeito? Quais as vozes que ditam essa imperfeição? Em quais padrões de perfeição estão baseados?

Concordando com Goellner (2012), “o corpo é também construído pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe, ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir normalidades e anormalidades” (p. 29). Mas, essas representações são sempre temporárias, efêmeras e se alteram de acordo com o lugar/tempo, o contexto ético, político e econômico.

Se a produção do corpo está intimamente relacionada com o seu contexto, acreditamos que:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. (GOELLNER, 2012, p. 29).

É seguindo esta perspectiva que este trabalho se dispõe a discutir as intervenções do dispositivo midiático produzidas no corpo das mulheres com deficiência. Que pedagogizações estes corpos carregam? Quais as possibilidades

de reinvenção e deslocamento do corpo da mulher com deficiência em telenovelas brasileiras?

Acreditamos que as mídias, aqui especificamente as telenovelas, exercem uma ação performativa, tendo em vista que participam de um campo de negociações de sentidos e significados que sofrem deslocamento e estão sempre em disputa. Hora podem produzir a abjeção das mulheres com deficiência como mais uma forma de reiteração dos padrões hegemônicos – do corpo magro, perfeito, branco, heteronormativo, fértil –, hora podem veicular discursos de visibilidade e reconhecimento. Por isto, afirmamos que a telenovela é um campo de tensão e disputa sobre a mulher com deficiência.

As mudanças discursivas ocorrem ao longo da história em virtude de lutas pela visibilidade e pelos direitos das mulheres e das pessoas com deficiência. Estas instâncias da sociedade civil pressionam e alteram a enunciação midiática.

### **2.3 A Mulher na História do Ocidente: uma Questão de Gênero**

Desde sempre a relação homem/mulher foi marcada por diferenças físicas, biológicas e comportamentais, diferenças estas que tradicionalmente foram/são reguladas por relações de poder pautadas numa perspectiva dual na qual o homem é tomado sempre como em posição superior à mulher. Foi ao questionar esses lugares que, a partir da segunda metade dos anos 60, surgem os movimentos sociais feministas.

O movimento feminista sempre foi composto por diversas mulheres, com diferentes bandeiras de lutas, mas o ponto nodal do movimento é a equidade entre os gêneros. O movimento tem sua raiz na França, desde os primórdios da Revolução Francesa, no século XVIII, onde as mulheres de forma ainda incipiente lutavam pelo seu direito à cidadania, pelo direito de existirem legalmente fora de casa.

As principais lutas do movimento perpassavam sobre o direito ao espaço público, à autonomia, ao espaço político, por direitos sexuais e reprodutivos, contra a dominação feminina; entre tantas outras, pois o movimento sempre foi composto por diferentes mulheres – da classe burguesa, operárias, camponesas, intelectuais, brancas, negras, lésbicas, entre outras – com pretensões diversas.

Em meio a essas contestações, juntam-se as questões teóricas ao movimento, o qual assumiu, também, em alguns contextos, um caráter acadêmico. Assim, surgem os *Estudos da Mulher*, que fazem coro com as lutas da militância, com ênfase, entretanto, no desenvolvimento de pesquisas teóricas e empíricas sobre as relações desiguais de gênero. Tais estudos tiveram papel essencial na visibilidade das mulheres revelando seu papel no campo das ciências, da história e da arte.

Os estudos da Mulher passaram a questionar os papéis considerados historicamente femininos e a ausência destas em espaços predominantemente masculinos, pois como sabemos, a mulher era designada para o cuidado do lar, da família e dos filhos. Aos homens, reservavam-se os espaços públicos, a ciência e a política. Segundo Louro (2010) através da criação de grupos de debates, pesquisas e publicação em eventos de trabalhos produzidos por mulheres, nesse período, os estudos feministas se fortaleceram e se consolidaram.

Assim, esses estudos levaram para o campo acadêmico—um lugar tradicionalmente masculino—as problemáticas sociais vivenciadas pelas mulheres, transformando esses problemas sociais em objetos de pesquisa. A academia passou a pesquisar sobre: família, sexualidade, emoções, maternidade, relações familiares, questionando as supostas “objetividades e neutralidades” científicas.

De acordo com Sabat (2003), “nesse período, diferentes perspectivas direcionavam as pesquisas feministas; as mais representativas eram o marxismo e a psicanálise, além do feminismo radical que propunha uma reflexão que estivesse fora da lógica masculina, até então predominante” (2003, p. 75), mas estas diferentes perspectivas teóricas tinham como objetivo questionar o que era tido como “natural”, as diferenças entre os sexos. Os pressupostos biológicos serviam para justificar as desigualdades econômicas, políticas e sociais vividas entre homens e mulheres. Surge, assim, o conceito de *gênero*, como um pressuposto para pensar essas relações que eram dadas e justificadas através do sexo biológico.

De início, algumas feministas começaram a utilizar a palavra “gênero”, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1989). A palavra indicava segundo a autora uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”. “O gênero sublinhava, também, o aspecto relacional, as definições normativas das feminilidades” (p.3). Assim, no início da década de 70, o conceito de gênero ainda

estava ligado intimamente aos estudos sobre a mulher, o que de certo modo as privilegiava em relação aos homens. Mas, o debate epistemológico feminista interrogava sobre a possibilidade de produzir conhecimentos feministas que não pensasse a mulher de forma isolada e sim pudesse problematizar e questionar as relações existentes entre os gêneros.

Os estudos de gênero se ampliam quando, na década 80, uma ramificação dos estudos feministas passa a criticar categorias que antes eram tomadas como universais, entre elas a heterossexualidade e a articular a discussão sobre gênero ao debate sobre outras condições de desigualdade social: classe, raça, etnia, religião, geração etc. Revelando a impossibilidade de discutir sobre essas questões de forma isolada.

Todos esses movimentos de lutas por reconhecimento e valorização das mulheres, enquanto sujeitos sociais geram novas produções de significado sobre ser mulher. As mulheres começam a conquistar outros espaços que antes lhes eram negados e suas vozes passam a ser, paulatinamente, ouvidas.

Dentro deste contexto, emergem, também, reflexões pós-estruturalistas sobre gênero e sexualidade problematizando questões como a centralidade nos sujeitos, as metanarrativas, as microrrelações de poder, a construção social das identidades de gênero, da sexualidade e a masculinização da ciência. Scott (1989) propõe que o gênero seja analisado como uma “categoria social”, ou seja, como “uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres” (p. 7).

De acordo com Sabat (2003), alguns temas centrais foram se incorporando à agenda dos estudos nesta área, entre eles: as diferentes formas de conceber o conhecimento; a desconstrução dos binarismos; o questionamento da identidade unificada; a concepção de linguagem como construtora da realidade e a concepção de poder como algo ramificado nas relações sociais. Os estudos de gênero, então, passam a considerar o sujeito como efeito da cultura, o que implica observá-lo como um conjunto de complexas relações de gênero, sexuais, raciais, étnicas, geracionais, religiosas. Desse modo, a própria categoria “mulher” passa a ser questionada: não existe uma essência biológica, um sujeito universal chamado mulher. (SABAT, 2003, p. 78)

Nesse sentido, é impossível pensar em mulheres como uma categoria única, pois estas se constituem através da linguagem (processos de significação) e as suas

subjetividades estão atravessadas por diversas dimensões, tais como: classe, gênero, raça, etnia.

Retomando a ideia da constituição das posições de sujeitos na sociedade, Laclau (2011), no livro *Emancipação e Diferença*, discute sobre dois conceitos-chaves que estão atravessados pelas relações de poder: o particular e o universal. Eles nos levam a entender como se estabelecem as hierarquias sociais e como se dá o processo de hegemonia. Para o autor, “o *universal* nada mais é do que um particular que em algum momento se tornou dominante” (p.54), ou seja, “um universal concebido como espaço homogêneo, diferenciado por suas articulações internas e um *sistema* de diferenças que constitui um todo unificado são exatamente a mesma coisa” (p.57).

É preciso ter como premissa que o particular e o universal estão imbricados e que é através desses dois processos que se constituem as identidades, sendo assim possível perceber que há uma “negação”, que muitas vezes é implícita, das particularidades dos sujeitos e, até mesmo, a exclusão para que se estabeleça uma universalidade.

Nesse sentido, o universal não tem um conteúdo próprio, visto que, origina-se do particular, mas como afirma Laclau (2011), esse universal é sempre inatingível; mesmo que se consolidem processos de exclusão para que certos grupos ou identidades sociais se estabeleçam. O “universal é incomensurável” e é resultante da formação de “uma cadeia de equivalências”, compostas por diversos “significantes flutuantes”, os quais ao se unirem, buscam uma fixação parcial, constituem a hegemonia.

Ao considerarmos gênero uma *categoria social*, como defende Joan Scott (1989), é possível entender como os binarismos se estabelecem, na tentativa de constituir conceitos ou sujeitos unitários e universais. Esse exercício permite-nos perceber como as categorias: ‘homem’, ‘mulher’, ‘normal’, ‘anormal’ são processos históricos e não naturais. É importante, também, chamar a atenção que ao trabalhar com binarismos, pressupõe-se que em cada lado das oposições há homogeneidade, ocultando-se assim as múltiplas “diferenças” implicadas em cada polo binário.

Neste estudo, adotamos o conceito de gênero proposto por Scott (1989): como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primeira de significar as relações de poder. A

política de gênero enquanto constitutiva das relações sociais está fundamentada, de acordo com Scott (1989), em quatro elementos relacionados entre si. O primeiro elemento seria “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias)”, nesse sentido a autora apresenta os exemplos históricos das personagens bíblicas como Maria e Eva, as quais são consideradas símbolo da mulher na tradição cristã, “mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção” (p.21). Sendo assim, estabeleceu-se culturalmente o arquétipo do ser mulher e em oposição a este todas aquelas que não se encaixam neste modelo são mulheres da escuridão ou da corrupção. Nesse sentido, é interessante perceber: quais as representações simbólicas que são evocadas, quais as suas modalidades e em quais contextos essas surgem e permanecem? É o que buscamos ao analisar os textos pedagógicos das telenovelas, entendendo que estes símbolos constroem as tramas que interferem na realidade social e na produção dos modos de “ser mulher”.

O segundo elemento caracteriza-se pelos “Conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos, por exemplo, em doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas” (ibidem) e, igualmente, na mídia que, também, dogmatiza e estabelece padrões de comportamento na sociedade, entre eles, os associados à mulher. Essas posições normativas, como coloca Scott, estão sempre embasadas em “oposições binárias” que afirmam de forma categórica os sentidos do masculino e do feminino, do normal e do patológico. Os quais se estabelecem com as rejeições ou repressões de outras possibilidades alternativas, o que nos motiva a compreender se existe ou já existiram confrontações a respeito desses “outros”, buscando entender em que circunstâncias elas acontecem e em quais momentos históricos se estabeleceram.

O terceiro seria a “falsa noção de fixidez dos gêneros”, sendo, nesse sentido, necessário questionarmos esses paradigmas que foram estabelecidos ao longo do tempo e que tem considerado a mulher enquanto segundo sexo. Sendo assim, é preciso atentar para a “noção do político” como afirma Scott (1989), ir além do uso reducionista da categoria de gênero ligada ao sistema de parentesco. “Segundo ela “precisamos de uma visão mais ampla que inclua, não só o parentesco, mas também (em particular, para as sociedades modernas complexas) o mercado de trabalho [...], a educação [...], o sistema político. ” (p.22), acrescentamos aqui

também a mídia, que, como toda construção social é rodeada de uma rede de saber-poder que determina processos de inclusão e exclusão.

O quarto elemento constituinte da categoria de gênero enquanto constitutiva das relações sociais é a “identidade subjetiva”, ou seja, “o gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1989, p. 23).

O pós-estruturalismo tem em seu bojo de discussão o método da *Desconstrução* de Derrida, o qual busca desmontar as lógicas internas aos binarismos, a fim de mostrar as suas limitações, o que nos faz perceber a gama de diversidade presente nos polos, possibilitando assim a valorização e o reconhecimento do pluralismo dos gêneros.

“O método de desconstrução permite-nos questionar os esquemas dicotômicos” (MARIANO, 2005, p. 486). Utilizando a *desconstrução*, é possível enfatizar que as categorizações sociais são discursivamente construídas e trazem na base de sua construção a ideia de um sujeito universal e homogêneo. A lógica pós-estruturalista nos convida a entender, como afirma Laclau (2011), que o sujeito é fluido, contingente e plural e que os sentidos estabelecidos historicamente sobre gênero estão sempre inseridos em processos de disputa.

#### **2.4 Pessoas com Deficiência: Segregação, Assistencialismo e Propostas de Práticas Inclusivas**

Ao fazermos uma breve incursão na história da humanidade podemos perceber que a maneira de vere nomear a pessoa com deficiência, variou ao longo do tempo. Alguns autores, entre eles Pessotti (1984), ressaltam que há poucos registros a respeito das pessoas com deficiência no período que antecedeu a Idade Média. Sabemos, no entanto, através de dados fornecidos pelas diversas áreas que, que nas sociedades primitivas em decorrência dos povos serem nômades e dependentes da natureza para alimentação e sobrevivência, não havia lugar para “os fracos”, para aqueles que não tinham condições de colaborar de forma efetiva nas atividades produtivas. Assim, como afirma Gugel (2016), as crianças que nasciam fracas ou com qualquer deformidade eram abandonadas a própria sorte por serem consideradas como empecilhos para a sobrevivência do grupo.

Na civilização grega havia uma preocupação constante com a formação do homem perfeito, heroico, evidenciando-se o corpo e o espírito para se atingir a

perfeição. Nessa perspectiva, as pessoas que apresentavam alguma deficiência não correspondiam ao padrão de virtude estabelecido na *polis* grega. Para Martins (1987), “esse ideal de homem perfeito, sem qualquer anormalidade no corpo e na mente, trouxe como consequência a instituição de um sistema eugênico, amplamente aceito e difundido na literatura filosófica antiga” (p. 128). Assim, mais uma vez, a história exclui e segrega estes sujeitos, a eliminação por exposição ou abandono era destino certo para as pessoas nascidas “disformes”.

Na Idade Média, período compreendido a partir do século V (ano de 476), há uma mudança de paradigma, mas a condição de segregação não se modifica. Enquanto que para os gregos a interpretação da deficiência era vista pela perspectiva filosófica, na cultura judaico-cristã ela passa a ser assumida sob um viés teológico, considerava-se como impureza, resultado do pecado do homem e consequentemente “como castigo de Deus. Os supersticiosos viam nelas poderes especiais de feiticeiros ou bruxos. As crianças que sobreviviam eram separadas de suas famílias e quase sempre ridicularizadas.” (GUGEL, 2016, p. 6). Com o cristianismo, passa a haver uma nova visão sobre as mesmas, começa, a ser vistas como “criaturas de Deus”, prática decorrente da difusão dos valores relativos ao amor ao próximo e à compaixão, instalando-se assim uma visão mais tolerante às mesmas. De acordo com Martins (1987):

[...] essas pessoas começam a ser recolhidas em asilos, igrejas, conventos e até em suntuosos hospícios criados pela nobreza, ficando ali amontoadas e isoladas, em total promiscuidade, juntamente com velhos, pobres, doentes, mutilados, prostitutas e loucos. Dessa forma, elas eram assistidas, ou seja, “protegidas” e, ao mesmo tempo, a sociedade era poupada de conviver com seres considerados como inúteis, aberrantes ou anti-sociais. Não havia uma preocupação efetiva com a melhoria das condições de vida dessas pessoas. (MARTINS, 1987, p. 131).

Embora fossem beneficiadas com a caridade dispensada pelos cristãos, às pessoas com deficiência continuavam sendo alvo de exclusão e tendo seus direitos negados. A história ainda relata que mesmo com a mudança de paradigma acerca da pessoa com deficiência que antes era associada a figurado demônio e agora se torna criatura de Deus, nos rituais da Inquisição Católica estas ainda eram condenadas a morte na fogueira.

Com as mudanças sociais surgidas a partir da ascensão da burguesia, a população da época começou a ter mais poder de decisão sobre sua existência. Se, na Idade Média, a deficiência estava associada ao pecado, a algo impuro, na Idade

Moderna, a deficiência passa a ser vista como uma disfunção orgânica, as ações agora dispensadas às pessoas com deficiência, tinham caráter clínico, com tratamento médico daquilo que era considerado anormal, o que constituiu a visão patológica da deficiência.

Os hospitais passam a atender as pessoas com deficiência física, cegas e surdas. Com os avanços tecnológicos, surgem diversos métodos assistenciais para estas pessoas, entre eles: a língua de sinais para pessoas com deficiência auditiva, um sistema de códigos para ensinar as pessoas surdas a ler e escrever, o que contrariou o pensamento da sociedade da época que não acreditava que pessoas surdas pudessem aprender.

No século XIX, sob os reflexos das ideias humanistas da Revolução Francesa, inicia-se uma forte onda de estudos sobre a deficiência, pois agora havia a concepção de que esta necessitava de um olhar específico, surge também nessa época o sistema de Braille que auxiliaria a comunicação das pessoas com deficiência visual. (GUGEL, 2016)

No Brasil, por insistência de Dom Pedro II (1840-1889), seguia-se o modelo europeu do assistencialismo às pessoas com deficiência. Assim, foi criado em 1854 o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atualmente Instituto Benjamin Constant um marco para a Educação Especial no Brasil. Em 1857 o imperador apoiando as ações do francês Hernet Huet, funda o Imperial Instituto de Surdos e Mudos, hoje o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, o qual passou a atender pessoas surdas em todo país, a maioria abandonada pelas famílias (ibidem).

O século XX trouxe avanços significativos para as pessoas com deficiência, sobretudo em relação às ajudas técnicas ou elementos tecnológicos assistivos. Os instrumentos que já vinham sendo utilizados, tais como: cadeiras de rodas, bengalas, sistema de ensino para surdos e cegos, foram sendo aperfeiçoados.

A partir do final da década de 60, no Brasil e em diversas partes do mundo, principalmente na Europa, surgem movimentos para inserir pessoas com deficiências na educação, esporte e lazer, tentando romper a ideia de segregação, mas ainda com um caráter assistencialista, baseados na prática da *integração*. Tinham como apoio o *modelo médico da deficiência*, que segundo Sasaki (2016, p. 8-9), propunha “modificar (habilitar, reabilitar, educar) a pessoa com deficiência para torná-la apta a satisfazer os padrões aceitos no meio social (familiar, escolar, profissional, recreativo, ambiental)”.

Na perspectiva integrativa, o sujeito com deficiência é parte integrante da sociedade, mas a sua condição de segregação e exclusão não se modifica. Nesse sistema a sociedade não institui esforços para garantir os direitos desses; não investe em políticas públicas, em tecnologia, em recursos materiais, entre outros, pois o seu papel é “apenas” aceitar/tolerar os sujeitos com deficiência, os quais devem se adaptar aos modelos estabelecidos por esta sociedade integrativa.

A partir da década de 90, se consolida o segundo movimento que tem a ver, com a *prática da inclusão*, a qual segue o *modelo social da deficiência*. Como explica Sasaki (2016), esse movimento, diferente do anterior, tem como premissa modificar a sociedade (escolas, empresas, políticas públicas, serviços, etc) para torná-los capazes de acolher e respeitar em suas individualidades todas as pessoas. Mas, nem sempre essas mudanças ocorreram de forma significativa, alterando a estrutura das organizações. Como aponta Skliar (2003), muitas vezes esses movimentos de mudanças são superficiais, mudam as nomenclaturas, as legislações, mas a relação com o outro não se altera, o olhar dispensado permanece o mesmo, é uma mera “burocratização do outro”. Não se exerce nenhuma alteridade, “nenhuma metamorfose nas nossas identidades”.

Na tentativa de desenvolver um novo olhar para esse “outro”, surge no Reino Unido com os trabalhos do sociólogo Paul Hunt, o *Modelo Social da Deficiência*, perspectiva que tem por objetivo analisar a deficiência pelo viés sociológico. Nesse sentido, a deficiência não é percebida como uma desvantagem natural e sim como uma construção social. Os escritos de Hunt procuravam compreender o fenômeno sociológico da deficiência partindo do conceito de *estigma* proposto por Erving Goffman. Para Goffman: “os corpos são espaços demarcados por sinais que antecipam papéis a ser exercidos pelos indivíduos. Um conjunto de valores simbólicos estaria associado aos sinais corporais.” (DINIZ, 2007, p. 13)

É possível estabelecer um diálogo entre os teóricos do Modelo Social da Deficiência e os teóricos da corrente pós-estruturalistas, já que estes partem da perspectiva do discurso como construtor de identidades e marcadores sociais. Assim, o Modelo Social da Deficiência propõe uma resistência política e intelectual ao modelo médico de compreensão da deficiência. Como afirma Diniz (2007, p. 15), “a deficiência não deveria ser entendida como um problema individual, uma “tragédia pessoal”, mas sim uma questão eminentemente social (...)”. Para esta perspectiva teórica, a experiência da deficiência não é resultado de suas lesões, mas do

ambiente social hostil à diferença, pois a sociedade cria barreiras arquitetônicas, discursivas e atitudinais que ocasionam a segregação e a exclusão das pessoas com deficiência.

Neste trabalho buscamos entender como estas barreiras se consolidam nas narrativas das telenovelas, em especial, na construção do *ethos* da mulher com deficiência.

Uma questão que sempre perpassou os processos de integração e inclusão das pessoas com deficiência na sociedade foi a terminologia: que nome dá para designar essas pessoas tidas como “sujeitos da falta”? Seria portador de deficiência, pessoa portadora de necessidades especiais ou deficientes? Concordando com Sassaki (2003, p. 1), é preciso “deixar bem claro que jamais houve ou haverá um único termo correto, válido definitivamente em todos os tempos e espaços, ou seja, latitudinal e longitudinalmente”. Sabemos como já citamos aqui anteriormente, que a razão disto é a fluidez e a contingência dos sujeitos (LACLAU, 2011), pois cada contexto e realidade histórica validarão seus termos de acordo com um conjunto de regras e normas vigentes. Sassaki (ibidem) no seu texto “*Como chamar as pessoas que têm deficiência?*” apresenta uma trajetória dos termos utilizados ao longo da história para “nomear” as pessoas com deficiência, trazendo ainda os termos, significados e valores destes.

Um dos últimos termos adotados pelos discursos oficiais, como pela Constituição Federal e nos discursos não oficiais no nosso país a partir dos anos noventa, foi o termo *portador*, o qual foi alvo de serias críticas, pois faz uma alusão a “carregadores”, pessoas que “portam” (levam) uma deficiência. “A deficiência passou a ser um detalhe da pessoa” é como se a qualquer momento a pessoa pudesse se livrar, deixar de portar a deficiência (SASSAKI, 2003). No Brasil e no mundo, os movimentos sociais passaram a adotar, recentemente, a terminologia “Pessoas com Deficiência”. O termo, hoje, faz parte da Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência. Nesse sentido, Sassaki (ibidem), aponta alguns princípios básicos, dos quais comungamos, para que os movimentos tenham escolhido este nome, entre eles:

1. Não esconder ou camuflar a deficiência;
2. Não aceitar o consolo da falsa ideia de que todo mundo tem deficiência;
3. Mostrar com dignidade a realidade da deficiência;
4. Valorizar as diferenças e necessidades decorrentes da deficiência;
5. Combater neologismos que tentam diluir as diferenças, tais como “pessoas com capacidades especiais”, “pessoas com eficiências diferentes”,

“pessoas com habilidades diferenciadas”, “pessoas deficientes”, “pessoas especiais”, “é desnecessário discutir a questão das deficiências porque todos nós somos imperfeitos”, “não se preocupem, agiremos como avestruzes com a cabeça dentro da areia” (i.e, “aceitaremos vocês sem olhar para as suas deficiências”);

6. Defender a igualdade entre as pessoas com deficiência e as demais pessoas em termos de direitos e dignidade, o que exige a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência atendendo às diferenças individuais e necessidades especiais, que não devem ser ignoradas;

7. Identificar nas diferenças todos os direitos que lhes são pertinentes e a partir daí encontrar medidas específicas para o Estado e a sociedade diminuam ou eliminarem as “restrições de participação” (dificuldades ou incapacidades causadas pelos ambientes humano e físico contra as pessoas com deficiência). (SASSAKI, 2003, p. 5)

É nesse sentido, de afirmar politicamente a deficiência, que este trabalho também adota o termo: “*pessoas com deficiência*”, entendendo que devemos olhar para a deficiência desses sujeitos, como uma diferença, as quais nos constituem enquanto sujeitos diversos; enxergando nestes as suas possibilidades e potencialidade, não fazendo da deficiência um rótulo. Retomando mais uma vez a ideia que nenhuma denominação ou terminologia dá conta de forma plena de traduzir as identidades dos sujeitos, nos filiamos a esse termo como cumprimento de uma exigência acadêmica.

Considerando a amplitude que os discursos “inclusivos” tomaram na sociedade, faz-se necessário analisar o processo de constituição destes; como eles se estabeleceram; quais as estratégias que os ditam e os regulam.

De acordo com as discussões feitas por Amossy (2011), os discursos se estabelecem nas culturas e nas sociedades levando em consideração uma série de artefatos e ideias pré-concebidas, é o que ela chamaria de “*ethos* prévio”, o qual se caracteriza “pela imagem que o auditório faz do locutor no momento em que este toma a palavra” (p.25), nesse sentido, o *ethos* prévio tem uma relação íntima com o que chamamos de “estereótipo”, as ideias já cristalizadas coletivamente as quais permitem a adesão de valores comungados por um grupo social.

Pensar acerca da construção deste *ethos* não é algo fácil e talvez nem consigamos descobrir os caminhos que levaram ao estabelecimento deste, mas concordando com Duschatzky e Skliar (2011), que a Modernidade construiu e instituiu diversas formas de poder e controle, entre eles “inventou e se serviu de uma lógica binária, a partir da qual denominou de diferentes modos o componente negativo da relação cultural: marginal, indigente, louco, deficiente, drogado, homossexual, estrangeiro etc.” (p. 123). A lógica binária atua projetando um padrão,

subordinando e excluindo do centro todos aqueles que não são familiares. “Dessa forma, o estereótipo, que é umas de suas principais estratégias discursivas, acaba sendo uma modalidade de conhecimento e identificação que vacila entre aquilo que está sempre em um lugar já conhecido, ou melhor, esperado, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (ibidem).

São esses estereótipos que irão garantir as repetições e propagações discursivas dos padrões/modelos estabelecidos historicamente, originando as estratégias de marginalização e exclusão que tentam eliminar toda a heterogeneidade do social. Pois, só há o marginal porque há o sujeito moral, só existe o homossexual porque o heterossexual se faz por modelo, o anormal porque se estabeleceu o padrão da normalidade.

Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nossos discursos e nossas práticas. Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicância etc. e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos. (DUSCHATZKY; SKLIAR 2011, p.124).

É nesse sentido que as legislações, os discursos oficiais e não oficiais, nomeiam e identificam os sujeitos “gestados” pela Modernidade como “anormais” e que hoje, passam a ser percebidos e (re)apresentados pela Constituição Federal, LDB, Declaração de Salamanca, Convenção Interamericana Contra a Discriminação, pela sociedade, escola, família, mídia e em tantos outros espaços com “outros nomes e classificações”.

De acordo com Veiga-Neto (2001), “sob essa denominação genérica – os *anormais* – abrigam-se diferentes identidades flutuantes cujos significados se estabelecem discursivamente em processos que, no campo dos Estudos Culturais, se costuma denominar de ‘política de identidade’” (p. 106). Nesse sentido, ao se estabelecer essa política de identidade, os sujeitos ganham novas identidades culturais, passando a ser percebidos de outra forma e inseridos numa nova ordem social, em um novo modelo de sociedade: a “inclusiva”, na qual estes sujeitos não mais assumem a posição de inviabilizados, silenciados ou excluídos. Mas, agora são aqueles de quem muitos falam, representam e subjetivam, mas até onde vai essa dita “inclusão”?

Essas novas “posições/lugares”, inventadas pela inclusão, ocupadas pelos sujeitos com deficiência, não deixam de ser criadas por relações de poder e regimes

de controle, como nos lembra Foucault (1997). Estes “novos” lugares reservam a estes sujeitos o acesso a diferentes espaços e posições, mas sempre os referenciando em relação aos ditos “normais”, como afirma Veiga-Neto (2001) é “incluir para excluir”.

Assim, não basta apenas criar novos nomes ou posições de sujeitos, mas se faz necessário a criação de estratégias de fato inclusivas, pois não é apenas pelo cumprimento das leis que esses espaços passam a ser inclusivos, os emaranhados discursivos que se constituem, influenciam ou não na efetivação de uma sociedade de fato inclusiva. Esses espaços de inclusão-excludente muitas vezes estão regulados pela tolerância, que longe de ser sinônimo de respeito, mascara as desigualdades e os diferentes discursos de exclusão, como afirma Duschatzky e Skliar (2011):

A tolerância consagra a ruptura de toda a contaminação e revalida os guetos, ignorando os mecanismos através dos quais foram construídos historicamente. A tolerância não põe em questão um modelo social de exclusão; quando muito, ela trata de ampliar as regras de urbanidade com a recomendação de tolerar o que é perturbador. (DUSCHATZKY; SKLIAR 2011, p. 136).

O discurso da tolerância nos desresponsabiliza ética e politicamente, pois evitamos questionar os valores que imperam na cultura contemporânea à medida que ficamos indiferentes frente ao estranho, polarizando os sujeitos e os discursos.

Problematizar o paradigma da tolerância nos leva a pensar a ideia de “alteridade” proposta por Duschatzky e Skliar (2011). Para eles, o paradigma da tolerância percebe a alteridade como um traço indivisível que não abre espaços para enxergar as diferenças, acreditando-se que estas são fixas, estáticas e essenciais, ou seja, constituintes da natureza humana. Para eles: “A estratégia a qual a alteridade é utilizada para definir melhor o próprio território, proíbe formas híbridas de identidade, desautoriza a troca, nega a usurpação do lugar correspondente à normalidade” (DUSCHATZKY; SKLIAR, p. 124, 2011). Assim, “o outro sempre será a fonte de todo o mal”. Nessa perspectiva, “a alteridade, para fazer parte da diversidade cultural *bem entendida e aceitável*, deve despir-se, des-racializar-se, des-sexualizar-se, despedir-se de suas marcas de identidade; deve em outras palavras ser como as demais” (ibidem).

Precisamos de um novo “olhar” para o outro que sempre foi silenciado. E esse olhar, precisa ser reconfigurado a fim, de não “burocratizar os outros” (SKLIAR, 2003). A sociedade (família, escola, mídia, etc.) tem “tolerado” o outro diferente e

criado novas formas de se fazer perceber multicultural, no entanto, estas práticas, em sua maioria ainda são coloniais, segregatórias e estereotipadas. Assim, “o outro multicultural naufraga como imagem entre o ser-diverso e o ser-diferente” (SKLIAR, 2003, p. 43).

É preciso reconhecer a diferença e fazer dela, elemento norteador, a fim de que criemos espaços onde às vozes marginais “não mais necessitem dirigir suas estratégias de oposição para um horizonte de ‘hegemonia’, que é concebido como horizontal e homogêneo” (BHABHA, 2005, p.213). Dessa maneira, seria possível criar espaços de articulação das “diferenças”, fazendo com que o jogo de poder entre os “diferentes” possam criar hegemonias outras.

Como já citamos anteriormente, ao falarmos de mulheres com deficiência, a exclusão por diversas vezes se maximiza, visto que estas estão expostas a múltiplas formas de discriminação. Criamos diversos tabus acerca destas, entre eles: sobre a sexualidade e os direitos reprodutivos dessas mulheres, os quais passam a ser questionados, patologizados ou até mesmo negados.

A sexualidade e os direitos reprodutivos são temas centrais dos estudos feministas e de gênero. Ao olharmos para a questão da sexualidade numa abordagem feminista, esta adquire novos contornos e outras interseções possíveis, como por exemplo, com os estudos sobre deficiência, sendo assim necessária a crítica da “biologização do corpo e da patologização da sexualidade” (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 645):

A deficiência pode ser compreendida como uma experiência marcada por processos de gênero, Shakespeare, revisando a literatura a respeito desse tema, comenta que feminilidade e deficiência reforçam-se mutuamente, enquanto que deficiência e masculinidade contradizem-se entre si, justamente pelos estereótipos associados a essas formas hegemônicas de identidades, a partir do binômio atividade/passividade. (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 641).

A mulher com deficiência sofre duplo estigma, visto que os padrões sociais do corpo perfeito e da sociedade patriarcal e heteronormativa recaem sobre ela. É alvo das assimetrias de poder existente nas relações de gênero e é tida como o corpo “desviante” e “deformado”, um corpo que causa repulsa nos “normais”, justamente pela “*corponormatividade*” vivida nas sociedades contemporâneas, que consideram determinados corpos como inferiores, incompletos, incapazes, ou

passíveis de correções/reabilitações. O culto ao corpo perfeito, belo e saudável exclui as pessoas com deficiência e constrange os “corpos normais”.

A sexualidade desses corpos pouco é discutida, pois acredita-se que esses sujeitos são assexuados, providos de corpos não “*desejantes*”(FOUCAULT, 1984). É como se as pessoas com deficiência fossem incapazes de amar, sentir desejos, de ter relações afetivo-sexuais.

Dentre os estudos mais representativos nos *Disability Studies*, estão as que promovem a discussão entre o estudo de gênero e o estudo da pessoa com deficiência. Nesses estudos, identificou-se que o “homem” com deficiência é visto como impotente incapaz de amar e de manter relações sexuais. Em contraste, a “mulher” é tipicamente representada como vulnerável, passiva e dependente – figura trágica e santa, a qual necessita ser salva por um “homem capaz” (BARNES; MERCER, 2001).

Ao estudar sobre a representação das pessoas com deficiência na mídia, Barnes (1992), apresenta que os estereótipos culturais mais frequentes associados às pessoas com deficiência são: patético, objeto de violência, sinistro, do mal, lamentável, “curioso”, aleijado, objeto do ridículo, como seu próprio mal ou próprio inimigo, sexualmente anormal, incapaz de participar da vida em sociedade como um sujeito normal.

Estes estereótipos fazem com que as pessoas com deficiência estejam circundadas por sentimentos de inferioridade, solidão, falta de autoestima e a exclusão social, visto que a repressão da sua sexualidade e desejos as impedem de estabelecer redes de sociabilidade.

Nos discursos oficiais, é possível identificar a ausência do debate acerca dos temas como sexualidade e direitos reprodutivos da pessoa com deficiência; é como se a sexualidade fosse um tema da vida privada enquanto que outros direitos, tais como: acessibilidade, saúde, trabalho, educação e moradia, fossem temas da vida pública. Essa concepção minimiza a garantia de direitos desse público.

A *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, introduzida no ordenamento jurídico brasileiro por meio do Decreto Legislativo 186/2008 (BRASIL, 2008), traz um recorte de gênero ao incluir no documento o Art. 6, que tem por título: “Mulheres com Deficiência”, com dois itens: item 1 que diz: “os Estados Partes reconhecem que as mulheres com deficiência estão sujeitas a múltiplas formas de discriminação e, portanto, tomarão medidas para assegurar às mulheres e meninas

com deficiência o pleno e igual exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais”; e o item 2 afirma que “Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar o pleno desenvolvimento, o avanço e o empoderamento das mulheres, a fim de garantir-lhes o exercício e o gozo dos direitos humanos e liberdades fundamentais estabelecidos na presente Convenção.” Ainda no decorrer deste documento é possível encontrar outras menções acerca da discussão de gênero, uma importante conquista que fez com que os governos reconhecessem e pudessem dar visibilidade às condições de vulnerabilidade das meninas e mulheres com deficiência.

Mas, o trato da sexualidade e um dos direitos reprodutivos ainda é inexistente no documento, o que demanda da sociedade civil e dos movimentos sociais de pessoas com deficiência e em geral, a busca por discutirem esse tema, a fim de que ele saia do campo privado e ganhe discussão pública; assim como o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais (LGBT), os quais tem uma semelhança entre si, pois a esses grupos historicamente lhes foram negados o direito a sexualidade e a constituírem família. Ou seja, sofrem com a interdição de suas sexualidades. Segundo Mello e Nuernberg (2012, p. 645), “as pessoas com deficiência têm muito a aprender com os movimentos feministas e LGBT em suas atuais demandas em matéria de direitos sexuais e reprodutivos, que se concentram em questões do campo privado”.

Um dos documentos que apresenta um avanço no que tange a sexualidade e aos direitos reprodutivos é o Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), o qual tem por base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da ONU, (BRASIL, 2013). Neste documento nos artigos 9 e 10 é possível identificar a seguridade desses direitos:

Art. 9º. O Poder Público deverá garantir que nenhuma pessoa com deficiência sofrerá discriminação, em todos os aspectos relativos a casamento, família, paternidade e relacionamentos, em igualdade e condições com as demais pessoas, de modo a assegurar que:

I - Seja reconhecido o direito das pessoas com deficiência, em idade de contrair matrimônio, de casar-se e estabelecer família, com base no livre e pleno consentimento dos pretendentes.

II - Sejam reconhecidos os direitos das pessoas com deficiência de decidir livre e responsavelmente sobre o número de filhos e o espaçamento entre esses filhos e de ter acesso a informações adequadas à idade e a educação em matéria de reprodução e de planejamento familiar, bem como os meios necessários para exercer esses direitos.

Parágrafo único. A pessoa com deficiência, inclusive crianças e adolescentes, tem o direito a conservar sua fertilidade, em igualdade de

condições com as demais pessoas, sendo vedada a esterilização compulsória.

Art. 10. Fica assegurado à pessoa com deficiência o direito à família e convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2013, p.5).

No que diz respeito ao campo relativo à autonomia reprodutiva da mulher com deficiência, mesmo sendo garantida pela legislação do nosso país, os discursos que circulam na sociedade estão sempre ligados à incapacidade e à falta de zelo das mulheres com deficiência no cuidado deste filho, levando em consideração o “padrão de maternidade” e ainda o fato de que algumas destas mulheres precisam de cuidadores para manter e zelar pela sua própria integridade física.

A essas mulheres é tolhido o direito à livre expressão sexual, às relações afetivo-sexuais, à autonomia sobre os seus corpos, à maternidade, ao erotismo, ao prazer, construindo assim uma representação dessas mulheres que não condiz, ou seja, a de que as mulheres com deficiência não podem desejar e ser desejadas. Essa visão ainda está muito ligada à visão conservadora que vincula a sexualidade à procriação. Nesse sentido, se estas mulheres são renegadas, não é admitido que elasgerem filhos(as). Assim o matrimônio lhes é difícil. Também são vistas como incapazes de fazer suas próprias escolhas devido às suas condições físicas e/ou mentais. Para esta perspectiva, ser feminina é ter a mente e o corpo perfeitos, a fim de cumprir os “desígnios de ser mulher”: casar e ter filhos.

Concordamos com Meyer (2005) quando ela diz que “as práticas de significação e os processos simbólicos, através dos quais os sentidos de maternidade são construídos envolvem, portanto, relações de poder: o poder de nomear, descrever, classificar, identificar, por exemplo, jeitos de ser mulher e mãe” (p. 121). São essas classificações e nomeações que estão imersas no “padrão de normalidade” que constitui os conjuntos de comportamentos sociais, que ditam as “verdades” e as condutas dos sujeitos, assim estes precisam seguir um modelo de “mulher/esposa/mãe”, seja ou não mulher com deficiência.

Como sabemos, esses comportamentos são constituídos e (re)estruturados pela multiplicidade de discursos que circulam em nossas sociedades que chegam até nós diariamente, entre eles se encontram os discursos midiáticos que, em suas narrativas, muitas vezes, nos dizem como deve ser nosso corpo, nossa sexualidade e os nossos diversos comportamentos. A mídia coloca-se então, como um aparato cultural, uma instância pedagógica, que colabora intensamente na constituição dos sujeitos contemporâneos. Utilizando-se de várias articulações

para representar/produzir diferentes posições de sujeitos. Ao constituir esses padrões, a mídia, muitas vezes, inviabiliza os corpos “desviantes”.

Ao estabelecer padrões de beleza, a mídia, enquanto instância pedagógica, cria mecanismos que muitas vezes abafam o caráter plural, fluido e contingente das identidades. Mas, como afirma Laclau (2011), qualquer possibilidade de fechamento é derruída; não dá conta de representar nenhum sujeito em sua plenitude.

## **2.5 Estudos sobre Mulheres com Deficiência e Mídia**

Com o objetivo de conhecer outros estudos sobre o tema que abordamos nesta dissertação de mestrado, buscamos, através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) localizar pesquisas de mestrado e doutorado que abordassem o assunto. Pesquisamos com a palavra-chave “*Mídia e Mulher*” e encontramos quatro trabalhos na área de Educação, entre eles a dissertação: “**Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência**”, escrita por Fabiana de Amorim Marcello (2003). Esta pesquisa parte da constatação de que, ao final do século XVII, o dispositivo da maternidade foi organizado para responder a uma urgência – ligada principalmente à formação dos Estados Nacionais no âmbito europeu. A partir desse ponto, o objetivo principal foi o de caracterizar as formas pelas quais o dispositivo em questão é operacionalizado na mídia contemporânea. Baseada nos pressupostos teóricos de Foucault. Utilizou-se de dois corpora de análise: o primeiro conjunto foi constituído por narrativas midiáticas, retiradas de reportagens das revistas *Veja* e *Caras*, sobre certas personagens mães-famosas: Cássia Eller, Luciana Gimenez, Vera Fischer e Xuxa. O segundo conjunto foi composto por uma gama de matérias extraídas da revista *Crescer*, do período de janeiro de 2001 a julho de 2002. A autora conclui argumentando que a experiência materna produzida por este dispositivo está alicerçada em três grandes práticas: na fixação de sentidos entre sujeito-mãe e sujeito-mulher; na relação agnóstica entre diferentes modalidades maternas tornadas objetos discursivos para a instauração de uma normatividade materna; na evidência de que, no dispositivo da maternidade e para o sujeito-mãe, cuidar de si é cuidar do outro (de seu/sua filho/a).

O segundo trabalho, denominado **“Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma”**, autoria de Sandra dos Santos Andrade (2002), consiste numa dissertação de mestrado, onde discutiu-se as representações de corpo feminino produzidas e/ou veiculadas em revistas voltadas para o público feminino. O corpus de análise foi um programa de dieta alimentar e exercícios físicos, denominado **“Desafio de Verão”**, editado pela revista Boa Forma, nos anos de 1999, 2000 e 2001. O referencial teórico-metodológico utilizado foi o dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais que recorrem a uma aproximação com a perspectiva pós-estruturalista de análise. Discutiu-se a conexão entre corpo e pedagogia, a fim de analisar como o corpo feminino aparece representado na mídia. As conclusões do estudo apontam que há um ostensivo estímulo por parte da mídia para que a mulher empreenda uma busca incessante de si mesma, ao mesmo tempo em que se evidencia a provisoriedade das identidades e a flexibilidade do corpo. Concluiu-se também que discursos de diversas áreas do conhecimento, articulando-se com o senso comum, reforçam a representação da maleabilidade do corpo e o quanto este pode ser re/construído e transformado de acordo com o design mais atual, o que indica a necessidade de se problematizar a noção contemporânea do corpo projeto.

A terceira pesquisa, foi uma tese de doutorado intitulada **“Donas de si?: a educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos”**, escrita por Maria Simone Vione Schwengber (2006). Inscreve-se nos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais. Discute alguns dos modos pelos quais diferentes discursos, da medicina à educação física, investem sobre o corpo grávido, argumentando que esse processo educativo pode ser compreendido como uma dimensão importante de um processo contemporâneo mais amplo que temos definido como **“politização do feminino e da maternidade”**. Para fazer essa discussão, examinou-se a revista **“Pais e Filhos”**, no período de 1968 a 2004, utilizando as estratégias metodológicas da análise de discurso. A partir da **“Pais e Filhos”** buscou investigar, de modo mais específico, como o discurso das práticas corporais governa e regula os corpos grávidos. Mostrando que as práticas corporais alternativas, esportivas e de fitness, na revista, se constituem como elementos importantes de um discurso de **“cuidado de si”**, sobretudo ao produzirem diferentes posições de sujeito em torno do tema **“mãe cuidadosa (aquela que cuida e se cuida), carinhosa, flexível, preparada, atlética, participativa, resistente, forte e sensual”**.

O quarto trabalho, a tese intitulada “**Meninas no Papel**” da autora Leni Vieira Dornelles (2002), faz parte das discussões onde se examinam as relações entre a invenção da infância, governo e subjetivação. Preocupa-se, especificamente, com a produção do sujeito “meninas” nas revistas femininas infantis brasileiras. Na primeira parte da tese, a autora se alia à perspectiva genealógica do pensamento de Michel Foucault para tratar da invenção da infância, sua produção e governo na modernidade ocidental, a fim de mostrar como se constituiu essa infância de hoje. Na segunda parte da tese, analisa a produção das meninas nas revistas e, em especial, das revistas femininas infantis brasileiras, perfazendo o processo de fabricação dos sujeitos femininos infantis na atualidade. A autora buscou mostrar as formas de subjetivação das meninas, bem como a produção do disciplinamento da sua sexualidade, através de um dispositivo que produz uma menina ao mesmo tempo inocente e pura, sensual e erotizada, ou seja, juvenescida. Sustentando que essa posição de sujeito - a de juvenescido - produz efeitos na subjetivação de meninas e mulheres contemporâneas e, conseqüentemente, na forma de pensar a sua educação.

Ao pesquisarmos com a temática: *mulher/gênero e deficiência*, encontramos apenas um trabalho na área de educação, a tese intitulada “**A subjetividade de mães de crianças especiais: um caminhar de expectativas e descobertas**”, escrita por Adriana Rocha Figueiredo (2007), a qual procurou analisar as questões subjetivas que envolvem a mãe na relação com a criança especial, investigando seus desdobramentos. A pesquisa objetivou esclarecer o encadeamento dos conceitos: mulher-mãe-subjetividade-maternidade-deficiência. Utilizou das perspectivas teóricas da psicanálise de Freud e os conceitos sócio-históricos de Scott, Badinter e González Rey. Empregou-se a metodologia qualitativa, analisando entrevistas com mulheres-mãe, cujos filhos eram usuários da Clínica de Assistência e Docência da Universidade de Uberaba- MG. O trabalho buscou evidenciar a importância da subjetividade materna para o crescimento de mães e filhos. A pesquisa recomendou a formação de grupos de apoio na área de saúde e educação, que incluam a noção de cuidados de si para estas mulheres-mães.

Quando buscamos pela temática: *Deficiência e Mídia*, também encontramos apenas um trabalho na área de Educação, a tese intitulada “**Inclusão e deficiência: em busca das representações sociais na mídia impressa em Natal/RN**” autoria

de Maria do Carmo Soares Costa Silva (2007). Esta tese é o resultado de uma pesquisa sobre o discurso circulante veiculado na mídia impressa no período de 1992 a 2002 nos jornais Diário de Natal/O Poti e Tribuna do Norte, sobre a inclusão das pessoas com deficiência. Utilizando-se do pensamento que moveu Moscovici (1978) na sua clássica obra *La Psychalyse son image et son public* de que a mídia tem papel preponderante na formação e veiculação das representações sociais e na edificação de condutas humanas. Buscou-se fazer uma articulação das representações sociais e dos discursos circulantes sobre inclusão e deficiência, com o objetivo de conhecer as representações sociais compartilhadas na mídia impressa sobre o assunto. As questões de pesquisa foram: qual a representação sobre a situação das pessoas com deficiência, no meio de comunicação mídia impressa? Que alterações ocorreram no período analisado e qual o papel da mídia impressa neste processo? O corpus da pesquisa foi constituído de matérias jornalísticas sobre a questão da deficiência, em seus vários aspectos e de associação livre de palavras com jornalistas. Os resultados revelaram que a mídia impressa de Natal/RN apresenta a questão de forma descontínua e que depende de eventos específicos para dar visibilidade à luta das pessoas com deficiência em relação aos seus direitos.

Como é possível perceber, a temática desenvolvida no nosso estudo é escassa em pesquisas da área de educação, apesar da emergência do tema. Nesse sentido, acreditamos que o nosso estudo contribuirá para o debate sobre as representações, lutas e vivências das mulheres com deficiência no Brasil, contribuindo desta forma para a produção do conhecimento sobre esses sujeitos que muitas vezes são silenciados e subalternizados. Dando destaque aos sutis processos das pedagogias culturais, especialmente desenvolvidos nas telenovelas, enquanto dispositivos pedagógicos que regulam e (re)inventam subjetividades.

### 3 CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISA

*O processo metodológico é o de alquimia mesmo, resultando daí uma bricolagem diferenciada, estratégica e subvertedora das misturas homogêneas típicas da modernidade.*  
(Corazza, 2007)

Entre as muitas questões que precisamos resolver durante o percurso deste trabalho, as questões metodológicas, sem dúvida, foram as que mais nos inquietaram, mobilizaram nossos pensamentos e demandaram muitos esforços de criações e ressignificações, pois trabalhar com a pesquisa pós-estruturalista demanda novos olhares e inquietações. Na perspectiva pós-estruturalista não existe um único modelo ou conjunto de regras a ser seguido durante o processo investigativo. Pelo contrário, temos a oportunidade de criar estratégias específicas, de acordo com as particularidades de cada objeto de estudo, tanto no que diz respeito à constituição do *corpus*, quanto à análise. Como diz Paraíso (2012):

Dedicamos esforços para construir nossas metodologias, então, porque sabemos que o modo como fazemos nossas pesquisas vai depender dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos. (PARAÍSO, 2012, p. 21).

Demandamos muitos esforços para traçar caminhos metodológicos que abordasse nosso tema de estudo - o *ethos* da mulher com deficiência nas telenovelas brasileiras – e dialogasse com as indagações traçadas a partir dele.

O cuidado em não adotarmos uma lógica de pesquisa dicotômica, que busca relações de causa e efeito e pauta-se em generalizações, também, permeou este percurso e isso nos levou a refletirmos mais sobre a “diferença” e as múltiplas formas que ela se apresenta. Possibilitou-nos alargarmos nossos horizontes de pesquisas e reconhecermos que não há “a verdade” e sim “regimes de verdades” (FOUCAULT, 2007), produções discursivas que se estabelecem ao longo do tempo, ligadas a contextos políticos, sociais e econômicos específicos.

Seguindo esta perspectiva, esta pesquisa teve como eixo de estudo as Pedagogias Culturais, as quais defendem que ensinamos e aprendemos valores,

verdades, saberes e subjetividades através dos diversos artefatos culturais disponíveis na sociedade, inclusive a mídia.

Tivemos como universo de pesquisa as telenovelas produzidas pela Rede Globo de Televisão que tinham como protagonistas mulheres com deficiência. Para tanto, realizamos análises das telenovelas produzidas, especialmente a partir da década de 80, quando se deu a emergência do tema “pessoas com deficiência” no Brasil, buscando compreender os deslocamentos sofridos pelo *ethos* da mulher com deficiência nas últimas décadas.

Vale salientar que o ano de 1981 foi um marco no campo dos direitos para as pessoas com deficiências, visto que foi proclamado pela ONU (Organização das Nações Unidas) como o “*Ano Internacional das Pessoas Deficientes*”. Este fato teve como objetivo chamar a atenção para a criação de planos de ação nos países membros através dos seus governantes e também da sociedade civil, na tentativa de dar ênfase à igualdade de oportunidades, reabilitação e prevenção de deficiências, possibilitando, assim, maior inclusão destas pessoas na sociedade. Além disto, nesta mesma década, vivenciava-se ainda o processo de redemocratização do Brasil, onde as mulheres intensificaram mais os movimentos de lutas por direitos civis, na busca pela equidade entre os gêneros.

Escolhemos trabalhar com a Rede Globo de Televisão, pois esta é considerada emissora líder em audiência e detentora de grande parte do controle televisivo do país:

É assistida por mais de 200 milhões de pessoas diariamente, sejam elas no Brasil ou no exterior, por meio da TV Globo Internacional. A emissora é a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, atrás apenas da norte-americana American Broadcasting Company (ABC) e *uma das maiores produtoras de telenovelas*. A emissora alcança 98,56% do território brasileiro, cobrindo 5.490 municípios e cerca de 99,55% do total da população brasileira. A empresa é parte do Grupo Globo, um dos maiores conglomerados de mídia do planeta. (WIKIPÉDIA, 2016, Acesso em: 27 de março de 2016, grifo nosso).

Nesse sentido, além de deter a audiência do país abrangendo quase que 100% dos domicílios brasileiros, tem uma relevante abrangência internacional e ainda é uma das maiores produtoras de telenovelas do mundo, objeto de estudo do nosso trabalho, justificando assim a nossa escolha.

Este estudo adotou como referência de pesquisa a abordagem qualitativa. Acreditamos que através desta abordagem é possível estudar com mais

profundidade o objeto em questão. Concordamos com Bauer e Gaskell (2002) ao afirmarem que: “a pesquisa qualitativa é intrinsecamente uma forma de pesquisa mais crítica e potencialmente emancipatória” (p.32), pois, na pesquisa qualitativa o(a) pesquisador(a) precisa compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, a fim de explorar os significados dos contextos pesquisados, buscando sempre um olhar crítico e ativo da realidade.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), não é tão simples conceituar “pesquisa qualitativa”, pois esta terá sempre um significado diferente a depender do momento histórico, mas fazendo uma definição genérica, inicial:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campos, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN, LINCOLN, 2006, p.17).

A pesquisa qualitativa envolve o estudo e uso de diferentes materiais empíricos como destaca os autores, incluindo textos e produções culturais, como é o caso do nosso corpus de pesquisa. A ideia de *corpus* deriva-se da linguística, de acordo com Bauer e Aarts (2002):

A palavra *corpus* (latim; plural *corpora*) significa simplesmente corpo. Nas ciências históricas, ela se refere a uma coleção completa de textos. Pode ser definida como “um corpo ou uma coleção completa de escritos ou coisas parecidas; o conjunto completo de literatura sobre algum assunto... vários trabalhos da mesma natureza, coletados e organizados”. (OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 1989 apud BAUER; AARTS, 2002, p. 44).

Ainda segundo os autores, o *corpus* é “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista” (p. 44), a qual deve ter uma homogeneidade entre si. Nesse sentido, nosso corpus consiste em extratos de narrativas de telenovelas com personagens femininas com deficiência.

### 3.10 Corpus da Pesquisa

Com o intuito de apresentarmos telenovelas da rede Globo que tiveram no seu elenco personagens com deficiência, construímos o Quadro 1, destacando o nome da novela, do/a personagem com deficiência, o tipo de deficiência, o gênero do/a personagem, a faixa etária em que se encontra, suas principais características, a direção e núcleo que produziu a novela. Esse exercício de sistematização, também, nos auxiliou a escolher a novela que analisaríamos posteriormente.

Ao fazermos o levantamento das telenovelas no site da Rede Globo, foi possível identificar que a inclusão da temática da deficiência aparece logo no início das produções das telenovelas pela emissora, no ano de 1965; com a telenovela **Rosinha do Sobrado**. Rosinha interpretada por Marília Pêra era uma moça paraplégica que passava os dias dentro de sua casa, olhando o movimento da cidade. Rosinha foi a primeira personagem com deficiência física a ser protagonista de novela. No enredo a jovem vivia enclausurada em casa, longe do convívio social, e todos os dias, o seu médico ia lhe visitar, até que se apaixona por ela e começam a namorar, a partir desse momento Rosinha sai do seu mundo de clausura e passa a viver em sociedade.

Após a aparição da Rosinha, primeira personagem com deficiência nas telenovelas, o tema só volta a ser retratado no ano de 1978, mais de dez anos depois. O autor Cassiano Gabus levou ao ar a novela **Te contei?** apresentando um personagem cego, o Léo, interpretado pelo ator Luis Gustavo. Um personagem secundário na telenovela que ficou cego ainda adolescente, aos 14 anos, Léo morava em uma pensão no subúrbio carioca e levava uma vida normal, assim como os outros personagens. Apesar de a deficiência não ser problematizada na telenovela, é mostrada de forma positiva, sem ocasionar impedimentos ao sujeito, o qual mostra-se feliz e independente.

A partir da década de 80, se intensificam as produções de telenovelas com pessoas com deficiência no elenco<sup>3</sup>, hora como personagens protagonistas, hora como secundários. Como já ressaltado aqui, o tema emerge na sociedade a partir dos anos 80, onde o Brasil começa a construir o arcabouço legislativo para esse público, possibilitando maior inserção desses sujeitos na sociedade.

---

<sup>3</sup>Vê quadro 01.

Num rápido passeio pelo Quadro 1, percebemos que, entre os anos de 1980 e 2016, dez novelas trazem em seu elenco personagens femininos com deficiência, entre elas algumas crianças e adolescentes, com abordagens e características diversas<sup>4</sup>. As telenovelas com personagens femininas com deficiência, produzidas neste período, são: Felicidade (1991), Vira Lata (1996), Torre de Babel (1998), Esplendor (2000), América (2005), Páginas da Vida (2006), Duas Caras (2007), Caras e Bocas (2009), Viver a Vida (2009) e Amor à Vida (2013).

Escolhemos trabalhar com a telenovela *Amor à Vida* (2013), do autor Walcyr Carrasco. Além de ser a última novela produzida pela emissora com personagem feminino com deficiência, foi uma das novelas que tiveram elevados índices de audiência e repercussão, com um eficiente *merchandising* social, o que nos aponta para a construção de um *ethos* social consistente e difuso.

Em *Amor à Vida* (2013), a personagem com deficiência, Transtorno do Espectro Autista – TEA foi a Linda, interpretada pela atriz Bruna Linzmeyer, uma jovem de família de classe média paulistana, branca, que tem autismo e vive superprotegida pela mãe, inicialmente sem possibilidades de autonomia e independência. Esta novela rendeu elevados índices de IBOPE à emissora, especialmente pela sua trama principal que focava os segredos das relações familiares dos protagonistas “Paloma e Félix”. Este último um jovem Gay que aparece na telenovela hora como vilão, hora como mocinho. Grande parte dos trabalhos produzidos acerca desta telenovela tem como foco central de análise este personagem. O que nos possibilitou olhar para esta trama com outros sentidos e significados.

---

<sup>4</sup>Interessante destacar que mesmo com a aparição de mais mulheres com deficiências nas telenovelas a partir da década de 80, nenhuma destas mulheres/atrizes era Negra, demonstrando assim o silenciamento histórico das mulheres Negras e com deficiência na história. Quando alargamos as significações e pensamos, por exemplo, em mulheres-negras-com deficiência-de classe popular e que por ventura fuja do padrão heterossexual as condições de exclusão e segregação maximizam-se ainda mais. O que demanda de nós pesquisadores e militantes questionar esses espaços de silenciamento.

**QUADRO 1 - TELENOVELAS DA REDE GLOBO, ENTRE OS ANOS DE 1980 A 2016, QUE POSSUEM EM SEU ELENCO PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.**

ANO	NOVELA	PERSONAGEM	TIPO DE DEFICIÊNCIA	GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	CARACTERÍSTICAS	DIREÇÃO/NÚCLEO
1982	Sol de Verão	Abel (Tony Ramos)	Surdez	M	20-30 ANOS	Homem divertido, sensível e inteligente.	<b>Autoria:</b> Manoel Carlos <b>Direção:</b> Roberto Talma, Jorge Fernando e Guel Arraes <b>Direção geral:</b> Roberto Talma <b>Período de exibição:</b> 11/10/1982 –19/03/1983 <b>Horário:</b> 20h <b>Nº de capítulos:</b> 137
1988	Fera Radical	Altino Flores (Paulo Goulart)	Deficiência Física	M	50-60	Homem rígido e ambicioso, muda de personalidade após sofrer um acidente que o deixa em cadeira de rodas por um longo período.	<b>Autoria:</b> Walther Negrão <b>Colaboração:</b> Luiz Carlos Fusco, Ricardo Linhares e Rose Calza <b>Direção-geral:</b> Gonzaga Blota. <b>Direção:</b> Gonzaga Blota e Denise Saraceni. <b>Período de exibição:</b> 28/03/1988 –19/11/1988 <b>Horário:</b> 17h55 <b>Nº de capítulos:</b> 203
1989	Sexo dos Anjos	Tomás (Marcos Frota)	Surdez	M	20-30	Jovem meigo e carinhoso, amado por muitos.	<b>Autoria:</b> Ivani Ribeiro <b>Direção:</b> Roberto Talma, Fabio Sabag e Flávio Colatrello. <b>Período de exibição:</b> 25/09/1989– 10/03/1990 <b>Horário:</b> 18h <b>Nº de capítulos:</b> 142
1990	Meu Bem, Meu Mal	Dom Lázaro (Lima Duarte)	Deficiência Física e Afonia	M	70-80	Homem duro, amargo, ressentido com as decepções que a vida lhe causou.	<b>Autoria:</b> Cassiano Gabus Mendes, Maria Adelaide Amaral e Dejour Cardoso. <b>Colaboração:</b> Luiz Carlos Fusco <b>Direção:</b> Paulo Ubiratan, Reynaldo Boury e Ricardo Waddington. <b>Direção executiva I:</b> Paulo Ubiratan. <b>Período de exibição:</b> 29/10/1990 -18/05/1991 <b>Horário:</b> 20h30 <b>Nº de capítulos:</b> 173
<b>1991</b>	<b>Felicidade</b>	Débora (Viviane Pasmanter)	Deficiência Física	F	30-40	Mulher rica, mimada, extremamente ciumenta e muito problemática, casada e mãe, Débora sofre um acidente que a deixa paraplégica.	<b>Autoria:</b> Manoel Carlos <b>Colaboração:</b> Elizabeth Jhin <b>Direção:</b> Denise Saraceni, Ignácio Coqueiro e Fernando de Souza. <b>Direção-geral:</b> Denise Saraceni. <b>Período de exibição:</b> 07/10/1991 – 30/05/1992. <b>Horário:</b> 18h. <b>Nº de capítulos:</b> 203
1993	Mulheres	Tonho da Lua	Deficiência Mental	M	20-30	Lírico, ingênuo e por vezes	<b>Autoria:</b> Ivani Ribeiro <b>Colaboração:</b> Solange Castro Neves <b>Direção:</b> Wolf Maya, Carlos Magalhães e

	de Areia	(Marcos Frota)				agressivo, homem pobre.	Ignácio Coqueiro <b>Direção-geral:</b> Wolf Maya <b>Período de exibição:</b> 01/02/1993 – 25/09/1993 <b>Horário:</b> 18h <b>Nº de capítulos:</b> 201
1995	História de Amor	Assunção (Nuno Maia)	Deficiência Física	M	30-40	Homem de classe média, machista, ciumento e moralista, no decorrer da trama sofre acidente e fica paraplégico.	<b>Autoria:</b> Manoel Carlos <b>Colaboração:</b> Elizabeth Jhin, Marcus Toledo e Maria Carolina <b>Direção:</b> Ricardo Waddington, Roberto Naar e Alexandre Avancini <b>Período de exibição:</b> 03/07/1995 – 02/03/1996 <b>Horário:</b> 18h <b>Nº de capítulos:</b> 209
<b>1996</b>	<b>Vira Lata</b>	Pietra (Vanessa Lóes)	Deficiência Física	F	30-40	Mulher de classe média-alta, bonita, alta e magra, bastante mimada pelo irmão, voluntariosa, mas também bastante dominadora. Casa-se grávida com Toco (Tuca Andrada), com quem não foi feliz, pois suas grandes paixões sempre foram os irmãos: Lênin e Fidel, este último morre de amores por ela. Pietra ao tentar salvar Fidel de uma perseguição policial, toma um tiro e fica paraplégica.	<b>Autoria:</b> Carlos Lombardi <b>Colaboração:</b> Vinícius Vianna e Maurício Arruda. <b>Direção:</b> Jorge Fernando, Rogério Gomes, Marcelo Travesso e Alexandre Boury. <b>Direção de núcleo:</b> Jorge Fernando. <b>Período de exibição:</b> 01/04/1996 – 27/09/1996 <b>Horário:</b> 19h. <b>Nº de capítulos:</b> 155
<b>1998</b>	<b>Torre de Babel</b>	Shirley (Karina Barum) Jamanta (Cacá Carvalho)	Deficiência Motora Deficiência Mental	F M	20-30 30-40	Shirley um jovem de classe baixa, linda, delicada e muito tímida em decorrência da sua deficiência, pois apresenta uma leve deficiência na perna que limita seu caminhar. Por ter um coração muito bondoso, Shirley se aproxima e cuida do Jamanta, homem pobre, abandonado pela família que vive em um ferro velho, é motivo de zombaria pela meninada por ter um jeitão desengonçado.	<b>Autoria:</b> Silvio de Abreu <b>Colaboração:</b> Bosco Brasil e Alcides Nogueira. <b>Direção geral:</b> Denise Saraceni. <b>Direção:</b> Carlos Araújo, José Luiz Villamarim e Paulo Silvestrini. <b>Período de exibição:</b> 25/05/1998 - 15/01/1999 <b>Horário:</b> 20h. <b>Nº de capítulos:</b> 203

<b>2000</b>	<b>Esplendor</b>	Olga (Joana Fomm)	Deficiência Física	F	50-60	Mulher de classe alta, muito agressiva, amargurada e rancorosa. O rancor de Olga está associado à sua deficiência, a qual ficou em cadeira de rodas após complicações no parto.	<b>Autoria:</b> Ana Maria Moretzsohn. <b>Colaboração:</b> Glória Barreto e Daisy Chaves. <b>Direção:</b> Wolf Maya, Maurício Farias, Ary Coslov e Luciano Sabino. <b>Direção-geral:</b> Wolf Maya e Maurício Farias. <b>Direção de núcleo:</b> Wolf Maya <b>Período de exibição:</b> 31/01-23/06/2000 <b>Horário:</b> 18h <b>Nº de capítulos:</b> 125
	Laços de Família	Paulo (Flávio Silvino)	Dificuldades Motoras	M	20-30	Sequelas Neurológicas proveniente de um acidente de carro.	<b>Autoria:</b> Manoel Carlos <b>Colaboração:</b> Fausto Galvão, Maria Carolina, Vinícius Vianna, Flávia Lins e Silva <b>Direção:</b> Moacyr Góes <b>Direção geral:</b> Ricardo Waddington, Rogério Gomes e Marcos Schechtman <b>Direção de núcleo:</b> Ricardo Waddington <b>Período de exibição:</b> 05/06/2000 - 02/02/2001 <b>Horário:</b> 21h <b>Nº de capítulos:</b> 209
2002	Desejos de Mulher	Renato (Cássio Gabus)	Deficiência Física	M	40-50	Homem bondoso, excelente marido, que fica paraplégico ao levar um tiro.	<b>Autoria:</b> Euclides Marinho <b>Colaboração:</b> Ângela Carneiro, Denise Bandeira, João Emanuel Carneiro, Vinícius Vianna e Graça Motta. <b>Direção:</b> Dennis Carvalho, José Luiz Villamarim e Amora Mautner. <b>Direção-geral:</b> Dennis Carvalho e José Luiz Villamarim. <b>Direção de núcleo:</b> Dennis Carvalho. <b>Período de exibição:</b> 21/01/2002 – 24/08/2002 <b>Horário:</b> 19h. <b>Nº de capítulos:</b> 185

	Coração de Estudante	Oswaldo (Luiz Badin)	Síndrome de Down	M	10-20	Adolescente feliz, nascido em família de classe média, bastante simpático, inteligente e educado. Busca autonomia, estuda e lutou para conquistar o seu primeiro emprego.	<p><b>Autoria:</b> Emanuel Jacobina  <b>Colaboração:</b> Nelson Nadotti, Max Mallmann, Júlio Fischer e Cristiane Friedman  <b>Direção:</b> Ricardo Waddington, Rogério Gomes, Fabrício Mamberti e Cláudio Boeckel  <b>Direção geral:</b> Ricardo Waddington e Rogério Gomes  <b>Direção de núcleo:</b> Ricardo Waddington  <b>Período de exibição:</b> 25/02/2002 – 28/09/2002  <b>Horário:</b> 18h  <b>Nº de capítulos:</b> 185</p>
<b>2005</b>	<b>América</b>	Flor (Bruna M.) Jatobá (Marcos Frota)	Cegueira <sup>5</sup>	F M	08-15 20-35	Flor é uma criança meiga e doce; nasceu cega, de família de classe média e bastante superprotegida pela mãe, sua vida muda quando ao visitar o subúrbio conhece Jatobá, também cego, mas um homem independente e autônomo. Ele ajuda a flor a enxergar o mundo e proporciona a ela diversas experiências de vida.	<p><b>Autoria:</b> Gloria Perez  <b>Direção:</b> Jayme Monjardim, Marcos Schechtman, Luciano Sabino, Marcelo Travesso, Teresa Lampreia, Federico Bonani e Carlo Milani  <b>Período de exibição:</b> 14/03/2005 – 05/11/2005  <b>Horário:</b> 21h  <b>Nº de capítulos:</b> 203</p>
<b>2006</b>	<b>Páginas da Vida</b>	Clara (Joana Mocarzel)	Síndrome de Down	F	08-12	Criança doce, meiga de classe média. Sua mãe morre no parto e a criança passa a ser criada por a médica que fez o parto, pois Clara foi rejeitada pela avó por ter Síndrome de Down. Ao adotá-la Helena também enfrenta diversas situações discriminatórias, especialmente quando busca matriculá-la em uma escola.	<p><b>Autoria:</b> Manoel Carlos  <b>Escrita por:</b> Manoel Carlos, Fausto Galvão  <b>Colaboração:</b> Maria Carolina, Juliana Peres, Ângela Chaves e Daisy Chaves  <b>Direção:</b> Jayme Monjardim, Fabrício Mamberti, Teresa Lampreia, Fred Mayrink, Luciano Sabino  <b>Direção geral:</b> Jayme Monjardim, Fabrício Mamberti  <b>Direção de Núcleo:</b> Jayme Monjardim  <b>Período de exibição:</b> 10/07/2006 – 02/03/2007  <b>Horário:</b> 20h  <b>No de capítulos:</b> 203</p>

<sup>5</sup>Segundo a autora a escolha da deficiência visual como tema social principal da novela, se baseou em dados estatísticos. Segundo o censo realizado em 2000 e divulgado em 2002, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existiam no país, na época, 24,5 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência. Do total de casos declarados, 48,1% apresentavam deficiência visual.

<u>2007</u>	<b>Duas Caras</b>	Clarissa (Bárbara Borges)	Dislexia	F	10-20	<p>Filha de um casal de classe média, muito estudiosa, desde criança sonha em ser juíza. Mas, sempre precisou se esforçar e se dedicar mais por sofrer com a dislexia. Ao prestar vestibular a garota sofre com as situações vivenciadas e incentiva também a sua mãe a voltar a estudar. Acaba que ela se torna a querida da sala e Clarissa mais uma vez sente-se excluída. Sua vida muda ao encontrar na faculdade o cineasta Duda, que lhe dará equilíbrio e a faz ser feliz.</p>	<p><b>Autoria:</b> Aguinaldo Silva  <b>Colaboração:</b> Glória Barreto, Izabel de Oliveira, Maria Elisa Berredo, Filipe Miguez, Nelson Nadotti, Sergio Goldenberg  <b>Direção:</b> Claudio Boeckel, Ary Coslov, Gustavo Fernandez, Miguel Rodrigues e Pedro Carvana  <b>Direção-geral:</b> Wolf Maya  <b>Direção de Núcleo:</b> Wolf Maya  <b>Período de exibição:</b> 01/10/2007 – 31/05/2008  <b>Horário:</b> 20h  <b>Nº de capítulos:</b> 210</p>
<u>2009</u>	<b>Caras e Bocas</b>	Anita (Danieli Haloten)	Cegueira	F	20-30	<p>Moça, magra, doce, meiga, classe média-baixa e que nasce cega. Muito batalhadora, a qual sempre tentou conquistar sua autonomia e independência. É superprotegida pelo irmão e se sente um fardo por ter que depender dele, pois desde que o pai faleceu, Gabriel (o irmão) precisou afastar-se dos seus sonhos que era a pintura e trabalhar duro para sustentar a família. Anita sempre sonhou abandonar a bengala e ter um cão-guia, mas não tinha condições de compra-lo. Ela começa a trabalhar como vendedora de flores em um sofisticado restaurante, onde conhece Anselmo (o garçom), um homem companheiro e muito trabalhador. Mas, como era pobre, temia que Anita não o aceitasse e finge ser um rico frequentador do estabelecimento. Ao descobrir a farsa, Anita fica arrasada e acredita que o namorado aproveitou da sua deficiência para enganá-la, depois de algum tempo se reconciliam e a</p>	<p><b>Novela de:</b> Walcyr Carrasco  <b>Escrita por:</b> Walcyr Carrasco e Cláudia Souto  <b>Colaboração:</b> André Ryoki  <b>Direção de Núcleo:</b> Jorge Fernando  <b>Direção-geral:</b> Jorge Fernando  <b>Direção:</b> Ary Coslov, Marcelo Zambelli e Maria de Médicis  <b>Período de exibição:</b> 13/04/2009 - 08/01/2010  <b>Horário:</b> 19h  <b>Nº de capítulos:</b> 232</p>

						história termina com um final feliz. Os dois começam a construir uma vida juntos, casam-se e ela engravida.	
<b>Viver a Vida</b>	Luciana (Alinne Moraes)	Deficiência Física	F	20-30	Retratada por uma jovem de classe alta, magra, bonita, elegante, mimada e de personalidade forte. Luciana sempre sonhou com o glamour e o sucesso do mundo da moda, mas não teve o apoio da mãe. Também não tem apoio do seu namorado, Jorge, um rapaz de família, arquiteto e que faz de tudo para que ela desista da ideia. Luciana corre em busca de todas as oportunidades para decolar na carreira. Sua vida muda radicalmente quando sofre um acidente de carro e fica tetraplégica. Luciana tem todos os recursos possíveis para ter uma vida de conforto. Depois do fim do relacionamento com Jorge, e depois do acidente, Lucina se apaixona por Miguel irmão gêmeo de Jorge que era seu médico e amigo. Mais tarde casam-se e Luciana engravida de gêmeos.	<p><b>Autoria:</b> Manoel Carlos  <b>Colaboração:</b> Angela Chaves, Claudia Lage, Daisy Chaves, Juliana Peres, Maria Carolina Campos de Almeida  <b>Direção:</b> Adriano Melo, Teresa Lampreia, Maria Rodrigues, Leonardo Nogueira, Frederico Mayrink, Luciano Sabino  <b>Direção Geral:</b> Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti  <b>Núcleo:</b> Jayme Monjardim  <b>Período de exibição:</b> 14/09/2009 – 14/05/2010  <b>Horário:</b> 21h  <b>Número de capítulos:</b> 209</p>	
Cama de Gato	Tarcísio (Heslander Vieira)	Surdez	M	15-20	Jovem estudioso e muito talentoso de família de classe média; toca piano e sonhava ser músico, este sonho fez o jovem realizar um implante coclear.	<p><b>Novela de:</b> Duca Rachid e Thelma Guedes  <b>Escrita por:</b> Thelma Guedes, Duca Rachid, Júlio Fischer, Thereza Falcão e Alessandro Marson.  <b>Colaboração:</b> João Brandão.  <b>Supervisão de texto:</b> João Emanuel Carneiro.  <b>Direção de núcleo:</b> Ricardo Waddington.  <b>Direção-geral:</b> Amora Mautner.  <b>Direção:</b> Amora Mautner, Gustavo Fernandez, Thiago Teitelroit, André Felipe Binder, Roberto Vaz e Vinícius Coimbra.  <b>Período de exibição:</b> 05/10/2009 - 09/04/2010  <b>Horário:</b> 18h  <b>Nº de capítulos:</b> 161</p>	

2013	Amor à Vida	Linda (Bruna Linzmeyer)	Autismo	F	20-30	<p>Jovem superprotegida pela mãe, meiga e amável. Linda tem crises nervosas temporárias, a maioria delas causadas pela insensibilidade e desafeto da irmã Lila, que não tem paciência com a jovem e defende sua internação. Já Daniel seu outro irmão é extremamente carinhoso e atencioso. A mãe, Neide, tem excesso de zelo e cuidado com Linda e inconscientemente impede a autonomia da filha. No decorrer da novela, Linda passa a contar com o apoio de Rafael, um jovem advogado amigo da família que insere Linda na sociedade. Rafael enfrenta a desconfiança e a resistência da família de Linda, até provar que a ama e tem boas intenções. Linda, dentro das suas limitações passa a ser mais independente e cada vez fica mais ligada a ele. Nos capítulos finais Rafael pede Linda em casamento, com a concordância dos pais, eles se casam e como Linda precisa de cuidados especiais, eles ficam morando com os pais de Linda.</p>	<p><b>Autoria:</b> Walcyr Carrasco  <b>Direção:</b> André Filipe Binder, Allan Fiterman, Marco Rodrigo, Marcelo Travesso e André Barros  <b>Direção-geral:</b> Mauro Mendonça Filho  <b>Núcleo:</b> Wolf Maya  <b>Período de exibição:</b> 20/05/2013 - 31/01/2014  <b>Horário:</b> 21h  <b>Nº de capítulos:</b> 221</p>
------	-------------	-------------------------	---------	---	-------	--	--

6

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>. Link: Ações Socioeducativas/Merchandising Social. Acesso em 15/04/2017.

<sup>6</sup>Os termos/nomeações das deficiências dos personagens foram apresentados de acordo com a descrição da emissora.

### 3.2A Telenovela e sua Estética: Estratégias Analíticas

A telenovela é um gênero narrativo com características bastante específicas: é uma história contada por meio de imagens televisivas, com diálogo e ação que tem uma trama principal e outras subtramas que se desenvolvem no decurso da apresentação. Naturalmente, a trama planejada como principal é a que leva o enredo básico, a fábula mais importante, do começo ao fim da ação e a que justifica todo o projeto, garantindo-lhe unidade.

Outra característica central nas telenovelas é que estas se apresentam como obras abertas sujeitas à interferência do público através de manifestações populares a favor ou contra determinados personagens, por meio de pesquisas de opinião realizada pela empresa de televisão, ou até mesmo pelos números da audiência, que podem fazer com que o autor mude os rumos da história. Além disto, é dividida em capítulos que organizam as narrativas.

Essa abertura permitida ao público para intervir nas telenovelas, possibilita classificá-la enquanto um produto de massa que poder ser adequado às solicitações do público, de acordo com o “*feedback*” que este fornece. Ou seja, por ser uma obra aberta, pode ser conduzida mediante as reivindicações ou desejos dos telespectadores. Essa é uma das características que as diferem de outras narrativas, as quais por estarem escritas, cristalizadas, não podem ser modificadas. Tornando as telenovelas mais complexas, longas e enredadas.

A telenovela pede tempo para se fixar na imaginação do telespectador. Ela deve ser, por definição, redundante, repetitiva. Não é suficiente para ela fazer menções rápidas e simples a fatos novos: esses fatos serão mostrados diversas vezes até que toda a audiência tome conhecimento deles. Isto possibilita a constituição do *ethos* discursivo dessa narrativa, visto que, como já citado aqui, este se constitui através dos discursos proferidos pelo enunciador, no nosso caso a rede Globo, que ganham legitimidade no contexto enunciativo.

De acordo com Maingueneau (2013), “o coenunciador incorpora, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habitá-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo” (p. 109). Nesse sentido, os telespectadores - citados por Maingueneau como coenunciadores - validam o *ethos* discursivo da telenovela, que disciplina e

estigmatiza corpos e sujeitos, construindo representações valorizadas ou desvalorizadas que se apoiam nestas enunciações.

Todas essas especificidades das telenovelas requerem o desenvolvimento de uma análise específica que consiga ao máximo captar as mensagens construídas neste espaço, pois estas possuem cultura e estética própria que a depender do método utilizado para a análise, deixará escapar informações preciosas para a construção do conhecimento acerca do objeto estudado. Nesse sentido, utilizamos parcialmente o método da *Análise de Imagens em Movimento*, proposto por Diana Rose (2002). Por mais que originalmente não tenha sido pensado para o estudo da telenovela (especialmente a brasileira, com suas peculiaridades), é um método voltado ao campo televisivo e dá atenção, também, ao discurso ficcional. Este método pressupõe a criação de categorias próprias para a televisão e seus produtos, ou seja, “categorias” que denotem a dimensão visual e verbal da telenovela.

É um método pautado na perspectiva da pesquisa qualitativa com materiais audiovisuais e teve como objetivo de estudo a representação do discurso da loucura na ficção seriada televisiva britânica e, para, além disso, buscou observar como a representação da loucura se dava por meio dos personagens e de sua relação com outros “não loucos” e o tratamento dispensado, de modo visual e verbal, para os personagens classificados pela metáfora da loucura.

Para Rose (2002), a televisão e seus conteúdos são mais do que simples produtos verbos-visuais ilustrativos, ou “um rádio com imagens” como ela coloca, eles vão além dessas compreensões.

Os meios audiovisuais são um almágama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É, portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura. (ROSE, 2002, p.343).

A análise proposta por ela lida com três subdivisões: 1) a seleção do programa, 2) a transcrição, também chamada de translação e 3) a codificação. Para a transcrição será levado em consideração as dimensões visuais e verbais envolvidas do extrato selecionado da telenovela. Durante a análise estabelecemos um diálogo permanente com nossos referenciais teóricos, levando em consideração

o material visual e verbal, a estrutura narrativa e o contexto de produção das telenovelas.

Nãoutilizamos a etapa da codificação, proposta no modelo de análise Rose (2002) tendo em vista que nos pautamos na análise do discurso fundamentada em Maingueneau (2015). Assim, as fases de nossa análise foram:

- 1) Seleção dos extratos da telenovela, sem edições. Considerando as vinhetas de entrada e saída, caso houvessem, tendo em vista que para nós o interdiscurso é de fundamental importância.
- 2) Transcrição dos extratos da telenovela, atendendo às duas dimensões básicas de análise: a dimensão verbal e visual no contexto dos personagens e das suas inter-relações na narrativa. Criou-se assim, quadros com as dimensões estéticas verbais e visuais dos personagens analisados, dentro das cenas enunciativas. A coluna da esquerda descreve os aspectos visuais da cena e a da direita a transcrição dos materiais verbais.
- 3) Análise das cenas enunciativas<sup>7</sup> e da construção do *ethos* discursivo, (MAINGUENEAU, 2015).

Nos utilizamos de alguns marcadores do método de transcrição de Marcuschi (2001) para transcrição dos elementos verbais das cenas, a fim de fornecermos aos leitores uma codificação<sup>8</sup> mais próxima possível do real.

Empregamos ainda a estrutura de análise desenvolvida por Silveira (2012), pela qual a autora cataloga os capítulos das telenovelas, relacionando-os com temáticas de destaques abordadas nos capítulos ou episódios exibidos, apresentando também as respectivas datas de exibição.

Como ressalta Rose (2002): “Nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto. [...] não há um modo de coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados que seja “verdadeiro” com referência ao texto original” (p.344).

---

<sup>7</sup>Para Maingueneau (2015) as cenas enunciativas são um quadro e um processo onde se desenrolam os discursos, “ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças (...), e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço...” (MAINGUENEAU, 2015, p. 117).

<sup>8</sup>Usamos o termo codificação no sentido de transcrição dos elementos verbais.

Dessa forma, a produção da análise não representa um processo de elementos indiscutíveis, ou que seja tomado como “fiel leitura” da obra. As análises serão sempre parciais, incompletas e abertas, pois envolvem escolhas, olhares teóricos, exigem recortes do espaço-tempo que podem diferir de pesquisador(a) para pesquisador(a), o que originam novos olhares e outras (re)leituras para o mesmo objeto de pesquisa. Concordamos com Rose (2002) quando nos diz:

Em vez de procurar uma perfeição impossível, necessitamos ser muito explícitos sobre as técnicas que nós empregamos para selecionar, transcrever e analisar os dados. Se essas técnicas forem tornadas explícitas, então o leitor possui uma oportunidade melhor de julgar a análise empreendida. (ROSE, 2002, p.345).

Dessa forma, fizemos o esforço de deixar explícito para o(a) leitor(a) as razões teóricas e empíricas das escolhas feitas pelo pesquisador(a), para que este(a) possa de acordo com os seus olhares e perspectivas teóricas, avaliar a análise estabelecida.

## 4 A MULHER COM DEFICIÊNCIA EM TELENÓVELAS BRASILEIRAS

*As identidades carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” ...*  
(Hall, 2005, p.88-89)

Neste capítulo discutimos sobre as mulheres com deficiência nas telenovelas da Rede Globo, focalizando os deslocamentos ocorridos em seu *ethos* ao longo do tempo e as relações entre o *ethos* constituído e os estereótipos ligados à mulher e à pessoa com deficiência em circulação na sociedade.

Na primeira seção discutiremos sobre as diversas novelas exibidas entre os anos de 1980 e 2016 que incluíram em sua trama alguma personagem com deficiência, destacando as formas recorrentes de abordar a temática, assim como, as mudanças de enfoque ao longo do tempo.

Na segunda seção apresentamos aspectos relevantes para análise de *Amor à vida*: breve descrição da história da personagem Linda, mulher com Transtorno do Espectro Autista (TEA); informações sobre o autor da novela; os critérios e estratégias usados para triagem e análise dos episódios da telenovela; assim como, os símbolos utilizados durante a transcrição. As seções seguintes são dedicadas à análise dos episódios de *Amor à vida* selecionados para este estudo.

### 4.1 O *Ethos* da Mulher com Deficiência em Telenovelas Brasileiras entre os Anos de 1980 e 2016

A fim de analisar como se constitui o *ethos* da mulher com deficiência nas telenovelas brasileiras, fizemos um levantamento dos personagens femininos com deficiência encenados entre os anos de 1980 e 2016. Este levantamento foi realizado a partir de consultas ao site “Memória Globo” (2017), o qual apresenta sinopses e curiosidades sobre as novelas produzidas pela emissora e da pesquisa de Silveira

(2012) que discute como telenovelas brasileiras tem abordado o tema “pessoas com deficiência”. É importante deixar claro que centralizamos nossa atenção nesse mapeamento apenas em personagens femininas com deficiência e não consideramos dificuldades físicas temporárias em curto período da trama.

Como já citamos, antes da década de 80, em 1965, a emissora exibiu a telenovela *Rosinha do Sobrado*. Nesta novela, a personagem com deficiência retrata a condição de invisibilidade e silenciamento que estas pessoas viviam naquela época. Rosinha (interpretada por Marília Pêra), era uma jovem paraplégica que não se socializava até que o médico (interpretado por Gracindo Jr.) chamado para tratá-la se apaixona por ela (ver Figura 1). Uma série de estereótipos ligados à mulher e à pessoa com deficiência que caracterizam a personagem: mulher pura, bondosa, sofredora, que vivia enclausurada e passava os dias vendo os acontecimentos da cidade onde morava da varanda de sua residência.

**Imagem 1 –Foto da personagem Rosinha, interpretada por Marília Pêra na telenovela *Rosinha do Sobrado* (1965)**



**Sinopse**

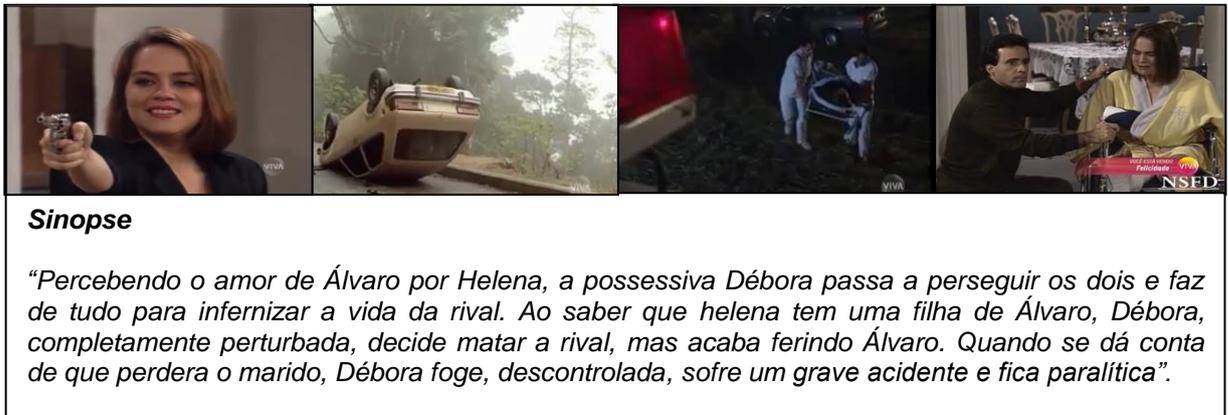
*“Um médico (Gracindo Jr.) sente uma paixão platônica por Rosinha (Marília Pêra), que está sempre debruçada na janela de casa, observando os acontecimentos da pequena cidade onde mora. Um dia, o médico é chamado pela família de Rosinha para atendê-la e descobre que a jovem vive em uma cadeira de rodas. Os dois iniciam um namoro e, no fim da trama, Rosinha se recupera e volta a andar”.*

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/rosinha-do-sobrado/trama-principal.htm>, 2016.

Rosinha é tratada, inicialmente, como incapaz de caminhar e de viver em comunidade. Após conhecer o médico, os dois iniciam um namoro e, no final da novela, Rosinha consegue andar e abandona a condição de cadeirante, traduzindo a ideia do modelo médico da deficiência, pelo qual a deficiência precisa ser corrigida, para que a pessoa possa viver feliz. Mas, esta realização pessoal também está atrelada à figura do médico, uma espécie de “príncipe encantado” que possibilita a inserção e ascensão social da personagem.

A segunda personagem com deficiência só aparece nas telenovelas, após quase 30 anos, em *Felicidade* (1991). Uma novela de grande repercussão, que foi vendida para diversos países. A personagem Débora, interpretada por Vivianne Pasmanter, era uma moça rica, possessiva e mimada. Ficou paraplégica nas últimas semanas da trama quando fugia de carro após tentar matar sua rival.

**Imagem 2 – Fotos da personagem “Débora”, interpretada por Viviane Pasmanter na telenovela *Felicidade* (1991)**



**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/felicidade/trama-principal.htm>, 2016.

Débora era a vilã da telenovela e seu acidente surge como um “castigo” pelas maldades que ela havia feito durante toda a história. O que remete à ideia de deficiência como punição ou maldição divina, reafirmando assim o *ethos* construído socialmente. No final da trama, surgem esperanças para que Débora volte a andar, mas, mesmo assim, não há redenção por parte da personagem e ela continua sendo vilã.

Na primeira telenovela não houve discussão acerca da vida e da condição da pessoa com deficiência física. A deficiência foi tratada de forma deturpada como se pudesse haver uma cura milagrosa e instantânea, como aconteceu com a personagem, dando a entender que a pessoa com paraplegia só é cadeirante por não procurar ou não ter acesso a tratamentos melhores ou mais sofisticados.

Em *Felicidade*(1991) já é possível percebermos deslocamentos do *ethos* construído da mulher com deficiência. A personagem feminina não é mais a mocinha pura e bondosa como Rosinha, agora é a vilã da novela. O trato da deficiência também se altera. Diferente da primeira personagem, Débora se torna pessoa com

deficiência por ser má, além disso, Débora vivia em comunidade, socializava-se e buscava independência por si só, diferente de Rosinha que precisou de uma figura masculina para salvá-la.

Em 1996, cinco anos depois de *Felicidade*, foi ao ar a telenovela *Vira-Lata*, de Carlos Lombardi, que tinha uma personagem com deficiência física vivida pela Pietra (Vanessa Lóes). Uma personagem secundária na trama, que fica paraplégica após ser baleada em uma fuga policial junto a Fidel. Fidel e Pietra tinham uma relação de amor de muitos anos, até que surge Renata, no meio da trama, formando um triângulo amoroso. Pietra foi baleada ao tentar salvar a vida de Fidel.

Penalizado com a situação de Pietra, ele resolve ficar com ela por pena. Após quinze anos juntos, Pietra se sente infeliz, incapaz como mulher e responsável pela infelicidade de Fidel. Por isso, ela promove o reencontro dele com Renata, com quem também tinha um filho. Nesta trama Fidel é apresentado como um mártir, por ter ficado com uma mulher com deficiência e Pietra como heroína que põe em risco a vida e sacrifica o próprio corpo para salvar o amado.

### **Imagem 3 –Foto da personagem Pietra, paraplégica interpretada por Vanessa Lóes, na novela Vira Lata**



#### **Sinopse**

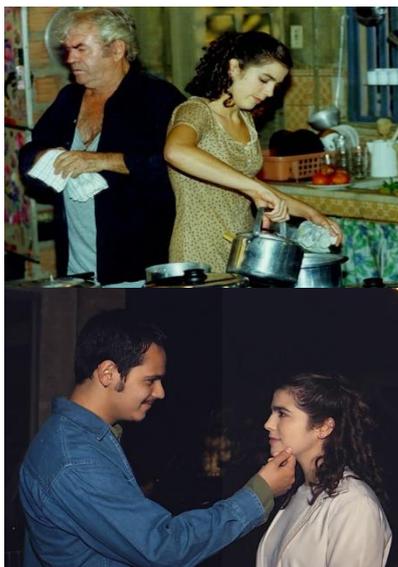
*“Pietra ficou paraplégica ao ser baleada nas costas durante a fuga de Fidel, injustamente caçado pela polícia. Penalizado, Fidel optou por terminar seus dias ao lado dela. Mas Pietra resolve romper a relação de 15 anos por não suportar ver Fidel amargurado e solitário, além de sentir-se incapaz como mulher, por estar numa cadeira de rodas.”*

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/vira-lata/fidel.htm>, 2016.

A deficiência nesta novela é apresentada como um sinônimo de infelicidade, tanto para pessoa com deficiência como para quem convive com ela. A personagem sente-se um estorvo na vida do seu companheiro e só se vê feliz longe da cadeira de rodas. O *ethos* construído de Pietra é similar ao de Rosinha: sentimento de vitimização com a deficiência e de exaltação por Pietra ter abdicado de seu grande amor, para que ele se realizasse com quem é “capaz” de lhe dar felicidade.

A telenovela *Torre de Babel* (1998), de Silvio de Abreu, apresentou dois personagens com deficiência: Jamanta (Cacá Carvalho), deficiente intelectual e Shirley (Karina Brum), personagem com deficiência motora (marcha claudicante<sup>9</sup>). Shirley era uma jovem muito tímida em decorrência da sua deficiência, a qual também sofria muito preconceito por parte da irmã. Pertencia ao núcleo secundário da telenovela. Jovem de classe baixa, bonita, meiga e bondosa, passou por um processo cirúrgico e no final da novela voltou a andar normalmente. Ela é apresentada na trama como a “boa deficiente”, que sempre está pronta para ajudar a todos e é resignada a um destino de dependência e endeusamento.

**Imagem 4– Fotos da personagem Shirley (Karina Brum), na novela *Torre de Babel* (1998)**



**Sinopse**

“Graciosa, terna, enérgica e bondosa. Otimista e feliz por natureza, suporta bem as agruras da vida pobre e difícil que tem. É a única que aceita o pai sem julgamentos, indo visitá-lo na cadeia. Apaixona-se perdidamente por Alexandre, o namorado da irmã, mas sofre com a indiferença dele. No decorrer da trama, envolve-se com Adriano (Danton Mello). Shirley tem um leve defeito na perna que afeta seu caminhar, fruto de um desentendimento com a irmã no passado”.

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/torre-de-babel/galeria-de-personagens.htm>, 2016.

Nesta trama, novamente, o *ethos* da deficiência é constituído a partir da ótica do sofrimento e do impedimento, pois Shirley antes do procedimento cirúrgico não se relacionava bem em sociedade, vivia reclusa e com vergonha. Ao conseguir andar “normalmente”, ela pôde realizar seu sonho de trabalhar com a família.

Em 2000, a novela de época *Esplendor*, de Ana Maria Moretzshon, que se passava na década de 1950, trouxe a personagem Olga, a qual era cadeirante.

<sup>9</sup>Marcha claudicante, consiste na dificuldade de andar normalmente em razão de perda total ou parcial de membro inferior ou movimento nervoso. (DICIONÁRIO INFORMAL, acessado em 03/05/2017).

Personagem do núcleo central da trama, Olga é uma mulher rancorosa e bastante agressiva, o seu comportamento é atrelado à sua deficiência. Olga era casada com Norman, médico da cidade, que continuou ao lado dela mesmo amando outra mulher, por sentir-se responsável pela deficiência da esposa após complicações no parto da filha.

**Imagem 5 -Foto da personagem Olga (Joana Fomm), na novela *Esplendor* (2000)**

	<p><b>Sinopse</b></p> <p><i>“Olga é agressiva e inconformada com sua vida. Após o nascimento da filha, Marisa (Adriana Garambone), adoeceu e ficou presa a uma cadeira de rodas. A morte do filho preferido, Pedro, foi o golpe final nas suas esperanças de felicidade. Não tem consideração pelas pessoas, é cruel, tirana e vive espezinhando Adelaide”.</i></p>
---	---

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/esplendor/galeria-de-personagens.htm>, 2016.

A deficiência foi discutida de forma explícita na trama, pois era o motivo das brigas e desentendimentos do casal. Mais uma vez, a mulher com deficiência tem ao seu lado um companheiro por dó e não por amor, como se esta mulher fosse incapaz de amar, ser feliz e proporcionar felicidade ao seu companheiro. A deficiência aparece novamente como sinônimo de dor, angústia e sofrimento, sendo a pessoa com deficiência incapaz de viver em sociedade.

A novela *América* (2005), de Glória Perez, em uma das suas tramas paralelas problematizou a deficiência com ênfase na deficiência visual. A personagem Flor (Bruna Marquezine), criança que já nasceu cega, sempre foi superprotegida pela família, por conta da deficiência. Não tinha nenhuma interação com o mundo até conhecer Jatobá (Marcos Frota), pessoa com deficiência visual, que apesar dos seus impedimentos, praticava esportes, trabalhava, dançava, vivia e interagia normalmente com a sociedade. A novela discutiu muito o dia-a-dia das pessoas com deficiência visual, incluindo na sua trama diversas cenas de crianças cegas, na vida real, destacando assim as dificuldades encontradas por estas pessoas, também, apresentou diversas alternativas de inclusão social para os deficientes visuais.

Na trama foi criado um programa fictício de TV chamado *É preciso saber viver*, apresentado por Dudu Braga, filho do cantor Roberto Carlos, que tem apenas 5% da visão. Neste programa eram apresentadas diversas entrevistas com pessoas com as mais variadas deficiências. Pode-se dizer que *América*, foi a primeira novela a problematizar, de forma bastante responsável, o cotidiano das pessoas com deficiência.

**Imagem 6 -Fotos da personagem Flor (Bruna Marquezine), na novela *América* (2005)**



**Sinopse**

*“Flô nasceu cega. Visita Jatobá (Marcos Frota) no subúrbio e se torna amiga também de Farinha (Mussunzinho). Cresceu cercada de todos os cuidados e é através de Jatobá que conquista sua independência.”*

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/america/galeria-de-personagens.htm>, 2016.

Durante a trama, foram discutidos os mais diversos temas ligados à deficiência, tais como: acessibilidade, reabilitação, estigmas e preconceitos, a visão do outro sobre a deficiência, entre outros. Estas discussões durante a novela tiveram grande repercussão no cenário midiático nacional, aparecendo nos jornais (impressos e televisivos), *sites*, *blogs*, revistas, entre outros. No *site* criado para divulgação da telenovela, muitas informações acerca das possibilidades de inclusão social da pessoa com deficiência visual, foram fornecidas para o público, além de divulgar diversos serviços disponíveis para estas pessoas no país.

Esta telenovela possibilitou um alto grau de verossimilhança, se aproximando muito do dia-a-dia dos/as telespectadores/as e oportunizando vozes e visibilidades, não só à pessoa cega, mas para pessoas com outras deficiências.

Nesta trama é possível perceber uma mudança do *ethos* discursivo acerca da pessoa com deficiência, especialmente da mulher, a qual apesar de ter se tornado independente por intermédio de uma figura masculina; era feliz com sua condição e superava os obstáculos dia após dia. Além disso, outras pessoas com a deficiência que aparecem na novela não atrelam a deficiência à ideia de dor e sofrimento, mas mostram as suas superações diárias e as diferentes formas de viver com deficiência.

Em 2006, a telenovela *Páginas da Vida*, de Manoel Carlos, trouxe a personagem vivida por Clara, interpretada pela pequena Joana Mocarzel. Uma criança doce, meiga de classe média. Sua mãe morre durante o parto e ela passa a ser criada pela médica que fez o parto, pois Clara foi rejeitada pela avó por ter Síndrome de Down. Ao adotá-la, Helena também enfrenta diversas situações discriminatórias, especialmente quando busca matriculá-la em uma escola. Esta novela possibilitou um retrato do cotidiano de homens, mulheres, crianças e adolescentes, tendo como eixo central a discussão sobre a Síndrome de Down e os preconceitos sociais que acometem os sujeitos com a síndrome.

**Imagem 7 -Fotos da personagem Clara (Joana Mocarzel), na novela *Páginas da Vida*(2006)**



**Sinopse**

*“A novela faz um retrato do cotidiano de homens, mulheres, crianças e adolescentes, tendo como eixo central a discussão sobre a síndrome de Down e os preconceitos da sociedade contra a deficiência. Clara, portadora da síndrome de Down, é criada por Helena (Regina Duarte) sem saber da existência de sua família verdadeira. Estuda numa escola do bairro, já que Helena é abertamente a favor da inclusão. A médica encontra quem defenda a teoria contrária, dando lugar ao debate”.*

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/paginas-da-vida/galeria-de-personagens.htm>, 2016.

A atriz que interpretava Clara, tem Down na vida real e é filha do cineasta Evaldo Mocarzel, diretor do documentário “Do Luto à Luta”, o qual traz depoimentos de famílias ao receberem o diagnóstico que seus filhos tinham Síndrome de Down. Este documentário inspirou o diretor e os atores da novela. A pequena Joana encantou os telespectadores e também inspirou a criação da primeira boneca lançada no país com característica da Síndrome de Down. Além disso, todo final de capítulo a novela trazia um depoimento real de superação de pessoas comuns. Temos aqui mais uma novela com um forte regime de verossimilhança com a realidade social, trazer atores com deficiência para o elenco e promover a criação de um brinquedo é possibilitar visibilidade e valorização das pessoas com deficiência. Foi uma novela que rendeu altos índices de IBOPE e foi vendida para mais de 20 países.

No ano de 2007, a novela *Duas Caras*, teve entre seus/suas personagens, Clarissa (Bárbara Borges), filha de um casal de classe média, muito estudiosa, que desde criança sonhava em ser juíza. Mas, sempre precisou se esforçar e se dedicar mais que as outras pessoas por ser disléxica<sup>10</sup>. Ao longo da vida, viveu várias situações de exclusão, principalmente na escola. Ao entrar na universidade a garota sofre com as situações vivenciadas no cotidiano de estudante e incentiva, também, a sua mãe a voltar a estudar. Acaba que ela se torna a querida da sala e Clarissa mais uma vez sente-se excluída. Sua vida muda ao encontrar na faculdade o cineasta Duda, que lhe traz equilíbrio e a faz ser feliz. Nesta telenovela percebemos que o *ethos* discursivo que se constitui acerca da mulher com deficiência está atrelado novamente à dependência da figura masculina. Para Clarissa ser feliz, conquistar sua independência e autonomia foi preciso encontrar o “homem salvador” ou “príncipe encantado”.

---

<sup>10</sup> Mesmo a dislexia não sendo considerada como deficiência, achamos interessante explorá-la aqui, tendo em visto que a Clarissa também se colocava na condição de “diferente” na trama.

## Imagem 8 - Fotos da personagem Clarissa (Bárbara Borges), na novela *Duas Caras* (2007)

Fonte: [http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/duas-caras/galeria-de-](http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/duas-caras/galeria-de-personagens.htm)

	<p><b>Sinopse</b></p> <p><i>“Clarissa é muito estudiosa e sonha ser juíza desde criança. Sempre teve que se dedicar mais na escola por ter dislexia e, quando vai prestar vestibular, conta com a ajuda da mãe para driblar esse problema. Acaba incentivando Célia Mara a ingressar na faculdade também, mas fica enciumada quando ela se transforma na queridinha da Universidade. Clarissa só encontra o equilíbrio quando conhece o promissor cineasta Duda Monteiro”.</i></p>
---	--

personagens.htm, 2016.

O ano 2009 foi o mais significativo no que diz respeito à visibilidade das pessoas com deficiência na teledramaturgia. Tivemos três novelas que apresentaram em seu elenco personagens com deficiência, destas, duas apresentaram personagens femininos. A primeira: *Caras e Bocas*, de Walcyr Carrasco, trazia em seu núcleo secundário *Anita*, vivida por Danieli Haloten, atriz que é deficiente visual na vida real. Foi a primeira vez, em novelas da Globo, que uma personagem cega foi interpretada por uma atriz cega. Danieli nasceu com glaucoma e, aos 10 anos, perdeu a visão do olho esquerdo em uma cirurgia; aos 17 anos, perdeu completamente a visão do olho direito.

Para estudar os capítulos e roteiros, a atriz usava um programa de computador que lia para ela por meio de um simulador de voz. As cenas, por sua vez, eram decoradas através de textos em braile. Para se preparar para as gravações, a atriz fazia um reconhecimento do cenário e memorizava seus passos. Ela e os atores que contracenavam, faziam marcações das cenas pelo tom de voz.

**Imagem 9 -Fotos da personagem Anita (interpretada por Danieli Haloten), na novela *Caras e Bocas* (2009)**

	<p><b>Sinopse</b></p> <p><i>“Anita é uma jovem com deficiência visual que deseja independência. Ela começa a trabalhar como vendedora de flores em um restaurante, onde conhece o garçom Anselmo, por quem se apaixona. Envergonhado por ser pobre e temendo que ela não o aceite, ele finge ser um rico frequentador do estabelecimento. O romance entre Anita e Anselmo tem um final feliz, mesmo depois de a jovem saber a verdade sobre o rapaz. Ao descobrir que tinha sido enganada, Anita fica arrasada e acredita que o namorado se aproveitava de sua deficiência visual para se divertir às suas custas. Mas eles se reconciliam, casam-se, e Anita engravida”.</i></p>
	

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/caras-bocas/anita-e-anselmo.htm>, 2016.

Na trama, Anita apesar de ser superprotegida pela família, tinha na tia o apoio para viver sua vida normalmente. Assim como outros jovens da sua idade, a tia a ajuda a conscientizar sua mãe e irmão que ela pode trabalhar, namorar, estudar e fazer tudo o que quiser. No decorrer da trama, Anita que sempre batalhou por independência, começa a trabalhar vendendo flores em um restaurante, onde encontra Anselmo com quem namora, casa e tem filhos, apresentando para a sociedade que a pessoa com deficiência visual, assim como qualquer outro, podem fazer as mesmas coisas que as pessoas tidas como “normais”.

Apesar de Anita ser apresentada na trama como uma menina/mulher inocente com a pureza e bondade de um anjo, é perceptível alguns deslocamentos na construção do *ethos* discursivo acerca da mulher com deficiência: Anita foi mostrada como um mulher que lutava por sua independência e autonomia, a deficiência para ela não era empecilho para felicidade e vida comum; a deficiência não apareceu como característica principal da vida da Anita e sim como uma condição, pela qual a personagem buscava as adaptações necessárias para que tivesse uma vida feliz e pudesse se sentir realizada.

O fato de a personagem ser interpretada por uma pessoa cega causou grandes repercussões nos jornais e revistas que circulavam na época. A emergência da discussão sobre inclusão social chegou de forma bastante contundente nas telenovelas, possibilitando fortes mudanças acerca das ideias já cristalizadas na sociedade sobre as pessoas com deficiência.

A segunda telenovela do ano de 2009 a apresentar personagem feminino com deficiência no seu enredo foi *Viver a Vida*, escrita por Manoel Carlos. Apesar de trazer entre as personagens uma das suas “Helenas”, como é típico do autor, o foco da novela passou a ser a personagem Luciana, vivida por Alinne Moraes. Uma jovem de classe alta, moradora do Leblon (Rio de Janeiro), bonita, alta, magra, ambiciosa e modelo profissional, em início de carreira. Foi criada com todas as regalias possíveis, muito mimada e ciumenta. Sonhava com o glamour e a fama como modelo. Ao retornar de um desfile em Petra, na Jordânia, Luciana sofre um acidente de carro, o qual a deixa tetraplégica.

A partir do diagnóstico, a personagem Luciana passou por diversas fases de aceitação da sua nova condição. Por ser de uma família rica, a personagem teve a oportunidade de ter ao seu dispor uma série de aparatos e condições que a ajudaram a adaptar-se a sua nova situação, mas ainda assim teve que enfrentar seus medos, o preconceito próprio e das demais pessoas que lhe cercavam.

A novela além de problematizar todas essas questões vividas pelas pessoas com deficiência, trouxe para discussão a precariedade dos serviços públicos e as dificuldades que envolvem os tratamentos, apesar de a personagem não necessitar dos serviços públicos. Com Luciana é perceptível a reprodução de alguns *ethos* cristalizados acerca da mulher com deficiência, tais como: a angústia e o sofrimento causados pela deficiência, principalmente durante o diagnóstico; a deficiência como um castigo, considerando que a personagem tinha temperamento difícil e maldoso antes do acidente.

Luciana só encontra vontade de continuar vivendo após estabelecer um relacionamento amoroso com Miguel, com quem, mais tarde, casa e tem filhos. Novamente, o mito do “príncipe encantado” e da realização feminina atrelada necessariamente ao casamento e à maternidade é reforçado na novela.

**Imagem 10 -Fotos da personagem Luciana(interpretada por Alinne Moraes), na novela *Viver a vida* (2009)**



**Sinopse**

*“Viver a Vida, novela contemporânea ambientada no Rio de Janeiro, apresentou como mote o tema da superação (...) Ao longo da trama, Luciana, jovem mimada que nunca precisou batalhar por nada na vida, transforma-se em símbolo da luta pela superação após sofrer um acidente e ficar tetraplégica”.*

**Fonte:** <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/viver-a-vida/trama-principal.htm>, 2016.

No final da trama, Luciana consegue conquistar autonomia e volta às passarelas, mesmo com o “corpo deficiente”. Nesse sentido, percebemos que as telenovelas se estabelecem como uma arena de disputa, hora reafirmando os discursos já cristalizados socialmente, reproduzindo estereótipos e segregações, hora chamando a atenção para outras possibilidades e identidades das pessoas com deficiência, mostrando que elas são sujeitos de direito e têm múltiplas possibilidades de existência.

Os anos de 2008/2009 também proporcionaram grandes avanços na conquista de direitos sociais para este público. Em 2008 tivemos a Convenção da ONU sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e em 2009 a Convenção foi promulgada como emenda constitucional, toda essa discussão em nível internacional sobre as pessoas com deficiência promoveu diversas articulações com o meio midiático, destacando as telenovelas, que passaram cada vez mais a proporcionar visibilidade e reconhecimento a estes sujeitos negligenciados historicamente.

Esse é o cenário que temos antes de *Amor à Vida* (2013). Foram 09 telenovelas que retrataram a mulher com deficiência. Em sua

maioria, retrataram personagens de núcleos secundários e o *ethos* construído acerca destas, baseia-se em três elementos principais: vilãs, vítimas e vencedoras.

As personagens retratadas como vítimas são aquelas mulheres que consideram a deficiência como sinônimo de infelicidade, dor e pesar. São pessoas com deficiência que de alguma maneira precisam ser salvas ou corrigidas pela sociedade ou pela figura masculina. Nessa categoria temos, também, as personagens que encontram na deficiência a redenção moral, ou seja, as pessoas que se tornam melhores após adquirirem a deficiência.

Em oposição às vítimas, vemos as personagens vencedoras, aquelas que apesar dos impedimentos ocasionados pela deficiência, lutam pela superação e por conquistarem independência. Trabalham, têm vida social, buscam a felicidade independente de suas condições. Nestas duas categorias encontramos a figura da “boa deficiente”, que são mulheres dotadas de bons sentimentos, que ajudam a todos/as e fizeram de suas deficiências um motivo a mais de luta para serem felizes.

As personagens vilãs se caracterizam por carregarem a maldade e o rancor e por associarem estes sentimentos à deficiência. Sendo assim, a deficiência é motivo de rancor e/ou “castigo” pelas maldades realizadas pelas personagens.

## 4.2 A Novela Amor à Vida

Como salientamos anteriormente, dedicaremos maior esforço na análise do *ethos* discursivo acerca da mulher com deficiência em *Amor a Vida*. Telenovela escrita por Walcyr Rodrigues Carrasco, exibida na TV Globo entre os anos de 2013 e 2014, no horário nobre, que traz em sua trama uma personagem com TEA.

Linda, vivida por Bruna Linzmeyer, é a filha mais nova do casal Amadeu (Genézio de Barros) e Neide (Sandra Corveloni). Linda tem TEA e sua condição necessita de atenção especial, exige que a sua família sereinvente e passe a descobrir novas formas de se relacionar com ela e com o mundo que os cercam. Linda é uma jovem bonita, doce e meiga, a qual vive sob a superproteção da mãe. Com esse excesso de zelo, Neide, involuntariamente, impede a evolução da filha e sua socialização com o mundo.

Linda apresenta desequilíbrios emocionais temporários, muitos deles provocados pela insensibilidade e desafeto da irmã Leila (Fernanda Machado), que não tem paciência e preocupação para com a jovem e defende sua internação. Já

Daniel (Rodrigo Andrade), o seu outro irmão, é um jovem extremamente carinhoso com Linda.

No decorrer da trama, Linda passa a contar com o apoio de Rafael (Rainer Cadete), jovem advogado, amigo do seu irmão, que faz o que pode para inseri-la na sociedade. Rafael se apaixona por Linda e enfrenta a resistência e a desconfiança da família da jovem, até conseguir provar que realmente ama Linda e tem boas intenções. A partir deste relacionamento, Linda passa a ser mais independente, dentro das suas possibilidades e cada vez mais se torna próxima de Rafael.

Nos capítulos finais da telenovela, Rafael pede Linda em casamento, com a concordância de seu pai e sua mãe (depois de muito resistirem). Como ela precisa de uma rede de apoio, continua morando com os pais e Rafael se muda para a casa da família.

#### **4.2.1 Sobre o Autor**

Walcyr Rodrigues Carrasco é escritor, dramaturgo e roteirista. Iniciou sua carreira profissional como jornalista. Seu primeiro livro publicado foi *Quando Meu Irmãozinho Nasceu*. Desde então, ainda na literatura infanto-juvenil, escreveu e publicou diversas obras. Como dramaturgo, escreveu peças de sucesso como *Batom* (1995), que revelou a atriz Ana Paula Arósio e *Êxtase* (1997), pela qual recebeu o prêmio Shell de melhor autor.

Estreou escrevendo para a televisão no final da década de 1980, com a novela *Cortina de Vidro*, produzida e exibida pelo SBT. Em seguida, na Rede Manchete, escreveu três minisséries. Contratado pela Globo em 1993, trabalhou como supervisor de texto no seriado *Retrato de Mulher*.

Walcyr Carrasco foi, ainda, junto com Mário Teixeira, o autor da novela *Xica da Silva* (1996), produzida e exibida também pela extinta Rede Manchete, sob a direção de Walter Avancini. Na ocasião, como era contratado do SBT, teve que assinar a trama com o pseudônimo Adamo Angel. Ainda no SBT, escreveu *Fascinação* (1998). Voltou a trabalhar na Globo em 2000, quando assinou – também com Mário Teixeira – sua primeira trama na emissora, *O Cravo e a Rosa* (2000). Um grande sucesso das 18h, com Eduardo Moscovis e Adriana Esteves nos papéis Julião Petruccio e Catarina Batista. A direção coube a Walter

Avancini, com quem Walcyr Carrasco também trabalharia no seu próximo trabalho, a novela *A Padroeira* (2001).

Walcyr Carrasco foi um dos autores da segunda versão do seriado *O Sítio do Picapau Amarelo* (2001), baseado na obra de Monteiro Lobato. Voltou a escrever novelas ainda em 2002, ao substituir – a partir do capítulo 149 – o autor Benedito Ruy Barbosa à frente de *Esperança* (2002).

Outro sucesso do autor é *Chocolate com Pimenta* (2003). Também foi responsável pela reedição de *Alma Gêmea* (2005), clássico escrito por Ivani Ribeiro. Em 2006, supervisionou o remake de *O Profeta* (2006), trama igualmente escrita Ivani Ribeiro ainda nos tempos da Rádio Nacional. Outras tramas contemporâneas do autor são: *Sete Pecados* (2007) e *Caras & Bocas* (2009).

Em 2012, em homenagem ao centenário de nascimento de Jorge Amado, ele escreveu o remake da novela *Gabriela*. No ano seguinte, fez sua estreia na faixa das 21h com *Amor à Vida* (2013), novela de grande repercussão nacional, com direção geral de Mauro Mendonça Filho. Em 2015, Walcyr voltou ao ar com *Verdades Secretas*, no horário das 23h.

#### **4.2.2 A seleção dos Episódios**

A seleção das cenas analisadas iniciou com uma consulta ao *site* Memória Globo (2017) e, posteriormente, com o acesso ao Globo Play (2017), uma plataforma digital de vídeos da Rede Globo, que reúne todos os trabalhos produzidos pela emissora que foram ao ar a partir do ano de 2010. Lá, tivemos acesso a todos os capítulos da novela *Amor à Vida* (2013), após esta aproximação, assistimos e selecionamos os episódios em que a personagem Linda figurava como personagem central da cena. Dessa maneira, selecionamos todos os capítulos no qual aparecia em algum momento a experiência de Linda e a sua vida cotidiana.

A novela *Amor à Vida* teve ao todo 221 capítulos. Desse total, Linda aparece em 48 capítulos<sup>11</sup>, em alguns deles em mais de um episódio; contabilizamos 58 cenas que Linda aparece como personagem central. Destas transcrevemos 15, para posterior análise, levando em consideração as dimensões visuais e verbais.

---

<sup>11</sup>Neste trabalho utilizamos o termo capítulo para designar o capítulo diário da telenovela. O termo episódio/cenas é utilizado para representar fatos isolados que são apresentados dentro dos capítulos.

A fim de organizarmos a catalogação, após assistirmos os capítulos nos quais Linda aparecia, elencamos os assuntos mais pertinentes de cada episódio e criamos as categorias temáticas para análise, mesmo alguns destes abordando diversos assuntos correlacionados entre si. Também entendemos que todos os episódios tratam de algum modo, sobre o Transtorno do Espectro Autista vivenciado por Linda e suas formas de enfrentamento. Nesse sentido, organizamos as categorias/temas no quadro 2, contendo o nome do episódio e as suas respectivas datas de exibição.

## QUADRO 2 – TEMAS E EPISÓDIOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE.

TEMAS	EPISÓDIOS	DATAS DE EXIBIÇÃO
<b>A pessoa com deficiência e o cotidiano de preconceitos</b>	Leila reclama de Linda (Cap. 07) <sup>12</sup>	27/05/2013
	Linda reage à ofensa de Leila (Cap. 26)	18/06/2013
	Linda entra em desequilíbrio emocional por sentir falta de Rafael (Cap. 207)	15/01/2014
	Linda emociona a família com discurso (Cap. 2014)	24/01/2014
<b>Intervenções Multidisciplinares para as pessoas com TEA</b>	Renan e Daniel ajudam no desenvolvimento de Linda (Cap. 32)	25/06/2013
	Neide e Amadeu dificultam a evolução de Linda (Cap. 94)	05/09/2013
	Rafael leva Linda ao fonoaudiólogo (Cap. 166)	28/11/2013
<b>Sexualidade da pessoa com deficiência</b>	Rafael dança com Linda (Cap. 124)	10/10/2013
	Amadeu leva Rafael para visitar Linda (Cap. 124)	10/10/2013
	Neide e Amadeu discutem na presença de Linda (Cap. 125)	11/10/2013
	Neide briga com Linda por causa de Rafael (Cap. 211)	20/01/2014
	Linda se emociona ao reencontrar Rafael (Cap. 214)	23/01/2014
	Linda e Rafael se casam (Cap. 220)	30/01/2014
<b>Independência e autonomia</b>	Rafael ajuda Linda a cozinhar (Cap. 175)	09/12/2013
	Linda faz sucesso como pintora (Cap. 221)	31/01/2014

Fonte: A Autora, 2016.

A primeira categoria denominada de: *A pessoa com deficiência e o cotidiano de preconceitos* é composta por quatro episódios nos quais a personagem Linda sofre preconceito, principalmente por parte da irmã, é vítima da exclusão social e tem que lutar contra a superproteção da família, especialmente por parte da mãe. Incluímos nessa categoria um momento de crise de Linda, por ter sido forçada a se

<sup>12</sup>Utilizamos os nomes dos episódios segundo a classificação da emissora (Fonte: GLOBO PLAY, 2007).

separar de Rafael. Estão nesta temática os episódios em que é possível perceber a condição de Linda como TEA, suas relações familiares e sociais.

A segunda categoria intitulada: *Intervenções Multidisciplinares para pessoas com TEA*, tratadas intervenções multidisciplinares para as pessoas com TEA apresentadas na novela. Estão incluídos nesta temática, três episódios que retratam os tratamentos de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia vivenciados por Linda. Como a família dispunha de condições materiais, a personagem tinha ao seu dispor esta rede multidisciplinar que a auxiliava a conviver melhor com o transtorno. A telenovela funcionou como uma “vitrine” dos serviços e atendimentos disponíveis para este público. Aqui também apresentamos os entraves retratados na novela pela não aceitação da condição de Linda e a superproteção por parte família e os obstáculos para o desenvolvimento da personagem.

Elencamos a *Sexualidade da pessoa com deficiência* como sendo a terceira temática vivenciada por Linda na telenovela. Um dos temas mais recorrentes, por ser ainda rodeado por muitos tabus e preconceitos. E se tratando da sexualidade de pessoas com deficiência estes se maximizam, principalmente pela tendência à infantilização dessas pessoas. Nesta temática apresentamos seis episódios pelos quais são discutidas as questões da sexualidade entre Linda, sua família e a comunidade que a personagem fazia parte. Uma discussão rodeada de estigmas.

A última categoria temática, composta por dois episódios, chamada de *Independência e autonomia*, traz situações em que o foco é a busca de Linda para conquistar independência e autonomia, tanto nas atividades cotidianas, como na vida profissional, tendo em vista que a trama encerra-se com a personagem tornando-se uma pintora de sucesso. Considerando que esta categoria temática abrange as demais, apresentamos esses dois episódios que são bastante expressivos para entendermos as significações que perpassam a vida social de Linda. Um dos episódios apresenta Linda executando tarefas do dia-a-dia; no outro, a sua história de superação, ao se tornar pintora.

Após selecionarmos estes episódios e organizá-los por categorias temáticas, apresentamos as transcrições, em seguida, as análises das cenas enunciativas e a do *ethos* discursivo. Embasadas na perspectiva de análise do discurso; compreendemos que discurso é um sistema de significados e práticas sociais que perpassa os textos e constitui as identidades dos sujeitos e dos objetos. Sendo

assim, é um sistema composto por uma rede de relações de poder, algumas vezes assimétricas, que são contingentes e fluídas, logo, são construídos historicamente.

Como já citamos neste trabalho, as transcrições foram realizadas utilizando alguns elementos do sistema de transcrição de Marcuschi (2001), a fim de conferir maior proximidade possível com os diálogos reais. Para o autor “é necessário considerar não apenas os elementos verbais, mas entonacionais, paralinguísticos e outros, algumas informações adicionais, quando houver, devem aparecer na transcrição, uma vez constatada sua relevância” (MARCUSCHI, 2001, p. 9). No quadro abaixo apresentamos os elementos utilizados e seus respectivos significados.

### QUADRO 3 – SÍMBOLOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS.

ELEMENTOS	SIGNIFICADOS
(+)	Pausas e silêncios.
/	Truncamentos bruscos, quando o falante corta unidade, ou quando é cortado pelo parceiro.
MAIÚSCULA	Quando uma sílaba ou uma palavra é pronunciada com ênfase ou recebe acento mais forte que o habitual.
- - - -	Silabação, quando a palavra é pronunciada silabadamente.

Fonte: Marcuschi (2001).

## 4.3 A Pessoa com Deficiência e o Cotidiano de Preconceitos

### 4.3.1 Leila Reclama de Linda

A primeira aparição de Linda na novela foi no 7º capítulo, no dia 27 de maio de 2013. Neste episódio a irmã, Leila, já anuncia a forma como trataria e consideraria Linda ao longo da novela.

#### Episódio 1 - Leila reclama de Linda (Cap. 07) - 27/05/2013

**Imagem 11: Leila briga com Linda pelo controle da TV.**



**Imagem 12: Leila reclama de Linda para a tia Pilar.**



Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

**Quadro 1- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 07  
(exibido em 27/05/2013).**

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL
<p>Sala de TV da casa da família da Linda.</p> <p>Aparecem Leila sentada em uma cadeira e Linda no sofá com o controle da TV em mãos, girando-o sem parar.</p> <p>Neide entra na sala com uma bandeja em mãos e coloca sobre a mesa.</p> <p>Daniel aparece estudando com livros sobre a mesa.</p> <p>Linda aparece rodando o controle com as mãos.</p> <p>Neide olha para as duas, aflita.</p> <p>Linda começa a ficar em desespero.</p> <p>Aparece, neste momento, imagens da memória da Linda, câmera distorcida, reapresentando o rosto da Leila pedindo o controle, sua voz aparece ecoando na memória de Linda.</p> <p>Leila toma das mãos da Linda o controle da TV.</p> <p>Linda levanta-se do sofá e sai desesperada para a outra sala e senta no outro sofá.</p> <p>Amadeu aparece sentado em outra mesa.</p> <p>Neide aparece tentando acalmar Linda, que se mexe muito.</p> <p>Daniel pega o controle das mãos de Leila e devolve a Linda.</p> <p>Neide aparece segurando a mão da filha para que ela se acalme.</p> <p>Linda solta a mão da mãe e segura firmemente o controle.</p> <p>Linda continua girando o controle.</p> <p>Neide levanta-se.</p> <p>Neide abre a porta e recebe Pilar.</p> <p>Pilar entra na casa.</p> <p>Aparecem Daniel e Linda no mesmo sofá e Amadeu segue em direção da irmã. Cumprimentam-se.</p> <p>Pilar tenta abraçar Linda, que levanta-se imediatamente, sem responder ao abraço e senta-se em outro sofá.</p> <p>Neide vai ao encontro da filha e a acaricia. Segura o rosto dela e pede para cumprimentar a Pilar.</p> <p>Linda ao balançar o corpo, tenta soltar um beijo para tia.</p>	<p><i>Som da TV.</i></p> <p><b>Leila:</b>LINDA, LINDA, LINDA eu tô falando com você. LINDA ME DA O CONTROLE?</p> <p>“Linda, Linda, Linda eu tô falando com você. Linda me da o controle?” (ecos)</p> <p><b>Leila:</b> ME DÁ ESSA DROGA DESSE CONTROLE!//</p> <p><b>Neide:</b> Leila, filha, não faz isso!</p> <p><b>Leila:</b> Gente será possível que a gente não pode nem vê televisão nessa casa.</p> <p><b>Amadeu:</b> Você sabe que sua irmã é diferente!</p> <p><b>Leila:</b> tá, pra mim isso é excesso de mimo!</p> <p><b>Daniel:</b> Não fala besteira, tá?!</p> <p><b>Leila:</b> É por isso que ela não evolui, porque vocês mimam!</p> <p><b>Neide:</b> Linda</p> <p><b>Leila:</b> Ah!</p> <p><b>Daniel:</b> Toma, pode brincar à vontade.</p> <p><i>Som da campanha.</i></p> <p><b>Neide:</b> Oi Pilar, que bom que você chegou!</p> <p><b>Pilar:</b> Oi querida, que transito infernal, viu?! (+) Amadeu!</p> <p><b>Leila:</b> Oi tia!</p> <p><b>Pilar:</b> Oi Leiloca!</p> <p>Oi Linda, como vai? Tá bonita, dá um beijo na tia. Ah. (+) Ah, não é nada!</p> <p><b>Neide:</b> Desculpa, desculpa, você sabe que ela não gosta de ser tocada por ninguém, só pela mamãe, né Linda? (+) Linda, cumprimenta sua tia! Cumprimenta sua tia Pilar.</p> <p><b>Pilar:</b> Oi, oi!</p> <p><b>Linda:</b> Ti-ti-a, ti-ti!</p> <p><i>Risos</i></p> <p><b>Pilar:</b> Oi querida, tudo bem? (+) Mas, e aí, o que estava acontecendo nessa casa que eu ouvi uma gritaria gente!</p> <p><b>Leila:</b> É a linda que sequestrou o controle da TV!</p> <p><b>Amadeu:</b> Você precisa ter mais paciência com sua irmã, Leila!</p>

<p>Pilar, Amadeu e Daniel sorriem contentes com a resposta da Linda.</p> <p>Daniel e Neide aparecem acariciando a Linda. E Leila sentada no braço do outro sofá.</p> <p>Linda levanta-se, como quem está se sentindo incomodada com as afirmações da irmã.</p> <p>Neide olha para Leila e pede silêncio!</p> <p>Daniel, sai junto com Linda da sala.</p>	<p><b>Leila:</b> Tá cada dia mais insuportável viver nessa casa!</p>
--	--

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Neste episódio é possível perceber que a briga entre os membros da família gira em torno de Linda, considerada por sua irmã uma pessoa incapaz e que atrapalha a rotina da casa, ao afirmar: “Tá cada dia mais insuportável viver nessa casa!”, além disso, Linda é tratada como diferente pela família; percebemos isto de maneira bastante clara na fala do pai, Amadeu: “Você sabe que sua irmã é diferente!” um estigma já cristalizado que torna as pessoas com deficiência “diferentes” das outras, haja vista que a diferença é parte da própria diversidade humana.

É possível percebermos ainda que a mãe de Linda (Neide) desenvolve todo um mecanismo de superproteção em relação à filha: “... você sabe que ela não gosta de ser tocada por ninguém, só pela mamãe, né Linda?...” obstáculo que incentiva a falta de socialização de Linda. Parece que a mãe acredita que a sua companhia, entrega e zelo total com a filha a faz viver bem. Já para Leila, esta superproteção é “mimo: “É, por isso, que ela não evolui, porque vocês mimam!”

As ofensas da Leila para com a Linda perduram toda a trama, muitas vezes é o motivo de descontroles frequentes da personagem, como veremos no episódio apresentado a seguir (Imagem 12).

Analisando ainda o ambiente no qual se passou a cena (sala da casa) percebemos que o mesmo é escuro, sem vida, sem cores; com decoração em tons marrons. O que denota para o/a telespectador um lugar de tristeza e angústia. As vestimentas da Linda são sempre em tons nudes, cinzas, com poucas cores, roupas sem nenhuma sensualidade ou luxo, na maioria das cenas usa moletoms. Seus cabelos sempre estão amarrados, não usa maquiagens ou adereços de moda.

#### **4.3.2 Linda reage à ofensa de Leila**

A partir deste episódio Linda passa a ganhar mais visibilidade na trama, a própria família busca alternativas que a auxiliem a ter uma melhor qualidade de vida, como por exemplo as sessões com o psicólogo. Ainda assim com excesso de zelo por parte da mãe. Linda começa a se socializar e frequentar outros ambientes além do familiar. A mesma nunca havia frequentado escolas ou sequer tinha algum amigo.

### Episódio 2 - Linda reage à ofensa de Leila (Cap. 26) - 18/06/2013

**Imagem 13: Leila, Linda e Neide no quarto.**



**Imagem 14: Linda entra em desequilíbrio emocional por conta das agressões da irmã.**



Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

### Quadro 2- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 26 (exibido em 18/06/2013).

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Quarto das irmãs. Leila aparece desfazendo as malas que estão sob sua cama; Linda sentada na cama e Neide organizando a cômoda.</p> <p>Leila tira as roupas da mala e vai guardando em sua cômoda.</p> <p>Linda aperta um pompom de lã e mostra-se incomodada com a conversa.</p> <p>A câmera foca no olhar de Linda que aparece desfigurado ao olhar para sua mãe e para sua irmã dialogando. Como se estivesse sofrendo ao escutar aqueles discursos.</p> <p>Neide senta na cama e continua a conversar com Leila, Linda levanta e mostra-se inquieta com a situação.</p> <p>Neide direciona o olhar para Linda, a qual apresenta um semblante de dor.</p> <p>Linda olha atentamente para Leila, aperta os lençóis da cama, a câmera mostra a imagem distorcida, como se fosse a forma de olhar da Linda.</p>	<p><b>Leila:</b> Alegria de pobre dura pouco mesmo, voltei pra bagunça, né?!</p> <p><b>Neide:</b> Calma Leila, eu vou arrumar a cama da Linda. Vai ficar tudo bem filha!</p> <p><b>Leila:</b> Eu não entendo como é que ela não aprende a arrumar a cama, UM NEGÓCIO TÃO SIMPLES.</p> <p><b>Neide:</b> Filha sua irmã tem limitações (+) você tem que ter paciência com ela filha.</p> <p>Fundo musical.</p> <p><b>Leila:</b> Hunhum.</p> <p><b>Neide:</b> Eu marquei uma consulta pra ela no psicólogo lá no San Magno. Foi seu tio César que indicou, ele disse que é muito bom.</p> <p><b>Leila:</b> Você acha mesmo que esse bicho vai aprender alguma coisa?</p> <p>As vozes são reproduzidas com eco, como se fosse à forma que Linda escuta.</p>

<p>Neide levanta, dirige-se até Leila e segura firme nos seus braços para repreendê-la.</p> <p>Leila faz cara de deboche.</p> <p>Leila continua a organizar suas roupas. Neide se dirige até Linda e estende a mão para ela. Neste momento a imagem aparece desfocada, como se fosse à imagem que Linda tem do rosto da mãe. Linda tenta resistir, mas Neide a tira do quarto.</p> <p>Neide olha firmemente para Leila e fecha a porta do quarto.</p> <p>Linda aparece andando inquieta pela sala de estar da casa, Neide sentada no chão, Leila descendo as escadas começa a falar.</p> <p>Neste momento Linda olha firmemente para Leila, a imagem da câmera aparece distorcida. Leila mostra as chaves à mãe e olha com desprezo para Linda.</p> <p>Leila dá as costas a Linda e sai de casa, neste momento Linda entra em crise, começa a andar descontroladamente pela casa e Neide tenta acalmá-la. Neide a abraça. Linda chora descontroladamente com um semblante de dor e muito sofrimento. As duas sentam-se no chão e permanecem abraçadas, chorando muito. Em alguns momentos a imagem da câmera é distorcida.</p>	<p><b>Neide:</b> LEILA NÃO FALA ISSO DA SUA IRMÃ! Ela é um ser humano, você tá ouvindo... (+)</p> <p><i>Fundo musical de dor, angustia e sofrimento.</i></p> <p><b>Leila:</b> /Hunhum.</p> <p><b>Neide:</b> Como eu, como você! (+) eu fico aqui o dia todo com ela. Filha eu sei que ela tem uma alma linda.</p> <p><b>Leila:</b> Tá, tá, tá, CHEGA MÃE. Deixa eu terminar de arrumar isso aqui, que eu tenho que encontrar a Pilar, não posso perder o emprego também, né?</p> <p><i>Fundo musical de dor, angustia e sofrimento.</i></p> <p><b>Neide:</b> Vem com a mamãe Linda, vem, vem... Vamos tomar um suco? Deixa a Leila arrumar as coisas dela.</p> <p>Por alguns instantes as vozes ecoam.</p> <p><b>Leila:</b> saco!</p> <p><b>Leila:</b> Oh mãe vê se arruma a cama da Linda, da um jeito nessa bagunça, não dá pra viver assim não!</p> <p><b>Neide:</b> Leila, Leila não esquece de levar sua chave filha.</p> <p><b>Leila:</b> Hunhum. (+) O que é Linda? Tá me olhando assim por quê?</p> <p><i>Fundo musical de suspense.</i></p> <p><b>Linda:</b> Não, não deixa, não. Linda é gen-te, gente...</p> <p><b>Leila:</b> Tá, fui.</p> <p><b>Neide:</b> Linda.</p> <p><i>Fundo musical de dor, angustia e sofrimento.</i></p> <p><i>Fundo musical de batida, vidro quebrando.</i></p>
--	--

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Nesta cena muitos elementos são possíveis de análise, a começar pela reafirmação do estereótipo de Linda como incapaz, por não saber arrumar a própria cama, afirmadas nas falas da mãe e da irmã. Além disso, a irmã de forma desrespeitosa agride Linda e nega sua condição de sujeito ao dizer: “Você acha mesmo que esse bicho vai aprender alguma coisa?” além de reafirmar que a irmã é incapaz de aprender as atividades mais corriqueiras do dia-a-dia, Leila a trata como “bicho”, ferindo a dignidade e a cidadania da irmã. Essa situação causa muita dor e

sofrimento em Linda, que compreende sua negação enquanto sujeito e antes de entrar em crise afirma: “Não, não deixa, não. Linda é gen-te, gente...”.

Neide se mostra bastante revoltada e inconformada com a forma pela qual Leila trata a irmã, a repreende e tenta amenizar a angústia de Linda. No discurso dela é perceptível o estereótipo social de que a pessoa com deficiência tem uma “pureza de alma” que lhes é essencial. Ao dizer: “... Filha eu sei que ela tem uma alma linda”, ela reafirma isto.

#### **4.3.3 Linda entra em Desequilíbrio Emocional por Sentir Falta de Rafael**

Neste momento da novela, Linda e Rafael já haviam se aproximado o bastante para que ela confiasse e desenvolve-se um carinho muito grande pelo rapaz. Rafael foi preso (imagem 15 e 16) acusado por Leila e Neide de abuso de incapaz. As duas oviram beijando Linda em uma praça, quando os dois saíram para passear, como de costume.

No mesmo período em que Rafael é preso, Leila (irmã de Linda) morre em um incêndio provocado pela própria vilã. Linda, então, é desafiada a viver dois contextos de luto: a prisão de Rafael e a morte da irmã e acaba misturando os conteúdos afetivos das duas situações.

#### **Episódio 3 - Linda entra em desequilíbrio Emocional por sentir falta de Rafael (Cap. 207) - 15/01/2014**

**Imagens 15 e 16: Linda entra em crise por acreditar que Rafael morreu.**



**Imagem 17: Rafael preso pela denúncia feita por Neide e Leila.**

**Quadro 3- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 207 (exibido em 15/01/2014).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Cemitério onde está sendo sepultada Leila, irmã de Linda (imagem 17).</p> <p>Linda aparece caminhando pelo cemitério com um semblante muito triste e desconfigurado.</p> <p>Linda chega até a sepultura da irmã, onde estão seus pais, alguns poucos familiares e amigos.</p> <p>A câmera foca em Thales, Amadeu e Neide. Amadeu com tom de choro, responde a Linda. Neide chora e coloca o braço sobre o ombro de Amadeu tentando confortá-lo. Linda está no meio dos dois.</p> <p>A câmera mostra Bernarda e Lutero, ela muito triste com a morte da neta.</p> <p>A câmera se volta para Linda.</p> <p>A câmera foca em Thales que responde a Linda, com voz de choro.</p> <p>A câmera mostra Pilar e Maciel, antes motorista, agora namorado de Pilar, tia da Linda.</p> <p>Linda começa a desesperar-se, fica bastante inquieta e fala.</p> <p>Linda se aproxima da sepultura bastante angustiada.</p> <p>Linda entra em desequilíbrio, dirige-se até a mãe incontrolada, Neide segura no seu rosto e tenta fazê-la escutar.</p> <p>Linda volta-se para o tumulto, passa a mão e desesperada, chorando muito, em crise fala.</p> <p>A câmera mostra a reação dos amigos e familiares, todos compadecidos da situação de Linda.</p> <p>Daniel se aproxima e tenta junto com os pais segurar Linda que correndo pelo cemitério gritando e chorando muito.</p> <p>Neide corre atrás da filha e consegue segurá-la. Amadeu vem logo atrás das duas muito apereado com a situação.</p> <p>Linda segura nos portões do cemitério e chora desesperadamente, Neide, Amadeu e Daniel tentam controlá-la. Neide também chora ao vê a filha naquele estado.</p> <p>Linda chora incontrolada.</p> <p>Cenário da prisão onde Rafael está preso.</p> <p>Corredores do presídio, com presos em cela.</p>	<p>Fundo musical de dor, tristeza.</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia. Hun, hun... A Leila que tá nesta caixa grande?</p> <p><b>Amadeu:</b> É, é a Leila sim filha. Ela teve que ser enterrada em caixão lacrado (+) sobrou só os restos carbonizados. Por isso que você não viu a Leila, filha.</p> <p><b>Linda:</b> Ela, ela vai pra debaixo da terra?</p> <p><b>Thales:</b> Vai Linda, vai! A Leila, a Leila foi embora pra sempre.</p> <p><b>Linda:</b> O Ra-fael, O RAFAEL TAMBÉM FOI EMBORA PRA SEMPRE.</p> <p><b>Amadeu:</b>NÃO FILHA!</p> <p><b>Linda:</b> O Ra-fael, o Rafael também foi, também, também foi pra debaixo da terra?</p> <p><b>Amadeu:</b>NÃO, NÃO, FILHA, o Rafael não foi pra debaixo da terra.</p> <p><b>Neide:</b>ELE NÃO FOI, FILHA!</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia. O RAFAEL, O RAFAEL, O RAFAEL FOI EMBORA PRA SEMPRE! FOI VOCÊ, VOCÊ DISSE QUE ELE FOI EMBORA PRA SEMPRE.</p> <p><b>Neide:</b> Calma filha!</p> <p><b>Amadeu:</b>/Calma!</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia, eu não, não, não quero que o Rafael tenha ido embora pra sempre.</p> <p>Fundo musical de dor, angustia e sofrimento.</p> <p><b>Amadeu:</b> Linda!</p> <p><b>Neide:</b> Filha!Linda, calma!</p> <p><b>Linda:</b> /Balbucia, não, não, Rafael.</p> <p><b>Amadeu:</b> Linda, calma, calma filha!</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia, Rafael, Rafael!</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia, Rafael, Rafael volta, VOLTA RAFAEL!</p> <p><b>Neide:</b> Filha, calma, calma filha!</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia, Rafael!</p> <p><b>Neide:</b> Calma, calma meu amor!</p> <p><b>Linda:</b> Volta Rafael, volta, volta Rafael, volta!</p> <p>Som de sirene da polícia.</p>

<p>Rafael aparece sentado na cama da sua cela, onde está solitário, com as mãos na cabeça aparentando está bastante preocupado. O carcereiro aparece e pergunta.</p> <p>O carcereiro escuta atentamente Rafael que se levanta revoltado. Dá um chute na grade da cela. Escora-se na grade e fala com voz de choro.</p>	<p><b>Carcereiro:</b> Psiu! O que é que o doutorzinho fica aí sozinho pensando, em? Som de sirene da polícia.</p> <p><b>Rafael:</b> Na garota que eu amo, a Linda, eu sei quando ela precisa de mim, eu sinto quando ela precisa de mim, quando ela quer falar comigo. (+)</p> <p>Fundo musical de dor, sofrimento.</p> <p><b>Rafael:</b> Eu sinto que ela precisa de mim agora, enquanto eu tô aqui, PRESO! (+) EU NÃO POSSO FAZER NADA! NOSSA, COMO ISSO DÓI! DÓI MUITO!</p> <p>Fundo musical de dor, sofrimento.</p>
--	---

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

O episódio é bastante triste, com pouca luminosidade, grande parte dos integrantes da cena vestem preto, demonstrando luto por Leila; e acrise de Linda proporciona ainda mais angustia para o momento.

Rafael, foi à pessoa que facilitou o processo de Linda sair do cárcere domiciliar, ajudou-a ser livre e conquistar sua autonomia. Linda ao imaginar que nunca mais estaria com o Rafael entra em desespero e associa sua ausência à morte.

A partirdo momento que sua mãe a proíbe de vê-lo por conta do beijo, Linda entra num período de regressão, para de se comunica com as pessoas, fica sempre trancada no quarto sob a cama, não se alimenta.

#### **4.3.4 Linda Emociona a Família com Discurso**

Este talvez tenha sido um dos episódios mais emocionantes vividospor Linda na trama (Imagens 18, 19 e 20). Quando a novela se aproxima do fim, a personagem decide pedir socorro. O apelo de Linda nesta cena também rendeu muitos comentários e críticas do público, pois a forma com que Linda se expressa e se comunica é mais sofisticada que durante toda a sua trajetória na trama.

**Episódio 4 - Linda emociona a família com discurso (Cap. 214) - 24/01/2014**

**Imagem 18: Linda pede socorro.**



**Imagem 19: Linda diz o quanto é doloroso viver presa dentro de si.**



**Imagem 20: Todos se emocionam muito com o discurso de Linda.**

Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

**Quadro 4- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 214 (exibido em 24/01/2014).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Sala de estar da casa de Linda. A cena tem pouca luz e muitas sombras.</p> <p>Rafael desce as escadas segurando à mão de Linda. Os dois com semblante meio apreensivo.</p> <p>Todos olham ansiosos para Linda e Rafael.</p> <p>Linda fala com muita tristeza e angustia.</p> <p>Amadeu, Daniel e Neide olham bastante preocupados para Rafael e para a Linda.</p> <p>Neide e Amadeu bastante preocupados falam. Daniel cruza os braços ao ouvir o pai falar, como que se estivesse com raiva do Rafael.</p>	<p><b>Rafael:</b> A linda quer falar com vocês.</p> <p><b>Daniel:</b> Quer falar com a gente, Linda?</p> <p><b>Amadeu:</b> Que, que você quer falar, filha?</p> <p><b>Neide:</b> Pode falar filha, pode falar o que você quiser!</p> <p>Fundo musical de dor, sofrimento, angustia.</p> <p><b>Linda:</b> Socorro!</p> <p><b>Neide:</b> VOCÊ TÁ PEDINDO SOCORRO, FILHA?</p> <p><b>Amadeu:</b> O Rafael de alguma forma ele TE AGREDIU, FILHA?/</p>

<p>Rafael levanta os braços e fala.</p> <p>Linda balança a cabeça em sinônimo de reprovação e angustiada fala.</p> <p>Neide, Amadeu e Daniel se olham surpresos.</p> <p>Linda começa a falar aflita, muito aflita, chorando. Segura no peito, nos ouvidos e fala, enquanto que todos ficam atentos e emocionados observando Linda se expressar.</p> <p>Linda dirige-se até seu pai e fala com muita emoção enquanto o acaricia. Ele segura no braço de Linda e olha com um olhar piedoso. Ela encosta a cabeça no peito do seu pai e ele o abraça.</p> <p>Ela direciona-se até Rafael e começa a falar olhando para ele, continua chorando e cheia de emoção. Rafael chora bastante emocionado</p> <p>Linda pega na mão de Rafael e continua a falar.</p> <p>Linda se direciona para Daniel e compartilha esse sentimento.</p> <p>Daniel dá um beijo na testa da Linda.</p> <p>Linda se direciona para mãe e fala de forma muito angustiada, chorando muito. Estende as duas mãos para ela, Neide segura em suas mãos e chora bastante.</p> <p>Linda se desespera, Rafael a abraça forte, depois todos se aproximam dos dois.</p> <p>Neide acaricia o rosto da Linda que permanece abraçada com o Rafael.</p> <p>Linda segura na mão do pai e olha para os demais ainda cheia de emoção. A cena encerra-se com todos bastante emocionados e se abraçando.</p>	<p>Fundo musical de dor, angustia.</p> <p><b>Rafael:</b> Calma, Calma!</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia, Não, o Rafael não!</p> <p>(+) VOCÊS!</p> <p><b>Neide:</b>NÓS?</p> <p><b>Linda:</b> eu tenho, eu tenho que falar, SOCORRO, SOCORRO, EU TENHO QUE FALAR! DÓI, DÓI, DÓI, DÓI, AQUI DÓI, AQUI DÓI, DÓI, DÓI, A VIDA TODA, A VIDA TODA, PRESA, PRESA DENTRO DO MEU CORPO, PRESA, (+) barulho dói, luz forte dói, gostos, cheiros me fazem mal, cheiros, eu presa dentro de mim, DENTRO DE MIM, AS VOZES, AS VOZES.(+) TEM UMA PAREDE, TEM, TEM UMA PAREDE, TEM UMA PAREDE, UMA PAREDE DE VIDRO, UMA PAREDE DE VIDRO, UMA PAREDE DE VIDRO, entre eu e vocês. (+)</p> <p>Eu ouvia, eu ouvia vocês, ouvia, mas as vozes NÃO ENTRAVAM DENTRO DE MIM, NÃO ENTRAVAM, NÃO ENTRAVAM, NÃO ENTRAVAM, os sentidos, os sentidos das coisas, não entravam, não entrava, não entrava, não entrava. Eu presa, a parede, a parede SEPARA, SEPARA A PAREDE, EU PRESA, PRESA DENTRO DE MIM. (+)</p> <p>Fundo musical de dor, angustia, sofrimento.</p> <p>DENTRO, DENTRO, DENTRO DE MIM, DE MIM. Mas, aí chegou o Rafael, chegou o Rafael, o Rafael QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU PAREDE, QUEBROU PAREDE, QUEBROU. O Rafael deu tempo pra Linda. Tempo, tempo que lateja, lateja. O Rafael deu tempo pra Linda. TEMPO PRA LINDA EXISTIR NO MUNDO, DEU TEMPO. Estendeu a mão lá do fundo, lá do fundo, do fundo, trouxe, trouxe pra cá, pra cá, me trouxe aqui pra fora, às vezes EU NÃO CONTROLO, NÃO CONTROLO, NÃO CONTROLO MEU CORPO, EU NÃO CONTROLO, EU ME MECHO, EU ME MEXO.</p> <p><b>Daniel:</b> Psiu, psiu!</p> <p><b>Linda:</b> e aí as palavras, as palavras, as vozes EU NÃO CONSIGO CONTROLAR, EU NÃO CONSIGO. Eu não sou, eu não sou a pessoa mais fácil do mundo, EU NÃO SOU. EU NÃO SOU A PESSOA MAIS FÁCIL DO MUNDO, EU NÃO SOU. (+)</p> <p>MÃE, MÃE, MÃE, MÃE (fala gritando), a Linda sabe que não é fácil, que a Linda não é fácil. MÃE EU MAL EXISTO, MAS EU SÓ EXISTO COM CUIDADO. Não deixa o</p>
---	--

	<p>Rafael ir embora de novo! ME AJUDA, ME AJUDA MÃE, NÃO DEIXA, EU NÃO QUERO, EU NÃO QUERO FICAR PRESA DENTRO DE MIM, EU NÃO QUERO FICAR PRESA, FICAR PRESA, EU NÃO QUERO FICAR PRESA DENTRO DE MIM. EU NÃO QUERO, EU SÓ NÃO CONSIGO, EU SÓ, NÃO CONSIGO, EU SÓ, NÃO CONSIGO (fala gritando).</p> <p><b>Rafael:</b> Calma, calma, Linda!</p> <p><b>Neide:</b> Calma, filha!</p> <p><b>Daniel:</b> Psiu!</p> <p><b>Amadeu:</b> Ninguém vai te tirar o Rafael!</p> <p><b>Daniel:</b> Eu não sabia, Linda, eu não sabia que o Rafael era tão importante pra você, DESCULPA!</p> <p><b>Neide:</b>ME PERDOA, FILHA. ME PERDOA, Rafael! O Rafael não vai mais sair de perto de você, filha. Tá bom? A gente vai ficar aqui junto, todo mundo junto. Tá filha, tá bom, filha?</p> <p><b>Linda:</b> Pai, Daniel, Mãe, Rafael, RAFAEL, RAFAEL, RAFAEL.</p> <p><b>Rafael:</b> Linda!</p> <p><b>Linda:</b>RAFAEL, Rafael, Rafael!</p>
--	--

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

O pedido de socorro de Linda envolve diversas questões bastante arraigadas na sociedade sobre as pessoas com deficiência. A primeira é o estigma de que são incompetentes, grotescas, que não têm sentimentos, ou são incapazes de participar da vida em sociedade. Principalmente ao falar de pessoas com TEA, tendo em vista que há um desconhecimento enorme sobre as especificidades e singularidades do autismo. Algumas passagens nos revelam a angústia vivida por Linda durante a sua vida: “TENHO QUE FALAR! DÓI, DÓI, DÓI, DÓI, AQUI DÓI, AQUI DÓI, DÓI, DÓI, A VIDA TODA, A VIDA TODA, PRESA, PRESA DENTRO DO MEU CORPO, PRESA...”

Ela continua afirmando: “barulho dói, luz forte dói, gostos, cheiros me fazem mal, cheiros, eu presa dentro de mim, DENTRO DE MIM, AS VOZES, AS VOZES. (+) TEM UMA PAREDE, TEM, TEM UMA PAREDE, TEM UMA PAREDE, UMA PAREDE DE VIDRO, UMA PAREDE DE VIDRO, UMA PAREDE DE VIDRO, entre eu e vocês”. Neste episódio a novela apresenta um diálogo pouco verossímil da personagem (tendo em vista toda sua trajetória na trama e dificuldades explicitadas),

mas parece ter uma intenção didática: explicar aos/as telespectadores as especificidades do Transtorno do Espectro Autista, ressaltando uma de suas principais características que é a dificuldade de comunicação.

Assim, Linda destaca suas dificuldades para interagir funcionam como uma parede/barreira que a impede de viver bem, corresponder aos estímulos das demais pessoas: “Eu ouvia, eu ouvia vocês, ouvia, mas as vozes NÃO ENTRAVAM DENTRO DE MIM, NÃO ENTRAVAM, NÃO ENTRAVAM, NÃO ENTRAVAM, os sentidos, os sentidos das coisas, não entravam, não entrava, não entrava, não entrava. Eu presa, a parede, a parede SEPARA, SEPARA A PAREDE, EU PRESA, PRESA DENTRO DE MIM. (+)”.

A ênfase dada ao papel de Rafael na vida de Linda, novamente revela a repetição do mito do “príncipe encantado” que salva, emancipa, proporciona a plena realização da mulher através do relacionamento heterossexual e/ou casamento. Linda afirma: “... Mas, aí chegou o Rafael, chegou o Rafael, o Rafael QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU, QUEBROU PAREDE, QUEBROU PAREDE, QUEBROU. O Rafael deu tempo pra Linda. Tempo, tempo que lateja, lateja. O Rafael deu tempo pra Linda. TEMPO PRA LINDA EXISTIR NO MUNDO, DEU TEMPO.

Linda em seu discurso reconhece seus impedimentos e declara não ser fácil lidar com elas: “... as vozes EU NÃO CONSIGO CONTROLAR, EU NÃO CONSIGO. Eu não sou, eu não sou a pessoa mais fácil do mundo, EU NÃO SOU. EU NÃO SOU A PESSOA MAIS FÁCIL DO MUNDO, EU NÃO SOU. (+)MÃE, MÃE, MÃE, MÃE (fala gritando), a Linda sabe que não é fácil, que a Linda não é fácil. MÃE EU MAL EXISTO, MAS EU SÓ EXISTO COM CUIDADO. Não deixa o Rafael ir embora de novo! ME AJUDA, ME AJUDA MÃE, NÃO DEIXA, EU NÃO QUERO, EU NÃO QUERO FICAR PRESA DENTRO DE MIM ... EU SÓ, NÃO CONSIGO, EU SÓ, NÃO CONSIGO (fala gritando).” Neste trecho Linda refere-se principalmente à mãe, principal responsável pelos cuidados da Linda. Afirma que é difícil, trabalhoso cuidar e viver com ela na condição de autista, mas demanda cuidado, atenção e reafirma a importância da presença de Rafael na sua vida.

Percebemos, neste momento da novela, que a fala de Linda dialoga e questiona uma série de estereótipos já cristalizados na sociedade sobre as pessoas com TEA: 1) de que são incapazes de viver em sociedade, estudar, trabalhar, namorar, passear como os/as demais; 2) de que são infelizes e trazem infelicidade

para todas as pessoas que convivem com elas; 3) de que seus impedimentos são maiores e mais fortes que suas potencialidades. O estereótipo da fragilidade feminina e dependência masculina, a novela não debateu, reforçou.

Vimos, no capítulo 1, que em algumas épocas históricas as pessoas com deficiência foram tomadas pela sociedade como seres dignos de pena e/ou horror. Apontadas, observadas e excluídas, essas pessoas por muito tempo foram vistas como o outro a ser corrigido ou extinto. Com o passar do tempo, os discursos passam por deslocamentos e articulam-se com discursos assistencialistas, médicos, pelos direitos humanos, pela inclusão social. No entanto, os estereótipos não se alteram ou desaparecem totalmente ao longo da história. Reconhecer e respeitar a pessoa com deficiência como um ser humano de direitos iguais as pessoas sem deficiência ainda é um processo que caminha a passos lentos em nossa sociedade.

É importante lembrarmos, também, que as questões sociais interferem na produção midiática e passam inclusive a ser tema de novelas, como mostramos na seção 3.1 deste capítulo. Em 2012, tivemos no cenário brasileiro uma relevante conquista para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, a promulgação da Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, no governo da presidente Dilma Rousseff, que garante a pessoa autista o reconhecimento enquanto pessoa com deficiência, lhes assegurando todos os direitos legais concedidos às pessoas com deficiência no nosso país. Talvez este tenha sido, inclusive, uma das razões para a Globo, enquanto enunciadora, abordar o tema na telenovela. Não podemos esquecer que enquanto canal aberto de televisão, a mesma precisa cumprir as metas educacionais previstas no contrato de concessão.

Além das interferências externas na produção midiática, o movimento inverso também acontece de maneira bastante contundente. A repercussão e a influência das produções novelísticas no nosso país são avassaladoras. Linda gerou uma série de polêmicas “no mundo de fora” das telinhas. Ao pesquisarmos ainda foi possível localizarmos alguns sites e blogs com reportagens sobre a personagem. Em 10/10/13 o *site* Extra, traz uma reportagem intitulada: “‘Amor à vida’: Bruna Linzmeyer se comove com a repercussão de Linda: ‘Fico feliz, emocionada e tocada’”, nesta reportagem o site traz uma entrevista com a atriz que fala sobre a preparação para fazer Linda e a repercussão do público:

Nove meses foram necessários para Bruna Linzmeyer dar vida a Linda, a jovem autista da trama de Walcyr Carrasco. O tempo de uma gestação faz

sentido. O universo da personagem é repleto de nuances, assumidamente frágil — uma abordagem equivocada poderia rasurar a iniciativa, até então inédita. O amadurecimento dela aconteceu em cena, sempre defendido com paixão pela atriz, que sente a boa recepção do público. (EXTRA, 2013).

De acordo com o site a atriz se preparou o bastante para viver a Linda na novela, mas o amadurecimento veio no decorrer do percurso, o qual pode ter sido ocasionado com as trocas de experiências da atriz com pessoas autistas, como ela mesma afirma:

O retorno está muito bonito. Ganho carinho, ouço histórias, coisas que aconteceram. Autistas me escrevem, pessoas na rua me abordam. Fico feliz, emocionada e tocada. Por causa da novela, muitas pessoas passaram a saber o que é autismo — afirma Bruna sobre sua trama em “Amor à vida”. Conheço autistas que têm relações, algumas mais diferentes e outras mais tradicionais — conta Bruna, que revela uma de suas maiores inspirações: — Carly Fleischmann é considerada uma autista grave, que não fala, mas escreveu um livro com o pai. (EXTRA,2013).

Bruna ainda relatou para o site que um dos encontros mais emocionantes foi com Julia, a autista e cunhada da Fernanda Machado, que interpreta na trama a sua irmã, Leila.

A Julia adora cinema, trabalha como bilheteira nos EUA, sabe tudo de filme, e foi me assistir. No fim da cena, olhei e ela estava chorando. Sentei na frente dela e comecei a chorar também, e ela agradeceu e falou: “Você me entendeu. Entendeu minha solidão”. Foi um dos maiores elogios que eu poderia ter. (EXTRA,2013).

Toda essa proximidade com o público oportuniza a novela educar percebemos assim o quanto que a TV pedagogiza os sujeitos e constitui identidades.

No site da telenovela Amor à Vida (2013), é possível encontrar diversos depoimentos, intitulados de “Histórias de Amor à Vida”, que envolvem a temática da superação, o que possibilita que a novela adentre a vida e o cotidiano das pessoas. Nany Martins conta a história de vida do seu filho David, criança com autismo, e relata que: “Diferente de Linda, a personagem autista de Bruna Linzmeyer, David recebeu tratamento e estímulos adequados e hoje, aos 9 anos, já ganhou até prêmio em concurso de robótica”(GSHOW, 2014).A mãe luta para que seu filho tenha uma educação de qualidade e possa ter espaço na sociedade como qualquer outra pessoa tida como “normal”.

No site da Globo (2013) localizamos a reportagem veiculada no programa Encontro, no dia de exibição do último capítulo da novela(31/01/2014). A matéria intitulada “Atriz catarinense fala sobre o papel da autista Linda em Amor à Vida. Ela

falou sobre preparação para personagem e o resultado do trabalho”, traz um diálogo entre a Bruna Linzmeyer, o autor Walcyr Carrasco, a apresentadora Fátima Bernardes e outros atores da novela.

"Foi tudo muito carinhoso", disse a catarinense a respeito da repercussão junto ao público. Segundo a atriz, tudo o que ela ouvia nas ruas sobre a personagem vinha com "uma camada de história daquela pessoa". "Então era sobre o seu filho, ou era sobre o seu vizinho, ou era sobre o seu desejo de que a sociedade fosse de outra maneira, ou era sobre 'isso está ali', sendo mostrado na novela", explicou. Bruna disse ser "maravilhoso" o alcance de uma novela das 21h para debater temas como esse. (GLOBO, 2013).

Conforme contou Walcyr Carrasco no Encontro, o autor optou por não abordar tratamentos para o autismo pelo fato de existirem vários tipos de tratamento. "Não é a minha função. A minha função é alertar para a existência. Então eu optei realmente nesse final pelo caminho quase que do conto-de-fadas. É a superação, para dizer 'existe a possibilidade de superação'", disse. A super-proteção dos pais, não apenas de autistas, também foi um ponto de alerta na novela. (GLOBO, 2013).

Tanto a atriz como o autor Walcyr Carrasco, deixam claro o poder que as novelas têm de formar opinião, constituir *ethos* discursivos que perduram na sociedade e geram diferentes representações. Bruna ao afirmar que a história das pessoas “se confunde” com a história da Linda apresenta para o forte regime de verossimilhança da novela com o mundo real, que faz com que as pessoas consigam se reconhecer ou reconhecer os outros na personagem. O autor deixa claro que a novela não trouxe muito cunho educativo no sentido de apontar tratamentos ou instrumentos que auxiliassem a vida do autista, levando em consideração a complexidade da deficiência, o seu objetivo enquanto escritor foi possibilitar visibilidade a estes sujeitos.

A forma de abordagem do autismo na telenovela rendeu muitas polêmicas. Berenice Piana<sup>13</sup>, afirmou que ainda não viu um caso de melhora tão rápida, mas que conhece autistas casados e que namoram: "Eu acredito [*que a questão do amor*] se encaixa muito nos graus [*de autismo*] ainda" (GLOBO, 2013). Além desta posição assumida por Berenice, o site Minha Vida escrito por Nathalie Ayres (2014), veiculou uma reportagem em 27/01/2014, afirmando que especialistas apontaram oito erros médicos da novela:

---

<sup>13</sup>Autora da lei Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.

Desde maio de 2013, alguns dos assuntos que mais têm caído na boca dos brasileiros são doenças. Tudo por causa da novela *Amor à Vida*, escrita por Walcyr Carrasco e exibida na Rede Globo no horário das 21h. A trama se passa em grande parte do tempo dentro de um hospital em São Paulo, o San Magno, e grande parte dos personagens são médicos, enfermeiros ou mesmo executivos dessa instituição.

E com tantas cenas passadas dentro do ambiente hospitalar, diversas questões de saúde foram citadas, como lúpus, câncer, AIDS, cegueira, adoção de dietas não saudáveis, entre outros... Porém, muitas vezes em nome do enredo, algumas informações a respeito de doenças acabam não retratando fielmente a realidade, ou passando uma impressão errônea. Por isso, separamos alguns deslizes e até mesmo erros médicos mostrados na novela. (AYRES, 2014).

Segundo o site, entre os oito deslizes ou erros médicos está a forma como foi tratado o autismo:

A personagem Linda (Bruna Linzmeyer) tem sido importante para mostrar na novela como o autista pode ter possibilidades como qualquer outra pessoa. O problema é que a novela não levou em consideração que existem graus de autismo, e a personagem não parece se encaixar em muitos deles. "Ao que parece, o grau de habilidade de lidar com situações e linguagem da personagem muda conforme as cenas: em algumas ela parece ter um desenvolvimento muito atrasado, em outras parece mais avançado e, depois ela volta a ficar como antes. Não é assim que um autista se desenvolve", avalia a psicóloga Ana Arantes, mestre em Educação Especial e doutora em Comportamento e Cognição.

Pelo histórico da personagem, que nunca foi à escola e também foi educada rigidamente pela mãe, sem oportunidades de se desenvolver, seria muito difícil ela de repente se desenvolver e progredir. "Poderia-se dizer que Linda, partindo de um estágio de autismo moderado-grave, rapidamente queimou etapas chegando ao final da novela como autista leve, algo que é ilusório", comenta a psiquiatra Evelyn Vinocur, pós-graduada em pediatria e especialista em psiquiatria clínica. (AYRES, 2014).

O site reconhece que tratar o autismo na telenovela foi de fundamental importância para promover visibilidade às pessoas com esta deficiência, as quais historicamente sem sido alvo de exclusão e segregação social, mas a forma como o escritor conduziu a atuação da personagem, deturpou os impedimentos provocados pelo autismo, trazendo perspectiva "ilusória".

A reabilitação é bastante importante para as pessoas com deficiência, afinal, é através desse processo que elas conseguem desenvolver estratégia e condições diferentes para viver com a deficiência, ganhando maior autonomia e independência.

No caso da Linda, como as barreiras para a inclusão social estavam dentro de casa, ela não teve a oportunidade de desenvolver processos de reabilitação significativos. Tendo em vista que Linda não foi escolarizada, seu diagnóstico e tratamentos foram bastante tardios. Só a partir do capítulo 31, exibido no dia 24/06/13, que a Linda inicia o tratamento psicológico, ainda com muita resistência e

superproteção por parte da família. As sessões de fisioterapia iniciaram no capítulo 32, o qual foi ao ar no dia 25/06/13, mesmo com um irmão fisioterapeuta Linda só iniciou o tratamento na fase adulta.

Linda iniciou o tratamento, mas logo em seguida a mãe desistiu de prosseguir com as sessões, justificando não ter tempo para levar a filha para os atendimentos, tendo em vista que era sozinha para cuidar da casa e de Linda. É possível perceber que a mãe se coloca como a principal responsável pelo cuidado da Linda; o pai mesmo sendo cuidadoso, não se empenhava em participar ativamente da vida da filha, uma realidade bastante comum nas famílias com filhos(as) com deficiência. Dessa maneira, é perceptível que as maiores dificuldades para que Linda avançasse estavam no interior da própria família e advinham de questões atitudinais e não materiais.

Nesta categoria, apresentamos três episódios significativos que ressaltam algumas especificidades da deficiência da Linda, as barreiras para inclusão e o significativo avanço da personagem no final da trama.

#### **4.4 Intervenções Multidisciplinares para Pessoas com TEA**

##### **4.4.1 Renan e Daniel Ajudam no Desenvolvimento de Linda**

Neste episódio do capítulo 32, no qual Linda inicia as sessões de fisioterapia é perceptível à superproteção da mãe e os entraves causados por ela para o tratamento de Linda. O pai, Amadeu, chega a omitir algumas atitudes tomadas junto com o psicólogo para que a mesma possa se desenvolver.

**Episódio 5 - Renan e Daniel ajudam no desenvolvimento de Linda (Cap. 32) - 25/06/2013**

**Imagem 21: Linda e sua família estão no consultório do Renan.**



**Imagem 22: Linda faz esteira na sala de fisioterapia.**



Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

**Quadro 5- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 32 (exibido em 25/06/2013).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Consultório do Psicólogo Renan no Hospital San Magno.</p> <p>Linda aparece com um aparelho de celular na mão vendo TV atentamente.</p> <p>Renan, Amadeu e Neide trocam olhares entusiasmados. Neide aparece sentada ao lado da fila. Renan e Amadeu de pé, observando a Linda.</p> <p>Neide tira o celular da mão de Linda.</p> <p>Daniel bate na porta e entra no consultório.</p> <p>Linda levanta a cabeça e olha atentamente para Daniel.</p> <p>Daniel se aproxima de Linda, ajoelha-se e fala com a irmã. Linda interage com o irmão.</p> <p>Linda continua interagindo com Daniel.</p> <p>Na sala de fisioterapia.</p> <p>Daniel segurando nos braços de Linda, Renan, Amadeu e Neide, olhando atentos para Linda e Daniel, que tenta fazê-la subir na esteira.</p> <p>Linda dá as costas para a esteira e vai para a janela.</p> <p>Renan se aproxima de Linda para tentar interagir.</p>	<p>Som da vinheta do telejornal.</p> <p><b>Neide:</b> Filha, Linda? (+) Fala com o Renan filha.</p> <p>Som do telejornal.</p> <p><b>Renan:</b> Ela não precisa falar se não quiser. Seu Amadeu é, (+) sobre o que combinamos, eu prefiro que.../</p> <p><b>Neide:</b> O que vocês combinaram?</p> <p><b>Amadeu:</b> Fica tranquila Neide.</p> <p>Toc, toc.</p> <p><b>Amadeu:</b> Ah, chegou bem na hora filho.</p> <p><b>Daniel:</b> Olá!</p> <p><b>Renan:</b> Olá, olá!</p> <p><b>Daniel:</b> Oi Linda, tudo bem?</p> <p><b>Linda:</b> Niel-el-el...</p> <p><b>Daniel:</b> TUDO BEM? Olha eu trouxe roupas para você treinar comigo lá na sala de fisioterapia. Hum!</p> <p><b>Neide:</b> TREINAR? HOJE?</p> <p>Fundo musical de esperança.</p> <p><b>Daniel:</b> hunhum.</p>

<p>Linda parece um pouco assustada, não para, movimenta-se muito.</p> <p>Neide se aproxima de Linda. Toca no seu rosto, a fim de que Linda olhe para ela.</p> <p>Linda parece muito assustada.</p> <p>Linda sobe na esteira.</p> <p>A câmera foca nos pés de Linda, a qual começa a caminhar com tranquilidade na esteira.</p> <p>Neide com olhar aflito e cuidadoso olha para Daniel e fala.</p> <p>Linda começa a correr, todos sorriem e se alegram.</p> <p>Daniel e Neide batem palmas para Linda.</p> <p>Lanchonete do Hospital San Magno</p> <p>O garçom trás o chocolate quente da Linda, ela parece meio assustada.</p> <p>Neide aparece soprando o chocolate quente para que Linda tome.</p> <p>Neide passa a xícara para Linda.</p> <p>Renan olha para todos que estão na mesa, meio surpreso, fala.</p> <p>Neide entusiasmada olha para Amadeu.</p> <p>Nesse momento a câmera foca nos rostos de todos que estão sentados à mesa.</p> <p>A câmera foca em Linda que está tomando o chocolate quente, segurando a xícara cuidadosamente com as duas mãos.</p> <p>A câmera mostra uma imagem distorcida, como se fosse o olhar de Linda, para um prato que está sob a mesa.</p> <p>Renan olha atentamente para Linda, depois para Neide.</p> <p>Daniel aparece em pé, acariciando as costas da mãe.</p> <p>Linda parece nervosa só em ouvir o nome da irmã.</p> <p>Neide olha atentamente e segura o rosto de Linda. Linda olha para mãe e ao seu redor.</p> <p>Linda parece escutar atentamente a conversa.</p> <p>Neide parece ficar assustada com a notícia da visita de Renan a sua casa.</p> <p>A câmera foca em Linda que mexe todo o tempo com a mão.</p>	<p><b>Neide:</b> Mas, é. Tá um pouco tarde filho.</p> <p><b>Daniel:</b> Ajude a sua filha a se trocar, D. Neide.</p> <p><b>Daniel:</b> TÁ BOM! Vem Linda.</p> <p><b>Daniel:</b> Vem Linda, sobe.</p> <p><b>Linda:</b> balbucia.</p> <p>Fundo musical de esperança.</p> <p><b>Neide:</b> Aí filho, ela tá ficando assustada!</p> <p><b>Daniel:</b> MÃE! Confia em mim.</p> <p><b>Renan:</b> Calma, deixa eu falar com ela, Daniel. Linda, você vai me dizer só uma palavra, tá? Me diz Linda, do que cê gosta? Ah?</p> <p><b>Daniel:</b> A Linda gosta de chocolate.</p> <p><b>Amadeu:</b> AJUDA NEIDE, AJUDA!</p> <p><b>Renan:</b> Fala com ela a senhora.</p> <p><b>Neide:</b> Linda, olha pra mamãe. Se você subir na esteira, você vai ganhar um chocolate. UM CHOCOLATE QUENTE BEM GOSTOSO.</p> <p><b>Daniel:</b> Hum.</p> <p><b>Linda:</b> (balbucia). Chocolate, chocolate, chocolate, chocolate. (Balbucia), hum.</p> <p><b>Daniel:</b> Isso, vem querida, confia no Dan.</p> <p><b>Linda:</b> Hum.Hum.</p> <p><b>Daniel:</b> VAI DÁ CERTO.</p> <p><b>Linda:</b> Hum.Hum.</p> <p><b>Daniel:</b> um, dois, e. AÍ!</p> <p><b>Linda:</b> Hum.Hum.</p> <p><b>Daniel:</b> Agora o Dani vai ligar a esteira bem devagar. Tá? Aí se você gostar eu vou aumentando a velocidade bem devagar, tá bom? E AÍ VOCÊ VAI PODER CORRER, CORRER LIVRE. Vamos lá.</p> <p><b>Linda:</b> Hum.Hum.</p> <p><b>Daniel:</b> PODER CORRER LIVRE.</p> <p><b>Linda:</b> Hum.Hum.</p> <p><b>Daniel:</b> Isso!</p> <p><b>Neide:</b> Devagar!</p> <p><b>Daniel:</b> ISSO LINDA, ÓTIMO!</p> <p><b>Neide:</b> ISSO FILHA!</p> <p>Som de Palmas.</p> <p><b>Linda:</b> balbucia.</p> <p><b>Neide:</b> AÍ MEU DEUS!</p>
---	--

	<p>Som de Linda correndo na esteira.</p> <p>Fundo musical de esperança.</p> <p><b>Valentin:</b> Aqui seu chocolate quente.</p> <p><b>Neide:</b> brigada. Filha é chocolate quente é bom, gostoso.</p> <p><b>Neide:</b> é gostoso, pode tomar. (+) cuidado.</p> <p><b>Renan:</b>A SENHORA SEMPRE FAZ TUDO PARA SUA FILHA?</p> <p><b>Amadeu:</b> A Neide não deixa ela sozinha nunca. (+) O senhor já fez uma avaliação do caso dela?</p> <p><b>Renan:</b> Olha a Linda tá ouvindo tudo o que a gente diz.</p> <p><b>Neide:</b> Não, ela não tá prestando atenção.</p> <p><b>Renan:</b> Tá prestando atenção sim! E entendendo tudo com certeza. (+) Linda, olha o que eu vou falar agora você também pode ouvir, tá? (+) D. Neide, toda pessoa precisa de independência.</p> <p>Fundo musical de suspense</p> <p><b>Neide:</b> MESMO SENDO AUTISTA?</p> <p><b>Renan:</b> Claro. O autista pode encontrar um caminho pra se expressar, pra falar.</p> <p><b>Neide:</b> AH, O SENHOR NÃO SABE. Lá em casa é muito difícil, né? Porque nossa filha mais velha, a Leila, a irmã da Linda, ela nunca aceitou a Linda.</p> <p><b>Linda:</b> LEILA, LEILA, LEILA. LEILA, LEILA, LEILA.</p> <p><b>Neide:</b> Não. Calma, calma filha, olha pra mim, A LEILA NÃO TÁ AQUI, pode tomar seu chocolate em paz. Tá bom?</p> <p><b>Renan:</b>ENTÃO A LINDA SOFRE BULLYING DA IRMÃ, É ISSO?</p> <p><b>Daniel:</b>NÃO, A LEILA DEVIA TOMAR UNAS PORRADAS, É ISSO!</p> <p><b>Renan:</b> Não, Daniel, por favor, olha, violência nesse caso não vai resolver. (+) NÃO VAI! (+) Calma!</p> <p><b>Renan:</b> Sabe D. Neide, muitas vezes pra trabalhar com autista, é preciso cuidar da família inteira,(+) a próxima consulta vai ser na sua casa.</p> <p>Fundo musical de angústia.</p>
--	---

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Em diversos trechos do seu discurso, Neide anuncia o cuidado exacerbado com Linda: “Aí filho, ela tá ficando assustada! ”; “Devagar! ”; “AÍ MEU DEUS! ”; uma característica bastante corriqueira de se encontrar nas famílias de pessoas com deficiência, alimentada pela ideia que são pessoas “frágeis” e “incapazes. Mas, após perceber o desenvolvimento de Linda na esteira, Neide e todos os demais se alegram e percebem que ela é capaz de avançar.

No momento em que a cena transcorre na lanchonete do hospital, onde Linda ganha o chocolate prometido e a mãe o sopra para que ela não se queime, o psicólogo (Renan) se incomoda com o que vê e pergunta: “A SENHORA SEMPRE FAZ TUDO PARA SUA FILHA? ” O pai confirma o excesso de zelo da mãe. Renan percebe a condição pela qual Linda vive. Além disso, Neide demonstra falta de conhecimento acerca da condição da filha, afirmando que Linda não tem consciência acerca das coisas: “Não, ela não tá prestando atenção”, o psicólogo rebate a afirmação da mãe, afirmando: “Tá prestando atenção sim! E entendendo tudo com certeza. (+) Linda, olha o que eu vou falar agora você também pode ouvir, tá? (+) D. Neide, toda pessoa precisa de independência”.

Outro elemento em destaque nesta cena é o *bullying* sofrido por Linda pela irmã Leila, um fato que incomoda a todos e chama bastante atenção do psicólogo. Ao falarem sobre Leila é perceptível o desconforto de Linda. Renan ao perceber que aquele seria um ponto importante para ser trabalhado, afirma que fará a próxima sessão na casa da Linda, a fim de compreender mais a fundo como se davam as relações familiares. Os episódios nos quais o Renan vai até a casa da Linda, são rodeados de bastantes problemas, principalmente, causados por Leila, por sentir-se incomodada com a presença dele. Ele chega a discutir com a Leila pela forma com que ela trata a irmã, mas ela ignora e permanece com os mesmos comportamentos até o final da trama.

#### **4.4.2 Neide e Amadeu Dificultam a Evolução de Linda**

Este episódio é mais um que reforça o excesso de cuidado da mãe para com Linda e os desafios de avançar. A novela mostra que, após algumas sessões terapêuticas, Linda já conseguia desenvolver certa independência; começou inclusive a realizar atividade do dia-a-dia como: forrar a própria cama e usar placas de comunicação desenvolvidas pelo psicólogo.

Outra forma encontrada pelo psicólogo para que Linda pudesse se comunicar e se expressar foi a pintura (Figura 23), o que incomodou bastante a mãe e o pai da personagem. Neide que adorava a casa organizada, diz que precisa conviver com a “sujeira e a bagunça” feitas pela filha. Não consegue compreender o quanto essa atividade pode auxiliar a filha a desenvolver suas potencialidades; o que acontece no final da trama quando Linda se torna uma pintora de sucesso.

**Episódio 6 - Neide e Amadeu dificultam a evolução de Linda (Cap. 94) - 05/09/2013**

**Imagem 23: Neide e Amadeu reclamam das pinturas de Linda.**



**Imagem 24: Linda despede-se da mãe para passear com Daniel e**



**Imagem 25: Linda sente-se livre e diz que quer voar.**



**Fonte:** Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

**Quadro 6- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 94  
(exibido em 05/09/2013).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Via pública, Renan chega de carro a casa de Linda.</p> <p>Renan desce do carro e escuta a discussão da casa de Linda.</p> <p>Renan se dirige até o portão da casa de Linda.</p> <p>Sala de jantar da casa da família, Amadeu e Neide tentam juntar as pinturas da Linda, enquanto ela resiste.</p> <p>Renan entra na casa da família e chega até a mesa, onde eles estão.</p> <p>Linda fica agitada e sai de próximo da mesa com alguns desenhos em mãos.</p> <p>Linda aparece pintando com o pincel na horizontal, com as duas mãos meladas de tinta.</p> <p>Renan observa atentamente a discussão.</p> <p>Neide fala bastante alterada, em tom de desespero.</p> <p>Neide desesperadamente junta muitos quadros pintados pela Linda em cima da mesa.</p> <p>Amadeu olha um dos quadros e joga sobre a mesa.</p> <p>Linda com as mãos escorrendo tinta salpica de forma agitada sobre uma tela que estava a pintar.</p> <p>Daniel se aproxima de Linda.</p> <p>Neide olha perplexa para Daniel, querendo desaprová-la a ideia dele.</p> <p>Linda olha meio assustada para Renan, mas responde a pergunta.</p> <p>Renan segurando a mão de Linda, sai de casa junto com Daniel. Neide vem logo atrás preocupada.</p> <p>Linda ao sair na rua tem um olhar fixo, atento para tudo que está ao seu redor. Renan observa atentamente o comportamento de Linda.</p> <p>Linda volta e encosta sua mão na da mãe.</p> <p>Linda atravessa a rua sob os cuidados de Daniel e Renan, Neide fica olhando apreensiva da calçada de casa.</p> <p>Chegam ao parque municipal</p> <p>Várias pessoas sentadas nos bancos da praça, um ambiente bastante arborizado, Linda se encanta com as folhas das árvores e começa a</p>	<p>Som de carro.</p> <p>Barulho de discussão na casa da Linda.</p> <p><b>Neide:</b> EU SÓ VOU ARRUMAR UM POUCO LINDA.</p> <p><b>Amadeu:</b> Guarda filha, guarda.</p> <p><b>Linda:</b> balbucia</p> <p><b>Neide:</b> LINDA PORQUE EU NÃO AGUENTO MAIS TANTA BAGUNÇA. Só pra gente usar a mesa aqui pra jantar, pra poder comer.</p> <p><b>Linda:</b> balbucia, ah mãe, não.</p> <p><b>Amadeu:</b>CALMA, CALMA.</p> <p><b>Neide:</b> CALMA FILHA, CALMA.</p> <p><b>Linda:</b>(balbucia), NÃO, NÃO.</p> <p><b>Neide:</b> LINDA, LINDA EU SÓ ESTOU ARRUMANDO (gritando).</p> <p><b>Amadeu:</b> Calma, calma.</p> <p><b>Renan:</b>O QUE TÁ ACONTECENDO AQUI D. NEIDE?</p> <p><b>Daniel:</b> Renan ainda bem que você chegou, minha mãe que tá furiosa com a Linda. Desde que ela começou a pintar, ela não para mais.</p> <p><b>Linda:</b>LINDA PINTA, LINDA GOSTA, GOSTA. Linda pinta e gosta, gosta, gosta.</p> <p><b>Amadeu:</b> Eu sei que você gosta de pintar filha, mas a tua mãe, ela gosta disso aqui tudo arrumado, a casa sempre arrumada.</p> <p><b>Neide:</b> É O QUE EU VOU FAZER, É SEMPRE UMA BAGUNÇA, UMA SUJEIRA, OLHA SÓ COMO ELA TÁ!</p> <p><b>Renan:</b> D. Neide a Linda.../</p> <p><b>Neide:</b> TODA SUJA DE TINTA!</p> <p><b>Renan:</b> Tá começando a se expressar através da arte e isso é maravilhoso.</p> <p><b>Daniel:</b> Renan, os meus pais sempre tiveram muita dificuldade de encontrar o diagnóstico da Linda porque no início ela não sabia se expressar, não sabia fazer nada.</p> <p><b>Renan:</b> Hunhum</p> <p><b>Daniel:</b> Só que agora eu acho que boa parte do problema dela é o excesso de proteção</p>

<p>balançá-las.</p> <p>Daniel se aproxima da irmã e fala ao seu ouvido.</p> <p>Algumas pessoas da praça olham estranho para a Linda.</p> <p>Linda e Renan sobem em um dos bancos da praça, Linda sente-se livre, levanta os braços, roda e dá um sorriso com muita leveza. Renan se encanta com a atitude de Linda.</p> <p>Linda com algumas folhas na mão compartilha com Renan, com um belo sorriso no rosto.</p>	<p>de vocês.</p> <p><b>Neide:</b> Ah...</p> <p><b>Daniel:</b> É PORQUE A LINDA QUER VOAR E VOCÊS FICAM CORTANDO AS ASSAS DELA!</p> <p><b>Neide:</b> AH, É?!</p> <p><b>Daniel:</b> É!</p> <p><b>Neide:</b> E O QUE A GENTE VAI FAZER COM TANTO QUADRO, ME EXPLICA, ME DIZ, O QUE É QUE A GENTE VAI FAZER?!</p> <p><b>Amadeu:</b> E o pior é que são uns borrões feios, ainda se fosse unas paisagens bonitas...</p> <p><b>Renan:</b> Seu Amadeu, a Linda está botando para fora os sentimentos dela.</p> <p><b>Linda:</b> balbucia.</p> <p><b>Neide:</b> MEU DEUS, MAS EU VOU TER QUE AGUENTAR ESSA BAGUNÇA? ESSA SUJEIRA O RESTO DA VIDA, É ISSO RENAN? É ISSO?</p> <p><b>Daniel:</b> Eu já sei o que a gente faz, eu vou dá uma volta com a Linda e com o Renan aqui perto mesmo, enquanto isso você arruma a casa, arruma as coisas da Linda. TÁ BOM?</p> <p><b>Neide:</b> Ah vocês vão sair com a Linda E EU NÃO VOU?</p> <p><b>Daniel:</b> Hunhum!</p> <p><b>Amadeu:</b> Ah sua mãe está acostumada sair com a Linda.</p> <p><b>Renan:</b> Vai ser bom para ela se sentir um pouco mais independente. Dá licença. Linda, Linda, vamos dá uma volta?</p> <p><b>Linda:</b> Uma volta.</p> <p><b>Renan:</b> Vamos passear?</p> <p><b>Linda:</b> Passear.</p> <p><b>Neide:</b> Olha só, mas leva uma blusinha, porque se esfriar...</p> <p><b>Daniel:</b> Mãe se a Linda sentir frio ela pede!</p> <p><b>Neide:</b> Mas, Daniel, (+) não custa nada! Fundo musical de esperança.</p> <p><b>Neide:</b> Leva, leva uma blusinha, não custa filho.</p> <p><b>Daniel:</b> Tá bom!Beijo mãe, tá tchau.</p> <p><b>Neide:</b> Beijo, filha olha cuidado tá?! (+) Cuidado pra atravessar a rua.</p> <p><b>Daniel:</b> Vamo Linda!</p>
---	---

	<p><b>Neide:</b> TÁ BOM? CUIDADO TÁ?</p> <p><b>Renan:</b> Pode deixar que a gente vai tomar cuidado, tá D. Neide? Tá bom?</p> <p><b>Neide:</b> Tá.</p> <p><b>Daniel:</b> Vamo Linda, cuidado com a rua! Vem.</p> <p><b>Neide:</b> TCHAU!</p> <p><b>Renan:</b> É você tem razão mesmo Daniel, boa parte do problema da Linda vem dessa superproteção, cara.</p> <p><b>Daniel:</b> É por isso que a gente não sabe até onde a Linda pode ir, meus pais nem deixam ela se soltar.</p> <p><b>Linda:</b> LINDA QUER VOAR, VOAR...</p> <p><b>Daniel:</b> LINDA PODE VOAR!</p> <p><b>Renan:</b> Linda vai voar, vem Linda, vamos subir aqui, um, dois, três e... (+) ISSO! PENSAMENTO POSITIVO EM, SEMPRE, VIU?!</p>
--	---

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

O desenvolvimento desta intervenção psicológica causou muitas discussões na família. Neide bastante incomodada, afirma: “É O QUE EU VOU FAZER, É SEMPRE UMA BAGUNÇA, UMA SUJEIRA, OLHA SÓ COMO ELA TÁ! ...TODA SUJA DE TINTA! ... E O QUE A GENTE FAZER COM TANTO QUADRO, ME EXPLICA, ME DIZ, O QUE É QUE A GENTE VAI FAZER?!” Amadeu também não reconhece a importância da arte para o desenvolvimento de Linda e diz: “E o pior é que são uns borrões feios, ainda se fosse unas paisagens bonitas...” foram esses “borrões feios” que ajudaram Linda a desenvolver sua comunicação e criar mais autonomia. Renan a todo o momento tenta explicar a importância daquilo para a cliente: “D. Neide a Linda... Tá começando a se expressar através da arte e isso é maravilhoso. ”; “Seu Amadeu, a Linda está botando para fora os sentimentos dela. ”, mas mesmo assim os pais se mostravam resistentes.

Daniel, neste episódio, de maneira muito contundente, denuncia a superproteção dos pais para com Linda e como isso atrapalha os possíveis progressos da irmã: “Renan, os meus pais sempre tiveram muita dificuldade de encontrar o diagnóstico da Linda porque no início ela não sabia se expressar, não sabia fazer nada... Só que agora eu acho que boa parte do problema dela é o excesso de proteção de vocês.”; “É PORQUE A LINDA QUER VOAR E VOCÊS

FICAM CORTANDO AS ASAS DELA!”. A mãe bastante chateada não aceita o discurso de Daniel.

No momento em que a cena se passa no parque é perceptível o quanto Linda se sente livre, quando Daniel diz para a irmã que ela pode voar, ela enxerga mais uma possibilidade de autonomia e fala: “LINDA QUER VOAR, VOAR”.

Outra questão que merece destaque são os comportamentos de negação e os olhares estigmatizados dos frequentadores do parque para Linda, denunciando o preconceito que sentiam por perceberem que ela era “diferente”, que seus comportamentos fugiam dos “padrões”. Os preconceitos são mais um mecanismo de construção do *ethossocial* acerca das pessoas com deficiência, eles geram os estigmas que segregam e excluem os sujeitos do convívio social (SILVA, 2006).

#### **4.4.3 Rafael Leva Linda ao Fonoaudiólogo**

##### **Episódio 7 - Rafael leva Linda ao fonoaudiólogo (Cap. 166)- 28/11/2013**

**Imagem 26: Linda ao presenciar a discussão da mãe com Rafael, diz o quanto gosta dele.**



**Imagem 27: Linda abraça Rafael**



**Imagem 28: Linda chega ao hospital com Rafael para consulta com fonoaudiólogo.**

**Fonte:** Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

**Quadro 7- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 166  
(exibido em 28/11/2013).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Sala de estar da casa da família da Linda.</p> <p>Rafael sentado em uma cadeira, Amadeu e Neide nos sofás, cada um em um.</p> <p>Neide com uma postura de rejeição a conversa e Amadeu ouvindo atentamente o que Rafael tem a dizer.</p> <p>Linda encontra-se na sala de jantar, pintando sob a mesa. Quando Neide interroga o Rafael e eleva o tom de voz, logo ela direciona o olhar para eles.</p> <p>Neide ao falar direciona o olhar para Amadeu, esperando sua aprovação. Contudo, ele apenas reflete sobre o que Rafael fala.</p> <p>Neide fala exaltada.</p> <p>Linda levanta-se e dirige-se até a sala.</p> <p>Rafael fala chateado.</p> <p>Linda senta-se no sofá ao lado da mãe que a escuta com atenção, e fala.</p> <p>Linda fica meio inquieta, olha pra todos e torna a falar.</p> <p>A mãe acaricia Linda que se aproxima ainda mais dela. Neide segurando o rosto da filha lhe fala.</p> <p>Rafael e Amadeu observam o diálogo das duas, atentamente.</p> <p>Linda fica inquieta como se reprovasse o discurso da mãe.</p> <p>Amadeu depois de escutar toda a discussão, fala muito decididamente. Rafael se enche de esperança. Os dois se levantam e olha fixamente um para o outro.</p> <p>Neide em tom de revolta e segurando a mão de Linda.</p> <p>Ao escutar a permissão do pai, Linda demonstra ficar feliz. Rafael aliviado, responde.</p> <p>Linda levanta-se olha para o pai, agradecida, volta-se pro Rafael, fala e estende a mão. Rafael com ternura lhe responde. Os dois se abraçam e os pais contemplam a cena, Neide não muito satisfeita.</p> <p>Imagens do trânsito da cidade.</p> <p>Fachada do Hospital San Magno.</p> <p>Rafael abre a porta do carro para Linda, estende a sua mão para ela, Linda sai do carro meio assustada. Rafael entrega as chaves do</p>	<p><b>Neide:</b>FONOAUDIÓLOGA? A LINDA NÃO PRECISA DE FONOAUDIÓLOGA! ELA, ELA JÁ FALA MUITO BEM, NÃO É?</p> <p><b>Rafael:</b> D. Neide o Renan, o psicólogo... /</p> <p><b>Neide:</b> Ai!</p> <p><b>Rafael:</b> Ele me disse que a Linda ia começar a se expressar muito melhor se começasse a fazer fono. Eu até já marquei a primeira consulta!</p> <p><b>Neide:</b> RAFAEL, EU NÃO TENHO TEMPO DE LEVAR A LINDA NA FONO! (+) eu tenho que cuidar da casa, da roupa da comida!</p> <p><b>Rafael:</b> Eu levo a Linda, eu dou um jeito, trabalho até mais tarde (+), mas eu arrumo um tempo para levar a Linda.</p> <p><b>Neide:</b> ESCUTA AQUIRAFEL, EU NÃO TENHO CONFIANÇA PRA DEIXAR VOCÊ LEVAR A LINDA SOZINHO!</p> <p><b>Rafael:</b>AGORA A SENHORA TÁ ME OFENDENDO!</p> <p><b>Neide:</b> Eu sei muito bem quais são as suas intenções Rafael. E EU NÃO GOSTO NADA, NADA DELAS!</p> <p><b>Linda:</b> Mãe, a Linda, a Linda gosta do Rafael. Linda gosta, gosta do Rafael. (+) Linda gosta mãe!</p> <p>Fundo musical.</p> <p><b>Neide:</b> Meu amor, meu amorzinho, Linda, olha só. Olha pra mamãe, olha, eu sei, eu sei que você gosta do Rafael, eu sei. Mas, é que a mamãe não pode, não pode deixar você sair sozinha com o Rafael. Eu não posso deixar o Rafael ficar te levando pra baixo e pra cima, meu amor.</p> <p><b>Amadeu:</b>EU PERMITO! EU SOU O PAI E EU PERMITO.</p> <p><b>Neide:</b>AMADEU? AMADEU VOCÊ TÁ ME DESAUTORIZANDO.</p> <p><b>Amadeu:</b> Meu filho, eu confio em você e vou entregar a Linda aos seus cuidados.</p> <p><b>Rafael:</b> Obrigado!</p> <p>Fundo musical do casal.</p> <p><b>Linda:</b> Rafael cuida da Linda</p> <p><b>Rafael:</b> Claro que eu cuido, Linda! É</p>

carro ao manobrista e os dois entram no hospital. Linda observa tudo que está a sua volta e olha atenciosamente para o Rafael.	CLARO. Fundo musical do casal. <b>Rafael:</b> Vamos! (+) Obrigado! Por aqui.
--	--

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Neide acredita que era desnecessário para Linda o tratamento com fonoaudiólogo, pois segundo ela, a filha já “falava muito bem”. Mais uma vez a mãe busca estratégias para impedir os avanços da filha. Rafael ao se dispor a acompanhar Linda gera na mãe desconfiança. A partir daquele momento, Neide tem a impressão que as “intenções” de Rafael vão além de uma simples ajuda. Ela passa a “proteger” ainda mais a filha e impedi-la de se relacionar com o rapaz. Quando Amadeu autoriza que Rafael leve Linda para o tratamento, a mãe fica extremamente chateada, sente-se “desautorizada”. Percebemos nesta passagem que o pai por ser o “homem/dono da casa” usa o lugar de patriarca para autorizar Rafael.

A sexualidade da pessoa com deficiência foi temática bastante discutida na telenovela Amor à Vida, tema que gerou bastante polêmica também no mundo de fora das telinhas, por ser um tema rodeado de preconceitos e tabus, principalmente ao falarmos de pessoas com deficiência.

A maioria das pessoas infantiliza a pessoa com deficiência e/ou percebem como seres assexuados, como lhes faltasse algo que a tornam impedidas de amar, se relacionar, ser feliz ou proporcionar felicidade às/aos seus parceiros (as).

## **4.5 Sexualidade da Pessoa com Deficiência**

### **4.5.1 Rafael Dança com Linda**

No capítulo 124, exibido em 10 de outubro de 2013, mais ou menos no meio do período total da novela, Rafael, ao ser convidado para o casamento de Daniel, irmão de Linda e seu amigo, conhece Linda e começa a se sentir atraído por ela.

## Episódio 8 - Rafael dança com Linda (Cap. 124) - 10/10/2013

**Imagem 29: Linda conhece Rafael.**



**Imagem 30: Linda dança com Rafael.**



**Imagem 31: Neide tenta impedir a dança de Linda com Rafael.**

Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

### Quadro 8- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 124 (exibido em 10/10/2013).

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Festa do casamento de Daniel e Perséfone.</p> <p>Linda ao olhar encantada e distraidamente para a decoração da festa encontra Rafael no meio do salão, os dois se olham fixamente.</p> <p>Linda estende a mão para o Rafael e os dois encostam uma mão na outra. Linda rapidamente puxa a mão. Rafael dá um sorriso doce para ela.</p> <p>Rafael olha para o salão e fala. Linda sorri e responde.</p> <p>Linda encosta sua mão na de Rafael, olha atentamente para o toque das mãos, as levanta e começa a rodar. Rafael acompanha Linda, os dois encantados um com o outro se olham atentamente, demonstrando uma forte interação.</p> <p>Linda olha atentamente para as mãos deles em movimento.</p> <p>Os dois começam a dançar no ritmo da valsa.</p> <p>Linda de costas para Rafael, ele segura os braços dela e continuam a dançar. Linda se</p>	<p>Som de valsa.</p> <p><b>Rafael:</b> Oi Linda!</p> <p><b>Rafael:</b> Vem dançar?</p> <p><b>Linda:</b> Dançar.</p> <p>Som de valsa.</p>

<p>envolve na dança.</p> <p>Neide e Amadeu observam atentamente o contato dos dois. Neide, não muito satisfeita com o que vê.</p> <p>Rafael sorri e fala.</p> <p>Linda vira-se para Rafael e os dois continuam a dançar, agora um de frente para o outro. Neide se afasta.</p> <p>Linda e Rafael trocam firmemente os olhares.</p>	<p><b>Neide:</b> Rafael, a Linda não sabe dançar, Rafael!</p> <p><b>Rafael:</b> Ela já tá dançando. Som de valsa.</p>
--	---

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Linda que quase nunca saía de casa, teve a oportunidade de ir ao casamento do irmão acompanhada de seus pais, mesmo com alguma resistência da mãe, que acreditava que Linda não saberia se comportar no ambiente. Na recepção do casamento, ela passeava tranquilamente apreciando de forma bastante distraída a decoração, até que Rafael a cumprimenta e a chama para dançar. Este episódio é o primeiro onde a Linda tem contato direto com Rafael. O jovem se mostra bastante atencioso e cuidadoso com os “limites” de toque que Linda demonstra na hora da valsa. Parece encantado com Linda. Os dois entregam-se à dança e ele segue os “ritmos” e “padrões” dela.

Nesta cena algumas características do Transtorno do Espectro Autista são apresentadas, tais como: movimentos estereotipados, dificuldade de interação e de toque.

A mãe temendo a aproximação do Rafael com Linda, observa atentamente a interação dos dois, depois se aproxima e de forma bastante contundente, fala: “Rafael, Linda não sabe dançar, Rafael!”, o jovem descontraído afirma: “Ela já tá dançando”. Linda não dançou conforme os padrões estabelecidos, mas interagiu com Rafael da maneira dela. Ela permitiu a aproximação e respondeu ao convite do rapaz sem maiores dificuldades.

#### ***4.5.2 Amadeu leva Rafael para Visitar Linda***

Neste episódio a aproximação da Linda e Rafael se torna mais forte. Ele percebe que Linda, mesmo em uma condição diferente da sua, interage e se mostra

agradável. O convite de Amadeu para Rafael visitar sua casa, deixa o jovem surpreso. Amadeu declara: "... Mas, é que eu vi vocês dois dançando e de repente eu tive esperança, (+) uma pequena esperança pela Linda. (risos)". A figura de Rafael como o "salvador" de Linda começa a ficar mais delineada na trama a partir deste momento e a permissão para interação com a filha é concedida pelo patriarca.

### Episódio 9 - Amadeu leva Rafael para visitar Linda (Cap. 124) - 10/10/2013

**Imagem 32: Rafael encontra Amadeu que o convida para ir à sua casa.**



**Imagem 33: Rafael encontra Linda em sua casa.**



**Imagem 34: Rafael e Linda interagem. Linda acaricia o rosto de Rafael.**

Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

### Quadro 9- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 07 (exibido em 10/10/2013).

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
Cantina do Hospital San Magno Amadeu encontra-se no balcão, Rafael chega, o cumprimenta e começam a conversar. Amadeu e Rafael chegam à casa da família, na sala da casa tem várias pinturas da Linda	Fundo musical de suspense <b>Rafael:</b> Tudo bem? <b>Amadeu:</b> Oi! <b>Rafael:</b> O senhor mandou me chamar, seu

<p>espalhadas.</p> <p>Neide rapidamente junta os quadros de Linda que estavam espalhados pela sala.</p> <p>Amadeu e Rafael caminham em direção a Linda que encontra-se na mesa, pintando.</p> <p>Linda levanta o olhar e procura atentamente pelo Rafael.</p> <p>Amadeu repreende discretamente a esposa.</p> <p>Linda levanta-se e vem ao encontro de Rafael.</p> <p>Rafael vira-se todo entusiasmado e fala.</p> <p>Linda aproxima-se de Rafael com as mãos meladas de tinta azul e faz uma marca no nariz do Rafael. Ele fica surpreso.</p> <p>Rafael mergulha os dedos em um pote de tinta vermelha e todo entusiasmado mela também o nariz de Linda. Ela se surpreende e logo interage com ele, passando novamente a mão com tinta em seu rosto. Os dois se pintam mutuamente. Linda passa as mãos com tinta azul, com muita leveza na camisa branca do Rafael.</p> <p>Neide e Amadeu olham atentamente a interação dos dois, Amadeu sorri e ela logo desaprova e fica chateada com a situação.</p> <p>Linda acaricia o rosto de Rafael.</p>	<p>Amadeu?</p> <p><b>Amadeu:</b> Desculpe, eu não sei se você está ocupado agora.</p> <p><b>Rafael:</b> Não, inclusive eu tava indo pra casa agora. (+) VIDA DE ADVOGADO É ASSIM NÉ? ESTUDAR, ESTUDAR E ESTUDAR. (risos) Mas, pode falar.</p> <p><b>Amadeu:</b> Pois é, é que eu vi você dançando com a Linda, minha filha, e eu achei que você queria conhecer a Linda melhor, e eu ia te convidar pra ir até lá em casa.</p> <p><b>Rafael:</b> POXA!</p> <p><b>Amadeu:</b> Não, tudo bem, se você não quiser eu entendo, minha filha é autista, ela tem enormes dificuldades de comunicação. Mas, é que eu vi vocês dois dançando e de repente eu tive esperança, (+) uma pequena esperança pela Linda. (risos)</p> <p><b>Rafael:</b> NÃO, NÃO, EU FIQUEI SURPRESO PORQUE EU TÔ FELIZ, vai ser um prazer ir até sua casa com o senhor.</p> <p><b>Neide:</b> Oh Amadeu, (+) é, aí você me desculpa, é Amadeu você não me falou que você ia, é, trazer assim, alguém. Sem me avisar, DESCULPA VIU, DESCULPA! Desde de que a Linda começou a pintar a casa fica assim, toda suja toda cheia de tinta de quadros.</p> <p>Fundo musical.</p> <p><b>Rafael:</b> Pra mim tá tudo bem.</p> <p><b>Neide:</b> Olha é melhor você tirar o seu paletó, pode sujar de tinta e um paletó tão elegante, né!</p> <p><b>Amadeu:</b> Linda, Dr. Rafael veio te visitar filha.</p> <p><b>Neide:</b> AMADEU, AMADEU ONDE VOCÊ TÁ COM A CABEÇA! Olha, é Rafael, eu não sei onde é que o Amadeu tá com a cabeça, porque a Linda, a nossa filha, ela é autista, ela tem muita dificuldade de se relacionar com as pessoas, principalmente...</p> <p><b>Amadeu:</b> Calma Neide!</p> <p><b>Neide:</b> PRINCIPALMENTE UM RAPAZ!</p> <p><b>Rafael:</b> Me dá licença. (+) Oi Linda, tudo bem? Lembra de mim, eu dancei com você no casamento do seu irmão.</p> <p>Fundo musical de esperança, entusiasmo.</p> <p><b>Neide:</b> AH MEU DEUS, ELA SUJOU TODO O RAPAZ DE TINTA.</p> <p><b>Amadeu:</b> CALMA NEIDE!</p>
---	---

	<p><b>Rafael:</b> Não, tá tudo bem, fica tranquila.</p> <p>Trilha sonora do casal</p> <p>(risos)</p> <p>Trilha sonora do casal</p>
--	--

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Ao chegarem à casa da família, Neide se surpreende, incomodada com a “bagunça” feita pela Linda, ela se desculpa. Ela não aprova em nenhum momento a visita de Rafael, pois acredita que sua filha é incapaz de interagir com alguém que não seja do núcleo familiar, principalmente com “um rapaz” como ela mesmo afirma.

O Rafael mergulha no mundo de Linda, os dois interagem bastante, é uma cena carregada de elementos emocionais. É perceptível no semblante de Rafael a satisfação com o momento. O jovem sai da casa da família de Linda sorrindo e pensativo, como se estivesse planejando outros momentos futuros. A cena dá indícios de início de uma paixão entre o casal.

#### **4.5.3 Neide e Amadeu Discutem na Presença de Linda**

A partir desse momento na trama, os problemas com a presença de Rafael na família de Linda, pioram a cada dia. A mãe não consegue cogitar a possibilidade da filha relacionar-se afetivamente com um homem.

#### **Episódio 10 - Neide e Amadeu discutem na presença de Linda (Cap. 125)- 11/10/2013**



**Imagem 35: Rafael e Linda se despedem.**

#### **Imagens 37 e 38: Amadeu e Neide discutem por conta da relação que se estabeleceu entre Rafael e Linda.**





**Imagem 39: Linda fica desesperada ao presenciar a discussão dos pais.**

Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

**Quadro 10- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 125 (exibido em 11/10/2013).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Sala da casa da família de Linda.</p> <p>Neide aparece sentada, com um aspecto de desaprovação com a interação de Linda com Rafael.</p> <p>Rafael aparece sentado à mesa com Linda pintando, com a camisa toda suja de tinta.</p> <p>Rafael para de pintar, olha para a camisa e fala entusiasmado.</p> <p>A câmera se desloca para Amadeu que permanece em pé de braços cruzados, observando atentamente a relação de Linda com Rafael, parece bastante feliz.</p> <p>Rafael levanta-se, fala e olha para Linda, encantado.</p> <p>Neide levanta e dá um pano para que ele limpe as mãos, com uma cara não muito agradável.</p> <p>Rafael super entusiasmado e sorrindo responde.</p> <p>Rafael dá as costas para ir embora e Linda fala.</p> <p>Ele vira rápido e sorrir bastante feliz, Linda vem até seu encontro e fala.</p> <p>Rafael balança a cabeça feliz.</p> <p>Linda estende a mão para ele, eles encostam as mãos e se olham.</p> <p>Amadeu e Neide olham atentamente para os dois, ela sempre com ar de reprovação.</p> <p>Amadeu entrega o paletó a Rafael que vai embora sorrindo e olhando para Linda.</p> <p>Linda acompanhar com o olhar a saída do Rafael.</p> <p>Rafael se olha nos vidros do carro, se vê todo sujo de tinta e sorrir. Entra no carro e vai embora.</p> <p>Sala da casa da família de Linda.</p>	<p>Fundo musical.</p> <p><b>Neide:</b>MEU DEUS, OLHA COMO FICOU SUA CAMISA. Toda suja de tinta, praticamente tá inutilizada essa camisa.</p> <p><b>Rafael:</b> Tem problema não, pra mim foi gostoso brincar.</p> <p><b>Linda:</b> Linda brincou, Linda pintou.</p> <p><b>Rafael:</b> (sorrir)</p> <p><b>Amadeu:</b> Eu acho que essa tinta é lavável.</p> <p><b>Rafael:</b> Tudo bem, da próxima vez um venho com uma roupa mais velha pra gente poder sujar.</p> <p><b>Amadeu:</b> É um prazer, será bem vindo. A Linda precisa de amigos, principalmente agora que o irmão casou.</p> <p><b>Neide:</b> É, mas você deve ser muito ocupado, não é?</p> <p><b>Rafael:</b> Não, eu arrumo tempo! Sabe que quando eu era menor, eu queria ser pintor, acho que Linda me fez sentir essa vontade novamente. Da próxima vez eu trago tinta. Linda, foi muito bom brincar com você! Você já decorou meu nome? (+)</p> <p><b>Linda:</b> Rafael!</p> <p><b>Linda:</b> Rafael, (+) volta!</p> <p><b>Rafael:</b>EU VOLTO!</p> <p>Fundo musical.</p> <p><b>Rafael:</b> Obrigado!</p> <p><b>Amadeu:</b> De nada.</p> <p>Som de alarme de carro, latidos de cachorro.</p> <p><b>Neide:</b> AMADEU, COMO É QUE VOCÊ TEVE A CORAGEM DE TRAZER ESSE</p>

<p>Neide bastante irritada começa a discutir com Amadeu.</p> <p>Linda levanta-se da mesa e escuta atentamente a discussão dos pais.</p> <p>Linda se aproxima e fala bastante agitada.</p> <p>Neide se volta pra Linda, segurando em seus braços, fala com as mãos no coração da Linda.</p> <p>Neide acaricia a Linda dos pés a cabeça, em uma ato de super proteção.</p> <p>Amadeu perde o controle e muito irritado fala.</p> <p>Neide também está bastante descontrolada e grita muito.</p> <p>Linda fica extremamente descontrolada, coloca as mãos nos ouvidos por conta dos gritos dos pais.</p> <p>Linda senta-se no sofá e balança o corpo descontroladamente com as mãos nos ouvidos, por está bastante incomodada pelos gritos dos pais.</p> <p>Amadeu bastante descontrolado, sai de casa.</p>	<p>RAPAZ AQUI EM CASA, AMADEU, AMADEU ONDE VOCÊ TÁ COM A CABEÇA HOMEM, ONDE? ONDE? (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b>EU ACHEI QUE IA SER BOM PRA LINDA. ELE GOSTA DELA.</p> <p><b>Neide:</b>AH VOCÊ ACHOU QUE IA SER BOM PRA LINDA, ELE GOSTA DELA. UM RAPAZ DESSA IDADE AMADEU, QUE TIPO DE RELACIONAMENTO VOCÊ ACHA QUE ELE QUER COM A NOSSA FILHA, EM? SE É QUE VOCÊ ME COMPREENDE, VOCÊ ACHA QUE ISSO É BOM, É BOM PRA ELA? (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b> E porque que não é bom?</p> <p><b>Neide:</b>AI MEU DEUS DO CÉU, VOCÊ AINDA PERGUNTA? /</p> <p><b>Amadeu:</b> A LINDA É UMA GAROTA SENSÍVEL,ENCANTADORA E DESDE DE QUE A GENTE DEU LIBERDADE PRA ELA, ELA DESABROCHOU. QUEM SABE AONDE ATÉ ELA PODE CHEGAR! (gritando)</p> <p><b>Neide:</b>/CALA A BOCA, VOCÊ NÃO SABE O QUE VOCÊ TÁ FALANDO. ATÉ ONDE ELA PODE CHEGAR... VOCÊ TÁ OUVINDO O QUE VOCÊ TÁ FALANDO? EM? A LINDA É DIFERENTE, ELA É AUTISTA, ELA É ESPECIAL. (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b> AH NEIDE! (fala gritando)/</p> <p><b>Linda:</b>LINDA É DIFERENTE, É DIFERENTE, É DIFERENTE, É DIFERENTE, É DIFERENTE. (gritando)</p> <p><b>Neide:</b> É, é diferente sim, mas a mamãe tá aqui. Tá aqui pra proteger você. Viu?!</p> <p><b>Amadeu:</b> VOCÊ NÃO PROTEGE A MENINA COISA NENHUMA NEIDE, VOCÊ PRENDE, VOCÊ SUFOCA ELA! (gritando)</p> <p><b>Neide:</b>NÃO GRITA COMIGO! (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b> EU NÃO ESTOU GRITANDO, VOCÊ QUE NÃO ADMITE SER CONTRARIADA! (gritando)</p> <p>Linda chora.</p> <p><b>Neide:</b>EU NÃO QUERO MAIS O RAFAEL AQUI EM CASA! (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b> EU VOU TRAZER O RAFAEL À HORA QUE EU QUISER, A HORA QUE EU QUISER! (gritando)</p> <p><b>Neide:</b>/NÃO VAI, NÃO VAI DE JEITO NENHUM, VOCÊ NÃO VAI, NÃO VAI! (gritando)</p>
--	--

	<p><b>Linda:</b>NÃO GRITA, NÃO GRITA! (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b> CLARO QUE VOU, EU TRAGO QUANDO EU QUISER. VOCÊ É UMA CASTRADORA, VOCÊ TÁ ACABANDO COM ESSA MENINA. (gritando)</p> <p><b>Neide:</b> ISSO, ISSO, A CULPA É TODA MINHA, VOCÊ ACHA QUE A CULPA É MINHA? (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b> CLARO QUE A CULPA É SUA, VOCÊ SABE, (+) AH... (gritando)</p> <p>Linda grita e chora.</p> <p><b>Neide:</b>ISSO, FOGUE, FOGUE MESMO SEU COVARDE... (gritando)</p> <p><b>Amadeu:</b> VOCÊ QUE TÁ ACABANDO COM A VIDA DESSA MENINA, VOCÊ TÁ DESGRAÇANDO COM A VIDA DELA, PORQUE VOCÊ É UMA SUPER MÃE. /</p> <p>Linda grita e chora.</p> <p><b>Neide:</b> CALA A BOCA,CALA A BOCA, CALA A BOCA! (gritando)</p>
--	---

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Após a visita de Rafael, Neide muito insatisfeita com Amadeu por ter levado o rapaz a sua residência, começa a discutir com o mesmo. A superproteção dela com a filha, evidencia-se neste trecho: "...VOCÊ ACHA QUE ISSO É BOM, É BOM PRA ELA? "; "ATÉ ONDE ELA PODE CHEGAR... VOCÊ TÁ OUVINDO O QUE VOCÊ TÁ FALANDO? EM? A LINDA É DIFERENTE, ELA É AUTISTA, ELA É ESPECIAL."; "É, é diferente sim, mas a mamãe tá aqui. Tá aqui pra proteger você. Viu?!"; "EU NÃO QUERO MAIS O RAFAEL AQUI EM CASA!".

Além da fala de Neide, os gestos de acariciar a filha dos pés à cabeça enquanto falava demonstram o excesso de zelo e sentimento de posse. Linda parece tentar se convencer do que a mãe repete incessantemente: "LINDA É DIFERENTE, É DIFERENTE, É DIFERENTE, É DIFERENTE, É DIFERENTE". De acordo com Silva (2006, p. 427), no processo de rotulação, "o indivíduo estigmatizado incorpora determinadas representações, passa a identificar-se com uma tipificação que o nega como indivíduo". Nesse sentido, a construção do ethos cultural da pessoa com deficiência se dá frequentemente com através da ênfase em seus "impedimentos", gerando os estigmas e preconceitos.

A discussão dos pais, por conta dos sons altos, incomoda tanto a Linda que a mesma entra em desespero e implora aos pais que não gritem. Nesse momento da

trama, Linda já estava há algum tempo sob acompanhamento terapêutico, o que leva o/a telespectador a associar a sua intervenção junto aos pais ao resultado das terapias vividas por ela. O próprio Amadeu percebe e destaca os avanços alcançados pela filha: “...DESDE DE QUE A GENTE DEU LIBERDADE PRA ELA, ELA DESABROCHOU. QUEM SABE AONDE ATÉ ELA PODE CHEGAR!”; “VOCÊ NÃO PROTEGE A MENINA COISA NENHUMA NEIDE, VOCÊ PRENDE, VOCÊ SUFOCA ELA!”; “VOCÊ QUE TÁ ACABANDO COM A VIDA DESSA MENINA, VOCÊ TÁ DESGRAÇANDO COM A VIDA DELA, PORQUE VOCÊ É UMA SUPER MÃE.” Neide, por outro lado, ainda não consegue compreender os limites entre cuidado e superproteção.

#### **4.5.4 Neide Briga com Linda por Causa de Rafael**

No capítulo 211, que foi ao ar no dia 20/01/14, a novela já está chegando ao fim. Este capítulo traz cenas de Linda carregadas de angústia e sofrimento. Após Rafael ter sido preso, Linda entra em um processo de regressão, não se alimenta, vive dentro do quarto e não interage com as pessoas ao seu redor.

#### **Episódio 11 - Neide briga com Linda por causa de Rafael (Cap. 211) - 20/01/2014**

**Imagem 40: Neide tenta conversar com Linda que não interage.**



**Imagem 41: Quando Linda pergunta pelo Rafael, Neide começa a agredi-la.**



**Imagem 42: Linda desespera-se após a agressão da mãe.**

**Quadro 11- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 211 (exibido em 20/01/2014).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Sala de estar da casa de Linda.</p> <p>Ela e mãe estão sentadas no sofá, Neide com semblante triste e bastante preocupada, tenta estabelecer diálogo com Linda, mas ela não interage, tem em mãos uma peça de crochê a qual puxa linha a linha, desmanchando os pontos, toda a sua atenção está voltada para isto.</p> <p>Neide se desespera, começa chorar e gritar com Linda, enquanto ela permanece com sua atenção voltada à peça de crochê.</p> <p>Linda solta a peça e pergunta desconsolada, com voz de choro.</p> <p>Neide descompensada grita muito alto com Linda. Linda começa a chorar e entra em crise.</p> <p>Neide sacode a Linda de forma agressiva. As duas começam a trocar agressões. Linda grita e chora muito. Neide derruba Linda no chão que começa a balançar o corpo descontroladamente, em crise.</p> <p>Neide pega uma almofada do sofá e sacode a almofada descontroladamente.</p> <p>Linda pega um objeto da mesa de centro e começa a jogar no chão, descontrolada.</p> <p>Neide começa a tirar alguns quadros de Linda da parede e joga no chão.</p> <p>Linda continua se debatendo e Neide olha angustiada para a situação da filha.</p>	<p><b>Neide:</b> Linda olha pra mim, filha! Eu sei que você não tá bem, mas eu também não estou. (+) Linda, você tem ideia do quanto eu me sacrifiquei por você, em? <b>VOCÊ TEM IDEIA DE TUDO QUE EU FAÇO POR VOCÊ, PRA VOCÊ?!</b></p> <p>Fundo musical de dor, angustia.</p> <p><b>Neide:</b> <b>VOCÊ NEM OLHA PRA MIM, LINDA, LINDA!</b> (grita) (+) Tia Pilar tá casando hoje, se juntando com aquele rapaz, aquele motorista, que, não que eu ache certo isso, mas eu podia tá lá do lado do seu pai, do seu irmão, <b>MAS EU NÃO PUDE IR PORQUE EU FIQUEI AQUI CUIDANDO DE VOCÊ! VOCÊ NEM OLHA PRA MIM, OLHA PRA MIM!</b> (grita)</p> <p><b>Linda:</b> O que aconteceu com o Rafael? O que? O que? O que aconteceu com o Rafael? O que?</p> <p><b>Neide:</b> <b>CHEGA! CHEGA! PARA DE FALAR NO RAFAEL! EU TÔ AQUI! PARA DE FALAR NO RAFAEL! EU TÔ AQUI! CHEGA, PARA, PARA, PARA! EU TÔ AQUI!</b> (gritando)</p> <p>Fundo musical de dor, sofrimento, angustia.</p> <p>Sons de gritos e choros.</p> <p><b>Neide:</b> <b>EU TÔ AQUI! EU EXISTO! CHEGA!</b> (gritando) (+) <b>PORQUE EU EXISTO! EU SOU PRISIONEIRA DESSA CASA! EU SOU PRISIONEIRA DESSA CASA!</b> (gritando)</p>

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

As poucas vezes que Linda fala, apenas perguntar por Rafael. Isso incomoda muito a Neide: “CHEGA! CHEGA! PARA DE FALAR NO RAFAEL! EU TÔ AQUI! PARA DE FALAR NO RAFAEL! EU TÔ AQUI! CHEGA, PARA, PARA, PARA! EU TÔ AQUI!”.

Ao refletir sobre o estado da filha, Neide tenta fazer com que ela volte a interagir, descontroladamente e muito angustiada com a situação, agride Linda que entra em desequilíbrio emocional e a situação fica fora de controle. Os discursos da mãe são bastante comoventes, pois ela como a principal responsável pelo cuidado da filhadiz que abriu mão de todos os seus sonhos e projetos de vida, para viver em

função dela: “Linda, você tem ideia do quanto eu me sacrifico por você, em? VOCÊ TEM IDEIA DE TUDO QUE EU FAÇO POR VOCÊ, PRA VOCÊ?!”; “EU TÔ AQUI! EU EXISTO! CHEGA! (gritando) (+) PORQUE EU EXISTO! EU SOU PRISIONEIRA DESSA CASA! EU SOU PRISIONEIRA DESSA CASA! ”

Este é um contexto muito comum nas famílias que têm pessoas com deficiência e também está intimamente ligado aos papéis sociais atrelados ao gênero em nossa sociedade. À mulher, tradicionalmente, é “destinado” o lugar de cuidadora e mãe e espera-se abdicar total de sua vida pessoal e profissional em prol do bem-estar da prole e do esposo. Ao expor esta situação na trama, a novela aborda a questão da superproteção e os obstáculos que ela coloca para a reabilitação das pessoas com deficiência, mas não problematiza o lugar desta mulher-mãe. Ao contrário, em vários momentos parece sugerir que a personagem “Neide” é mais uma vilã da trama.

#### ***4.5.5 Linda se Emociona ao Reencontrar Rafael***

Esta cena exibida no capítulo 214, que foi ao ar no dia 23/01/14 é marcada por muita emoção. Após Rafael sair da cadeia, Neide procura-o, pede desculpas e solicita que ele volte a se reaproximar de Linda. Rafael vai até a casa da família de Linda. Todos afirmam o quanto ele é importante para ela e reconhecem que ela regrediu após o afastamento dele.

Neide implora que ele traga Linda “de volta”. Linda ao sentir a presença de Rafael no seu quarto muda totalmente o seu semblante e os dois reestabelecem o elo afetivo.

## Episódio 12 - Linda se emociona ao reencontrar Rafael (Cap. 214) - 23/01/2014

**Imagem 43: Linda se emociona ao reencontrar Rafael.**



**Imagem 44: Linda e Rafael trocam carinhos.**



**Imagem 45: Linda e Rafael reestabelecem a interação que tinham.**

Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

### Quadro 12- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 214 (exibido em 23/01/2014).

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Sala de estar da casa da família de Linda.</p> <p>Amadeu abre a porta e recebe Rafael muito entusiasmado.</p> <p>Rafael entra meio desconfiado, Neide larga o pano de prato para recebê-lo.</p> <p>Neide abraça Rafael muito feliz.</p> <p>Daniel se aproxima do Rafael, dão as mãos e se abraçam.</p> <p>Todos se olham afetuosamente.</p> <p>Rafael dá as costas para Neide para subir até o quarto da Linda.</p> <p>Neide segue ao encontro de Rafael e fala piedosamente. Rafael olha atentamente com olhos cheios de lágrima para ela.</p> <p>Neide segura no rosto de Rafael carinhosamente e fala.</p> <p>Rafael sorrir e balança a cabeça e sobe as escadas bastante empolgado.</p> <p>Linda em seu quarto, sentada com o olhar fixo para a parede. Com semblante bastante triste.</p>	<p>Som da companhia.</p> <p><b>Amadeu:</b>RAFAEL, ENTRA, ENTRA.</p> <p><b>Rafael:</b> Seu Amadeu, tudo bem?</p> <p><b>Amadeu:</b> Entre, entre.</p> <p><b>Neide:</b>RAFAEL!</p> <p><b>Rafael:</b> Tudo bem, D. Neide?</p> <p><b>Neide:</b>QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!</p> <p><b>Amadeu:</b> Eu fico feliz que tenha voltado, Rafael. Sem você a Linda é outra.</p> <p><b>Daniel:</b> Olha Rafael, eu tenho que reconhecer, (+) sem você a Linda definiu. Desculpa, tá?</p> <p><b>Rafael:</b> Tudo bem, cara!</p> <p><b>Rafael:</b>CADÊ A LINDA?</p> <p><b>Neide:</b> Ela tá sozinha lá em cima.</p> <p><b>Rafael:</b> Eu posso subir?</p> <p><b>Daniel:</b> Claro!</p> <p><b>Neide:</b> Claro!</p>

<p>Rafael abre a porta do quarto e Linda sente sua presença, ao sentir é perceptível à mudança de sentimento da Linda.</p> <p>Rafael entra no quarto, Linda de costas para ele, mas o seu sentimento de alegria é bastante marcante, ela tenta falar o nome dele, cheia de emoção. Ela chora ao ouvir ele chamar o nome dela.</p> <p>Ela vira-se devagar, os dois sorriem e olham-se fixamente e choram de emoção. Ele senta-se ao lado dela, tira uma maçã da bolsa e mostra a Linda. Ela pega a maçã com muito zelo, observa e fala, Rafael sorrir.</p> <p>Ela passa a maçã no rosto dá uma mordida com muita delicadeza e depois passa para Rafael. Os dois observam atentamente a maçã, comem e compartilham um momento de muita emoção.</p> <p>Linda estende a mão para ele, eles juntam as mãos e sorriem. A cena encerra-se Linda fazendo um carinho no rosto de Rafael.</p>	<p><b>Rafael:</b> Com licença!</p> <p><b>Amadeu:</b> Vai, vai, vai lá!</p> <p><b>Neide:</b> Rafael, eu sei que eu fiz muita coisa errada (+), mas, por favor, tenta estabelecer aquela conexão que você tinha com a Linda. (+), oh meu filho, traz a Linda de volta pra gente! (+), vai!</p> <p>Som do Rafael subindo as escadas.</p> <p>Som da porta abrindo.</p> <p><b>Rafael:</b> LINDA!</p> <p>Fundo musical trilha sonora do casal.</p> <p><b>Linda:</b> Ra-fa-el!</p> <p><b>Rafael:</b> Pra você,Linda!</p> <p><b>Linda:</b> Uma maçã?!</p>
---	---

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Uma das demonstrações mais significativas de interação de Linda com outras pessoas é o ato de estender as mãos e unir as pontas dos dedos (imagem 35). Ela só realizava esta ação com quem realmente confiava. Com Rafael ela realiza este tipo de contato desde o primeiro encontro, ainda quando os dois dançaram valsa no casamento de Daniel.

A partir do momento que Linda reencontra Rafael, ela muda significativamente, volta a se socializar e a se comunicar. É o momento pelo qual ela faz o pedido de socorro a sua família, episódio já relatado neste trabalho. Deste momento em diante na trama, os avanços da Linda passam a ser mais significativos. Rafael a pede em casamento, ela pergunta o que é casamente, ele a explica, ela aceita, a família aprova e os dois se casam.

#### **4.5.6 Linda e Rafael se Casam**

Após pedir Linda em casamento e com o consentimento dos pais, Rafael e a família estabeleceram que fariam uma cerimônia religiosa, tendo em vista que pela lei Linda, como sendo “incapaz” era impedida de casar no civil.

### Episódio 13 - Linda e Rafael se casam (Cap. 220) - 30/01/2014

**Imagem 46: Neide e Amadeu levam Linda até o altar.**



**Imagem 47: Linda e Rafael se beijam.**



Fonte: Globo Play. Acessado em 03/04/2017.

### Quadro 13- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 220 (exibido em 30/01/2014).

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Festa de casamento da Linda com o Rafael.</p> <p>Espaço ao ar livre com uma decoração <i>clean</i>.</p> <p>Lutero, Bernarda, Pilar e Maciel conversando.</p> <p>Todos concordam com o discurso de Maciel.</p> <p>Neide aparece conversando com o Rafael e Daniel se aproxima.</p> <p>Ela segura o rosto de Rafael e fala.</p> <p>Daniel chega por trás, segura na cintura da mãe e fala.</p> <p>Linda entra com seu pai e sua mãe segurando em sua mão. Vestida de noiva. Neide segura o buquê.</p> <p>Rafael se mostra muito ansioso, todos parecem estar bastante felizes e emocionados.</p> <p>Linda larga a mão dos pais, estabelece contato com Bernarda estendendo a mão como sempre faz, ela ao segurar a mão de Linda passa no seu rosto, como gesto de carinho.</p> <p>Linda se aproxima de Renan que lhe dá um beijo na testa.</p> <p>Linda ainda dá as mãos a Pilar e a Daniel, até que avista Rafael e o abraça forte. Os dois choram de emoção abraçados e todos os</p>	<p><b>Lutero:</b> Rafael é um ótimo rapaz!</p> <p><b>Pilar:</b> (risos) e o importante é que ele gosta muito da Linda.</p> <p><b>Maciel:</b> E em pensar que D. Neide quase impediu esse amor em?!</p> <p><b>Bernarda:</b> Ah eu fico feliz por ter aberto os olhos dela a tempo, (+) e permitir que o amor deles se realizasse.</p> <p><b>Rafael:</b> AI, EU TÔ FELIZ!</p> <p><b>Neide:</b>VAI DÁ TUDO CERTO, VAI DÁ CERTO!</p> <p><b>Daniel:</b> Mãe.</p> <p><b>Neide:</b> Oi!</p> <p><b>Daniel:</b>VAI COMEÇAR!</p> <p><b>Neide:</b>AH!</p> <p>Fundo musical do casal.</p> <p>Som de palmas.</p> <p><b>Celebrante:</b> Linda, Rafael, aos olhos de Deus, todos são iguais, todos merecem a felicidade e o amor. Eu abençoo vocês dois nessa nova vida que se inicia. Linda, Rafael, sejam muito felizes.</p>

<p>convidados batem palma.</p> <p>A câmera foca no celebrante do casamento.</p> <p>Linda se atenta às rosas da decoração que estão penduradas e olha atentamente para ela, enquanto o celebrante discursa. Depois admira uns passarinhos fictícios que estão sob o púlpito.</p> <p>A câmera foca em vários convidados que se mostram felizes e emocionados, entre eles: Niko, Félix, Paloma, Bruno, Paulinha...</p> <p>A câmera foca novamente em Linda e Rafael. Rafael fala em gestos para Linda, dizendo que é hora do beijo. Linda beija rapidamente Rafael e o abraça, em seguida toda a família abraça-se coletivamente.</p> <p>Linda corre emocionada, Rafael corre em sua direção e eles se beijam novamente.</p> <p>Os convidados jogam arroz nos noivos.</p> <p>Linda e Rafael dançam com muita emoção e leveza, ela sempre atenta no toque das mãos.</p>	<p>Som de palmas.</p> <p>Som de risos e palmas.</p> <p>Som de risos e palmas.</p> <p><b>Félix:</b> E a dança gente?! Não pode ter um casamento sem dança!</p>
---	---

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Linda e Rafael finalizam sua história na trama com um final feliz típico das fábulas encantada. A figura masculina é representada mais uma vez como o “príncipe encantado”, sujeito bem-sucedido, romântico, que salva a mocinha das garras de um/a vilão/a e das próprias dificuldades da vida, promovendo sua ascensão social.

Os convidados afirmam o lugar de vilã ocupado pela mãe(Neide)repetindo que a mesma tentou impedir a relação dos dois. No discurso de Maciel isto é visível: “E em pensar que D. Neide quase impediu esse amor em?!” Dona Bernarda também relata: “Ah eu fico feliz por ter aberto os olhos dela a tempo, (+) e permitir que o amor deles se realizasse”.

O casamento de Linda é retratado de maneira bastante romântica pela emissora, assim como a sexualidade da personagem. A novela não exibiu ou problematizou nenhum assunto ligado à relação sexual do casal, nem muito menos aos direitos reprodutivos da personagem.

A categoria sexualidade foi bastante polemizada na telenovela, principalmente pela família da Linda e por alguns amigos do Rafael que não aceitavam o seu relacionamento com a moça. Contexto externo à telinha, as polêmicas também emergiram.

No site O Fuxico (2013), na reportagem veiculada no dia 24/09/13, que tinha por título: “Amor à Vida: Linda, a personagem autista, viverá um romance - O advogado Rafael a tira para dançar sem notar sua condição”. O site de forma tendenciosa declara que Rafael só tirou Linda para dançar por não notar que a mesma possuía alguma deficiência. Após a manchete o site relata a interação de Rafael com Linda em sua residência, apresentando ainda o descontentamento da mãe com a situação.

Outra reportagem que repercutiu bastante e rendeu 168 comentários na página do site, foi a veiculada pelo UOL em 14/01/14, que tinha por título: “Mães de autistas criticam personagem Linda de "Amor à Vida": "É uma utopia"...”, apresenta uma diversidade de opiniões sobre a questão. A reportagem inicia com a seguinte colocação:

Na reta final de "Amor à Vida", nem as pegações de Michel (Caio Castro) e Patrícia (Maria Casadevall) conseguiram ofuscar o romance entre Linda (Bruna Linzmeyer) e Rafael (Rainer Cadete). A relação entre a autista e o advogado foi crescendo ao longo da trama de Walcyr Carrasco e alcançou seu ápice dramático com a prisão de Rafael após trocar um beijo com a jovem. Incentivada por Leila (Fernanda Machado), Neide (Sandra Corveloni) denunciou o advogado por abuso de incapaz. Procurada pelo UOL, Rita Valéria Brasil Santos, presidente da Associação de Amigos do Autista da Bahia, condenou maneira como Walcyr tem conduzido a trajetória de Linda. "É uma utopia o que a novela apresenta no momento", opinou ela. Mãe de um autista de 21 anos, Rita relembrou que Linda foi criada sob um rígido controle dos pais e longe da sociedade, tornando pouco crível a possibilidade de uma interação com o "namorado".(UOL, Acessado em 24/04/17).

Segundo a matéria o principal foco da telenovela estava sendo o romance de Linda com Rafael, uma relação que crescia a cada dia, rodeada de estigmas e preconceitos. O site relata que procuraram Rita Santos, pedagoga e presidente da Associação de Amigos do Autista (AMA) da Bahia a fim de entenderem qual a opinião do público acerca da condução da personagem Linda. A mesma mostra uma posição contrária sobre a forma como o autor tratou o autismo na telenovela e destaca que “O autor preferiu mostrar apenas a questão de sexualidade e não ressaltou a luta da família para conseguir escola, tratamento, diagnóstico.

Além de ouvir Rita Santos, o site dialogou também com Ana Maria Mello, superintendente da Associação de Amigos do Autista de São Paulo e com Marisa Furia, presidente da Associação Brasileira de Autismo. Para elas a abordagem do autismo na trama foi utópica, principalmente no que tange a relação de Linda com o

Rafael. Ana Mello que é mãe de autista afirma: “A realidade da Linda está muito distante do que é o autismo. Está muito romanceado. Não existe gente com autismo como a Linda, pelo menos que eu conheça”, disse. Acerca do relacionamento de Linda com o Rafael ela afirma:

O relacionamento entre Linda e Rafael não deveria acabar em prisão – na vida real, porém, a situação seria diferente. "Dentro do enredo da novela, eu acharia uma injustiça denunciá-lo. Na vida real, seria abuso porque não existe a menor possibilidade de ser uma ação conjunta. O relacionamento é uma das maiores dificuldades que eles têm. É difícil você perceber um afeto. Até para demonstrarem afeto pela própria família é complicado". (UOL, Acessado em 24/04/17).

Ainda sobre essa questão Marisa Furia, presidente da Associação Brasileira de Autismo, contou para o site que:

Há um caso na Suécia envolvendo o casamento entre autistas, mas que a situação é rara, além de receber apoio do governo. "Na novela percebo que o rapaz [Rafael] está cuidando dela, proporcionando boas coisas, e por isso ela consegue interagir com ele, mas acho muito complexo falar de uma relação amorosa", ponderou ela, mãe de um homem autista de 36 anos. Para Marisa, o descontrole de Neide com o fato é aceitável. "Entendo que exista uma grande preocupação da família, é preciso um acompanhamento intenso para que essa relação seja decente. Não sei dizer o percentual de 'Lindas' no Brasil, mesmo assim acredito que a discussão é interessante", ressaltou. (UOL, Acessado em 24/04/17).

Percebemos segundo esses relatos que casos como o de Linda só aparecem na ficção, especialmente tendo em vista que Linda não teve a oportunidade de socializar-se precocemente, de participar de processos educativos onde a troca de interação é o foco, principalmente na educação infantil. Iniciou acompanhamento terapêutico depois de adulta. Todos esses fatores acarretariam em pouco desenvolvimento psicossocial de Linda e a impenderiam de construir uma relação amorosa como a que foi idealizada na trama.

Rita Santos salienta também durante a entrevista o papel pedagógico da novela: “Ele [Walcyr] é um formador de opinião e tenho medo de que mães de autistas tenham a ideia da Linda na cabeça”. De acordo com Rita a forma como o autor conduziu a personagem Linda foi muito fantasiosa. Nesse sentido, Rita destaca o que nós temos ressaltado desde o início deste trabalho: “A novela pedagógica não seria outra coisa que um instrumento poeticamente sofisticado para persuadir ou convencer o leitor da verdade de alguma coisa... (LARROSA 2006, p. 124)”, assim, ao instituir verdades, (re)cria identidades e formas de ser ou de vê os “outros”.

O site buscou, também, a opinião da especialista em autismo e neurologista, Carla Gikovate, que afirmou que: “acredita que a trama envolvendo

Linda ficou confusa. A personagem tem características de autismo severo, mas também de autismo leve". Para ela, o namoro de Linda com Rafael jamais existiria na vida real". Ainda segue afirmando:

"Não há chances de um rapaz normal se apaixonar por um autista[sic] moderado, como acredito ser o caso da Linda. Na vida real, o cara ia perceber e cair fora", opinou. Indagada se os pais de Linda têm razão de manter Rafael longe da jovem, Carla brincou: "A denúncia não aconteceria porque essa situação [amorosa] também não aconteceria".(UOL, acessado em 24/04/17).

Para a especialista houve de fato equívocos na abordagem do autismo de Linda, tanto no que se refere aos graus e quanto aos respectivos avanços – hora ela parecia ter um nível mais elevado de autismo, sem nenhuma ou pouca socialização, hora apresentava um bom nível de comunicação e interação – o que deixa o telespectador em dúvidas acerca da real condição da personagem. Por outro lado, a afirmação da neurologista de que “não há chances de um rapaz normal se apaixonar por um autista moderado” [sic], aparece carregada de estereótipos e preconceitos, além de ser excessivamente generalizante.

Um aspecto fica claro com todo o debate emergente, a partir da novela, sobre o TEA: mesmo cometendo erros graves em relação ao tema, a trama deu visibilidade a sujeitos sociais que passam despercebidos/as e são negligenciados/as no nosso cotidiano e desempenhou fortemente seu papel pedagógico, ora problematizando situações tidas como naturais – p. e., a ideia de impedimentos, dependência, ausência de vida sexual tradicionalmente associadas às pessoas com deficiência – ora reforçando um *ethos* prévio ligado à mulher com deficiência – especialmente a de que ela precisa da figura masculina salvadora para sua ascensão social.

## 4.6 Independência e Autonomia

### 4.6.1 Rafael Ajuda Linda a Cozinhar

**Episódio 14 - Rafael ajuda Linda a cozinhar (Cap. 175) - 09/12/2013**

**Imagem 48: Linda consegue cortar o manjeriço.**

**Imagem 49: Linda se distrai com a fumaça da água fervente.**



**Imagem 50: Linda se desespera com o som do liquidificador.**

**Imagem 51: Linda aprende a controlar o liquidificador.**

**Quadro 14- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 175 (exibido em 09/12/2013).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>A cena se passa na cozinha da casa da Linda. A câmera foca na chama do fogão. Rafael põe a panela com água para ferver.</p> <p>Linda e Rafael olham atentamente para a panela no fogão</p> <p>Linda tenta colocar os dedos dentro da panela, Rafael a impede.</p> <p>Linda olha atentamente para Rafael.</p> <p>Rafael pega o manjericão e mostra para Linda. Linda dirige-se para a pia, lava o manjericão enquanto Rafael coloca outros ingredientes no</p>	<p>Fundo musical de esperança</p> <p><b>Rafael:</b> Primero a gente coloca a água para ferver.</p> <p>Som da panela sendo colocada sob a boca do fogão.</p> <p><b>Linda:</b> Ferver.</p> <p><b>Rafael:</b> Isso! A gente sabe que tá fervendo quando a água faz bolinhas. /(+) NÃO, NÃO! Não pode colocar o dedo na água, principalmente quando estiver fervendo. (+) se não machuca.</p> <p>Fundo musical</p> <p><b>Linda:</b> ma-ma-chuca.</p> <p><b>Rafael:</b> Enquanto a água ferve, a gente pode fazer o molho.</p>

<p>liquidificador.</p> <p>Linda observa atentamente, pega o sal e coloca com muito prazer dentro do liquidificador, sentindo a textura do sal.</p> <p>Rafael segura a mão de Linda para controlar o sal.</p> <p>Rafael mostra a faca a Linda.</p> <p>Linda se desespera.</p> <p>Rafael começa a corta o manjeriçao sob a tábua que está na mesa. Linda observa atentamente, do outro lado da mesa.</p> <p>Linda olha meio apreensiva.</p> <p>A câmara foca no corte do manjeriçao, depois nas mãos de Rafael que entrega cuidadosamente a faca nas mãos de Linda.</p> <p>Linda segura firmemente a faca e com a outra mão o manjeriçao e de forma bastante apreensiva, dá um corte no manjeriçao.</p> <p>Rafael pega de volta a tábua e leva o manjeriçao cortado para o liquidificador. Linda o acompanha e sente o vapor da água fervendo na panela. Brinca com o vapor, assopra a fumaça. E senti-a em suas mãos, distraidamente. Rafael liga o liquidificador, Linda se apavora com o barulho. Começa a gritar com as mãos tampando os ouvidos, saí correndo.</p> <p>Rafael segue ao encontro de Linda e a abraça.</p> <p>Linda fica apavorada.</p> <p>Rafael rapidamente desliga o liquidificador. Fala atenciosamente com Linda que se mostra em desespero.</p> <p>Rafael segue para abraçar Linda que mostra-se</p>	<p><b>Linda:</b> Rafael, eu sei, eu sei lavar.</p> <p><b>Rafael:</b> Aí coloca nozes...</p> <p>Barulho das nozes sendo colocadas no copo do liquidificador.</p> <p><b>Rafael:</b> queijo, azeite. (+), isso, só um pouquinho. Tá bom, tá bom, tá bom.</p> <p><b>Linda:</b> risos.</p> <p><b>Rafael:</b> Linda...</p> <p><b>Linda:</b> /NÃO, NÃO. Ma-machuca. Minha mãe não deixa, faca não Rafael, faca não.</p> <p><b>Rafael:</b> Linda, Linda, é só tomar cuidado, olha só. Eu vou cortar primeiro, depois você. É só tomar cuidado, ó...</p> <p>Som da faca cortando o manjeriçao.</p> <p>Som da água fervendo, fundo musical.</p> <p><b>Rafael:</b> ISSO, COM CUIDADO.</p> <p><b>Linda:</b> Balbucia.</p> <p><b>Rafael:</b> MUITO BEM LINDA. (+) agora é só colocar o manjeriçao...</p> <p>Barulho do sopro da fumaça, feito por Linda.</p> <p><b>Rafael:</b> Agora é só bater...</p> <p><b>Linda:</b> NÃO! (gritando) NÃO!</p> <p><b>Rafael:</b> LINDA!</p> <p>Som do liquidificador.</p> <p><b>Rafael:</b> CALMA LINDA, NÃO PRECISA TER MEDO, CALMA!</p> <p><b>Linda:</b> Aí, aí, aí! (gritando)</p> <p><b>Rafael:</b> É só um aparelho, o liquidificador não vai te pegar.</p> <p>Som do liquidificador.</p> <p><b>Linda:</b> O SOM, O SOM, O SOM É ALTO. É ALTO, E ENTRA, ENTRA DENTRO DE MIM, ME COME, ME COME POR DENTRO. (gritando)</p>
--	--

<p>angustiada com o som do liquidificador.</p> <p>Rafael segura na mão de Linda e a leva até o liquidificador. Linda balança a cabeça em negação.</p> <p>Linda apreensiva e suspirando fundo, segue com a mão para ligar o liquidificar. Enquanto Rafael segura na sua mão.</p> <p>Linda solta o botão do liquidificador que começar a funcionar e fica muito assustada. Rafael desliga.</p> <p>Rafael olha carinhosamente para Linda e fala.</p> <p>Linda cuidadosamente e ainda com muito medo, segue para o liquidificador e o liga. Desespera-se ao escutar o som, põe as mãos sob os ouvidos, depois desliga o aparelho.</p> <p>Linda suspira fundo e segue novamente para ligar o liquidificador, o barulho ainda dói, fica meio apreensiva. Desliga o aparelho.</p> <p>Rafael olha encantado para Linda e fala.</p> <p>Linda segue ligando e desligando o liquidificador, até aos poucos, ir se acostumando com o barulho.</p> <p>Linda se mostra muito feliz, com a fisionomia mais tranquila, Rafael se sente muito contente por ter ajudado a Linda a controlar o liquidificador.</p>	<p><b>Rafael:</b> pronto.</p> <p><b>Linda:</b> ENTRA DENTRO DE MIM, O SOM.</p> <p><b>Rafael:</b> pronto, pronto. (+) eu fiz ele parar.</p> <p><b>Linda:</b> o som... balbucia.</p> <p><b>Rafael:</b> EU FIZ ELE PARAR, VOCÊ VIU?! Você pode controlar esse som.</p> <p><b>Linda:</b> balbucia, suspira fundo. NÃO, NÃO, NÃO RAFAEL!</p> <p><b>Rafael:</b> é você que manda nesse som, você pode ligar e desligar. Som dos suspiros da Linda, fundo musical. Barulho do liquidificador.</p> <p><b>Linda:</b> balbucia, grita!</p> <p><b>Rafael:</b> ô Linda...</p> <p><b>Linda:</b> balbucia, TÁ BOM!</p> <p><b>Rafael:</b> você que manda, você que manda no liquidificador e não ele em você.</p> <p><b>Rafael:</b> CORAGEM!</p> <p><b>Linda:</b> balbucia, grita alto!</p> <p>Suspiros da Linda, balbuceios. Som do liquidificador.</p> <p><b>Rafael:</b> TÁ VENDENDO! (+) você manda nele. Som dos suspiros da Linda, barulho do liquidificador.</p> <p><b>Rafael:</b> MUITO BEM, LINDA! Fundo musical do casal</p> <p>Som dos suspiros da Linda.</p>
---	--

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Rafael sempre teve a preocupação de ajudar Linda a ser mais autônoma e independente. Na trama eles vivenciaram diversas experiências que contribuíram

para este fim. O jovem além de ter possibilitado Linda cozinhar, tarefa complexa para uma pessoa autista, ensinou ela a andar de bicicleta, ir ao supermercado, montar árvore de natal entre outras atividades.

No capítulo 175, que foi ao ar em 09/12/2013, Rafael propõe a Linda que faça um jantar para seus pais, ela se encanta com a ideia e com isso os dois foram ao supermercado, fizeram as compras e Linda mostrou-se empolgada com a proposta. Ao retornarem para casa, Neide reprova a ideia reafirmando a “incapacidade” da filha e ressaltando a desordem que causariam na cozinha. Rafael insiste, os dois foram para a cozinha e fizeram um macarrão que surpreendeu toda a família.

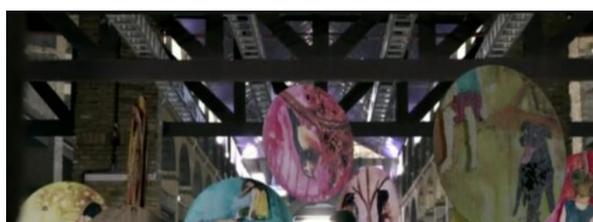
Linda supera diversos medos: como a repulsa pelo fogo e pela faca. Enfrenta também uma das principais barreiras causadas pelo autismo: a intolerância a “sons altos” que chegam a causar desequilíbrios emocionais em algumas pessoas com a deficiência. Na cena é perceptível o incômodo de Linda com o barulho causado pelo liquidificador, até que o Rafael a ensina a controlá-lo, fazendo-a perceber que tem o domínio do aparelho nas mãos (Imagem 51).

#### **4.6.2 Linda Faz Sucesso como Pintora**

No último capítulo da novela Linda faz sucesso como pintora e sua família organiza uma exposição, parte da renda adquirida com as vendas seria destinada a entidades de amparo para pessoas autistas.

#### **Episódio 15 - Linda faz sucesso como pintora (Cap. 221) - 31/01/2014**

**Imagens 52 e 53: Exposição da Linda.**



**Imagem 54: Linda e Rafael se beijam.**

**Quadro 15- Descrição do episódio da novela Amor à Vida do Capítulo 221 (exibido em 31/01/2014).**

Dimensão Visual	Dimensão Verbal
<p>Galpão de exposição com as telas da Linda.</p> <p>Rafael, Neide, Amadeu e Linda estão conversando, chegam Pilar, Bruno e Paulinha, eles se cumprimentam.</p> <p>A câmera foca em Linda, está de cabelos soltos, com alguma maquiagem no rosto e com um semblante maravilhoso.</p> <p>A câmera faz vários focos nos personagens que conversam.</p> <p>Linda parece um pouco envergonhada, mas interagi muito bem.</p> <p>Bruno e Paulinha vão embora.</p> <p>Bernarda e Lutero se aproximam.</p> <p>Linda se aproxima de Bernarda, sua avó que fala entusiasmada. Linda faz contato com avó dando-lhe a mão.</p> <p>Pilar balança a cabeça confirmando o discurso de Lutero.</p> <p>Rafael segura na mão de Linda e saem juntos.</p>	<p><b>Bruno:</b> LINDA, PARABÉNS! A sua exposição está incrível. A Paloma mandou um beijo, infelizmente ela não pode vim porque ela está grávida, então ficou de repouso, né?!</p> <p><b>Neide:</b> Como ela tá, Bruno?</p> <p><b>Bruno:</b> Quase perdeu o neném, mas agora tá tudo certo já! Agora é só esperar.</p> <p><b>Amadeu:</b> Diga para Paloma que a gente tá torcendo por ela, viu?!</p> <p><b>Paulinha:</b> PAI,FALA DO QUADRO PRA ELA!</p> <p><b>Bruno:</b> Comprei um quadro seu, Linda!</p> <p><b>Linda:</b>COMPROU?!</p> <p><b>Bruno:</b> COMPREI!</p> <p><b>Paulinha:</b> EU ACHEI MUITO BONITO!</p> <p><b>Linda:</b> Que bom!</p> <p><b>Bruno:</b> Parabéns mais uma vez,a gente precisa ir porque eu tenho que ficar um pouquinho com a Paloma agora!</p>

<p>Todos balançam a cabeça confirmando a fala de Lutero.</p> <p>Neide e Amadeu sorriem, felizes.</p> <p>A câmera foca em Linda e em Rafael que passeiam pela exposição.</p> <p>Rafael fala muito emocionado.</p> <p>Linda fala cheia de emoção.</p> <p>Os dois ficam frente a frente e conversam.</p> <p>Linda toca no coração de Rafael e fala.</p> <p>Ao encostar o rosto no rosto de Rafael, ele beija a testa dela.</p> <p>Linda beija o Rafael.</p>	<p><b>Amadeu:</b> Tá Bruno, brigado por ter vindo, em!</p> <p><b>Pilar:</b> Eu também comprei um quadro seu!</p> <p><b>Linda:</b> Brigada, tia Pilar! Brigada.</p> <p><b>Bernarda:</b> Eu nunca imaginei que você chegaria tão longe!</p> <p><b>Lutero:</b> OS QUADROS SÃO TÃO POÉTICOS, EU ACHEI MUITO LINDO! VIU?!</p> <p><b>Rafael:</b> Licença gente, licença! (risos)</p> <p><b>Amadeu:</b> Sabe, nós estamos destinando uma parte da renda da exposição pra um centro dedicado ao autismo, mamãe!</p> <p><b>Neide:</b> Existem muitas formas de tratamento e educação, mas infelizmente muitos centros acabam fechando por falta de dinheiro, não é?!</p> <p><b>Pilar:</b> Isso é verdade, mas eu vou fazer uma doação. Aliás, nós brasileiros, né doutor Lutero não temos o habito de fazer doações.</p> <p><b>Lutero:</b> É infelizmente se houvesse mais doações de órgãos o panorama da medicina seria completamente diferente.</p> <p><b>Neide:</b> É!</p> <p><b>Bernarda:</b> É nós vivemos em sociedade, temos a obrigação em ajudar. Ah mais é tão lindo vocês beneficiarem os autistas.</p> <p>Fundo musical do casal.</p> <p><b>Rafael:</b> Todos os quadros vendidos. (+) você é uma grande artista!</p> <p><b>Linda:</b> VOCÊ ME INSPIRA! ME INSPIRA, RAFAEL!</p> <p><b>Rafael:</b> Você tem um grande talento! (+) só que tava preso aí dentro. E agora você conseguiu superar suas limitações e trouxe esse talento aqui pra fora.</p> <p><b>Linda:</b> Você me ajudou, me ajudou Rafael, me ajudou a me trazer prá cá, pra fora (+). Pra você! (+) Pra você que eu pinto!</p> <p>Fundo musical, trilha sonora do casal.</p>
--	--

**Fonte:** A Autora (2017).

**Nota:** Descrição criada pela autora a partir do acesso a telenovela no Globo Play (2017).

Esta cena apresentada no capítulo da novela exibido em 31/01/2014 é carregada de emoção. Linda demonstra ter superado bastante seus impedimentos, se

tornado mais independente e feliz, depois de ter vivido tantos momentos de sofrimentos e adaptações.

Este é um episódio interessante para percebermos as relações da pessoa com deficiência sobre o olhar dos “outros”. Linda que no início começou a pintar por terapia, para desenvolver a comunicação e expressão, agora aparece como uma profissional das artes de muito sucesso, todas as obras expostas foram vendidas. Ela agora consegue criar laços de pertencimento ao grupo social, pois superou a invisibilidade causada pela deficiência. Ao analisarmos os discursos empreendidos na cena, percebemos a reafirmação do *ethos* prévio ligado à ideia de incapacidade. A avó Bernarda diz: “Eu nunca imaginei que você chegaria tão longe! ”.

É interessante perceber que a novela dá destaque a diferentes fases da pintura de Linda: no início, quando começa a pintar como recurso puramente terapêutico, seus quadros eram carregados de cores fortes, com traços demarcados e imagens abstratas. Com o avanço da socialização e o desenvolvimento de relações interpessoais seguras, suas pinturas transparecem sentimentos de serenidade, felicidade e amor. Lutero confirma essa ideia ao dizer: “OS QUADROS SÃO TÃO POÉTICOS, EU ACHEI MUITO LINDO! VIU?!”. Até a forma de vestir e cuidar-se da Linda muda, na exposição ela aparece com cabelos soltos, maquiada, com roupa “sensual”, diferente dos moletons que usava no início da novela.

Neide reconhece a importância dos tratamentos e do processo educativo para a promoção da socialização e inclusão dos autistas e destaca as dificuldades financeiras vividas pelos centros de reabilitação: “Existem muitas formas de tratamento e educação, mas infelizmente muitos centros acabam fechando por falta de dinheiro, não é?!”. Claramente um apelo ao telespectador para contribuir com a melhoria destes locais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho apontamos duas condições que desejamos que orientassem nosso estudo: identificar deslocamentos no *ethos* da mulher com deficiência em telenovelas brasileiras nas últimas décadas e observar as relações entre o *ethos* constituído e os estereótipos ligados à mulher e à pessoa com deficiência já cristalizados na sociedade brasileira.

Desenvolvemos uma discussão teórica sobre o *ethos* da mulher com deficiência nas telenovelas brasileiras, ressaltando que a mídia funciona como um dispositivo pedagógico que educa e (re)cria subjetividades na contemporaneidade. Nesse sentido, as mídias, especialmente a televisão, são aparatos de saber-poder, instâncias pedagógicas que (re)produzem saberes e verdades, constroem identidades culturais e postulam diversas posições de sujeitos (FISCHER, 2002; 2007).

A telenovela, nosso foco de estudo, por buscar retratar questões do cotidiano social, faz com que as pessoas se sintam dentro das narrativas, constituindo formas de ser e de sentir representadas nos(as) personagens descritos e produzidos pelas telinhas. Ao longo dos anos além de entreter, a telenovela foi assumindo também o papel de esclarecer e discutir assuntos que muitas vezes ficaram à margem da sociedade, temas de relevância social, criando o chamado *merchandising social*, o qual propõe uma ação pedagógica para uma possível mobilização social em torno do tema discutido, buscando sempre uma maior verossimilhança possível. Porém, nesse processo vários códigos sociais estão inseridos, os quais compõem o *ethos* discursivo, o qual tentamos compreender no desenvolvimento deste trabalho, especificamente em relação à mulher com deficiência.

A telenovela tem uma gramática, a qual, segundo Larrosa (2006), converte-se em um “texto “pedagógico” que busca a “fixação de dogmas”, a transmissão de ensinamentos, que institui verdades e traz sempre consigo projetos a serem efetivados. Nesse sentido, trazendo a discussão para o campo da educação, consideramos que a novela, assim como a escola, por ter um currículo, um texto pedagógico, também ensina, regula, constrói identidades e sujeitos.

Nessa construção está a *mulher com deficiência*. Nas telenovelas, assim como no imaginário social, circulam estereótipos ligados a esse sujeito social, geralmente

associados a uma perspectiva patriarcal, heteronormativa e fortemente atrelados à noção de corpo mutilado/deformado/imperfeito. Louro (2010) afirma que “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (p.14), a mídia ao propagar imagens de corpos “padronizados”: mulheres magras, altas, loiras, com corpos esculturais, exclui e segrega os corpos “outros”. Quando esse corpo é “lesionado”, no caso das mulheres com deficiências, sofrem processos de dupla estigmatização por subverter os padrões. Porém, esse corpo com lesão também cria uma corporalidade específica, a qual será a marca, o rótulo do “corpo deficiente”; à medida que contemplam uma análise profunda sobre o estatuto social da cultura do corpo, sobre a política da aparência, da medicalização do corpo e da subjetividade do corpo considerado deficiente, possibilitam um novo olhar e novas concepções acerca dos corpos (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 644).

As pessoas com deficiência, tradicionalmente, são identificadas socialmente e legitimadas como incapazes pelas marcas que carregam nos seus corpos. Assim como existe um padrão de normalidade, é criado também um padrão da “anormalidade”. Esse padrão fundamenta-se na abjeção da pessoa com deficiência e produz a segregação desses sujeitos.

As telenovelas, exercem uma ação performativa, ato intencional que produz e repete significados por um expressivo período temporal, participando de um campo de negociações de sentidos sobre a mulher com deficiência. Estes significados estão sempre em disputa e podem sofrer deslocamentos ao longo da história. Hora produzem a abjeção das mulheres com deficiência reiterando os padrões hegemônicos, sejam: o masculino, o da heteronormatividade, da “normalidade” do corpo; hora veiculam discursos de visibilidade e reconhecimento, com histórias de superação que colocam a mulher com deficiência na trama como heroínas.

Os movimentos de luta por reconhecimento e valorização das mulheres, enquanto sujeitos sociais forçaram novas produções de sentidos e significados sobre a mulher. As mulheres começam a conquistar outros espaços que antes lhes eram negados e suas vozes passam a ser, paulatinamente, ouvidas, inclusive no meio midiático. É tanto que ao analisarmos nosso *corpus*, percebemos que a primeira personagem feminina com deficiência aparece numa telenovela brasileira em 1965 e somente 30 anos depois, a partir da década de 90, volta a ser tema de tramas principais ou secundárias desse gênero de entretenimento audiovisual. Este é o período que se intensificaram, no Brasil, os movimentos de luta por

reconhecimento dos direitos das mulheres e das pessoas com deficiência na sociedade. Revelando que o processo de disputa e articulação de significados sobre a mulher e a pessoa com deficiência no campo midiático se dá sempre em interação com as demandas da sociedade, o que não anula seu papel pedagógico sobre os/as telespectadores.

Tivemos, portanto, como universo de pesquisa as telenovelas produzidas pela Rede Globo de Televisão que tinham como protagonistas mulheres com deficiência. Para tanto, realizamos análises das telenovelas produzidas desde 1965, com foco especial naquelas exibidas a partir da década de 1980, quando se deu a emergência dos movimentos pelos direitos das pessoas com deficiência no Brasil. Neste levantamento discutimos os deslocamentos no *ethos* da mulher com deficiência nestas telenovelas. Também realizamos uma análise da trama vivida por “Linda”, personagem com TEA, na novela *Amor à vida*, exibida entre os anos de 2013 e 2014.

Nas nove novelas com personagens femininos, exibidas antes de *Amor à Vida* (2013), já é possível perceber o deslocamento e mudanças no *ethos* discursivo acerca das mulheres com deficiências. Na primeira novela exibida ainda em 1965, *Rosinha do Sobrado* tema é abordado a partir do modelo médico da deficiência, pelo qual a deficiência precisa ser corrigida, para que a pessoa possa viver feliz. Mas, esta felicidade também está atrelada à figura masculina, que aparece como uma espécie de “príncipe encantado” que possibilita a inserção e ascensão social da personagem.

Em *Felicidade* (1991), a personagem Débora, vilã da trama, fica paraplégica quando fogia após tentar matar sua rival. Seu acidente sugere um “castigo” pelas maldades que ela havia feito durante toda a história. O que nos remete à ideia de deficiência como maldição divina. Na telenovela *Vira-Lata* (1996), a personagem com deficiência física Pietra, sente-se um estorvo na vida do seu companheiro e só se vê feliz longe da cadeira de rodas. O *ethos* construído acerca da Pietra é de vitimização e de exaltação por ser capaz de abdicar de seu grande amor, para que ele seja feliz com quem é “capaz”.

Nos anos 2000, a novela *América* (2005), problematizou a deficiência visual. A personagem Flor, criança que nasceu cega e foi superprotegida pela família não tinha nenhuma interação com o mundo até conhecer Jatobá, um deficiente visual, que apesar dos seus impedimentos, vivia e interagia normalmente com a sociedade.

Durante a trama, foram discutidos diversos temas como: acessibilidade, reabilitação, estigmas, preconceitos e a visão do outro sobre a deficiência.

Nesta trama é possível perceber uma mudança do *ethos* discursivo acerca da pessoa com deficiência, especialmente da mulher, a qual apesar de ter se tornado independente por intermédio de uma figura masculina, era feliz com sua condição e superava-se dia após dia. Além disso, outras pessoas com deficiência aparecem na novela e não carregam a deficiência como sinônimo de dor e sofrimento, mas mostram diferentes formas de viver.

Em 2006, a telenovela *Páginas da Vida*, trouxe a personagem vivida por Clara, criança com Síndrome de Down. Esta novela possibilitou a discussão sobre os preconceitos sociais que acometem os sujeitos com a síndrome. Inspirou a criação da primeira boneca lançada no país com característica da Síndrome de Down e ao final de cada capítulo trazia um depoimento real de superação de pessoas comuns.

A novela *Duas Caras*, teve entre seus/suas personagens, Clarissa, filha de um casal de classe média, muito estudiosa, que desde criança sonhava em ser juíza, mas sempre precisou se esforçar e se dedicar mais que as outras pessoas por ter dislexia. Ao longo da vida, viveu várias situações de exclusão, principalmente na escola e na universidade. O *ethos* discursivo que se constitui acerca da mulher com deficiência nesta novela está atrelado novamente à dependência da figura masculina. Para Clarissa ser feliz, conquistar sua independência e autonomia foi preciso encontrar um “príncipe encantado”.

*Caras e Bocas (2009)*, trouxe em seu núcleo secundário Anita, vivida por Danieli Haloten. Foi a primeira vez, em novelas da Globo, que uma personagem cega foi interpretada por uma atriz cega. Anita foi mostrada como uma mulher que lutava por sua independência e autonomia, a deficiência para ela não era empecilho para felicidade e a vida comum; a deficiência não apareceu como característica principal da vida da Anita e sim como uma condição pela qual a personagem buscava as adaptações necessárias para que tivesse uma vida feliz e se sentisse realizada.

Em *Viver a Vida (2009)*, a personagem Luciana, jovem de classe alta, bonita, alta, magra, ambiciosa e modelo profissional, ao retornar de um desfile sofre um acidente de carro, o qual a deixa tetraplégica. A novela além de problematizar uma série de questões vividas pelas pessoas com deficiência, trouxe para discussão a precariedade dos serviços públicos e as dificuldades que envolvem os tratamentos.

Com Luciana é perceptível a ênfase em aspectos frequentemente relacionados com a pessoa com deficiência, tais como: a angústia e o sofrimento causados pela deficiência, principalmente durante o diagnóstico; a deficiência como um castigo, considerando que a personagem tinha temperamento difícil e maldoso antes do acidente. Luciana só encontra vontade de continuar vivendo após estabelecer um relacionamento amoroso com Miguel, com quem, mais tarde, casa e tem filhos. Novamente, o mito do “príncipe encantado” e da realização feminina atrelada necessariamente ao casamento e à maternidade é reforçado na novela.

Dedicamos maior esforço na análise do *ethos* discursivo acerca da mulher com deficiência em *Amor a Vida*. Telenovela escrita por Walcyr Rodrigues Carrasco, exibida na TV Globo entre os anos de 2013 e 2014, no horário nobre, que traz em sua trama uma personagem com TEA.

A trama aborda vários temas ligados à vivência do TEA. Mesmo cometendo erros graves em relação ao assunto, a trama deu visibilidade a sujeitos sociais que passam despercebidos/as e são negligenciados/as no nosso cotidiano. Desempenhou papel pedagógico, ora problematizando situações tidas como naturais – p. e., a ideia de incapacidade, dependência, ausência de vida sexual tradicionalmente associadas às pessoas com deficiência – ora reforçando um *ethos* prévio ligado à mulher com deficiência – especialmente a de que ela precisa da figura masculina salvadora para sua ascensão social.

Foram dez telenovelas que retrataram a mulher com deficiência no período selecionado. Em sua maioria, personagens de núcleos secundários. O *ethos* construído acerca destas, baseia-se em quatro elementos principais: vilãs, vítimas, vencedoras e pessoas que vivem o cotidiano

As personagens retratadas como vítimas são aquelas mulheres que consideram a deficiência como sinônimo de infelicidade, dor e pesar. São pessoas que de alguma maneira precisam ser salvas ou corrigidas pela sociedade ou pela figura masculina. Nessa categoria temos, também, as personagens que encontram na deficiência a redenção moral, ou seja, as pessoas que se tornam melhores após adquirirem a deficiência.

Em oposição às vítimas, vemos as personagens vencedoras, aquelas que apesar dos impedimentos ocasionados pela deficiência, lutam pela superação e por conquistarem independência. Trabalham, tem vida social, buscam a felicidade independente de suas condições. Nestas duas categorias encontramos a figura da

“boa deficiente”, que são mulheres dotadas de bons sentimentos, que ajudam a todos/as e fizeram de suas deficiências um motivo a mais de luta para serem felizes.

As personagens vilãs se caracterizam por carregarem a maldade e o rancor e por associarem estes sentimentos à deficiência. A deficiência é motivo de “castigo” pelas maldades realizadas por elas. A partir de 2005, algumas novelas apresentam a mulher com deficiência como pessoas que vivem seu cotidiano sem ter a deficiência como característica principal da vida, buscando as adaptações necessárias para ter uma vida comum.

Nossas reflexões ao longo deste estudo sugerem que as telenovelas se constituem em um campo de articulação de significados em torno da mulher, do corpo e da deficiência, ainda bastante influenciado por uma política de gênero patriarcal e heteronormativa e por padrões de beleza que incentivam a busca do corpo perfeito, mas, também, desafiado por movimentos culturais externos, contra-hegemônicos, que exercem uma ação crítica, incitando negociações e deslocamentos.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução: da noção retórica de ethos à análise do discurso**. In: *Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de V.G.Yebra. Madrid: Gredos, 1998.

AYRES, N. **Amor à Vida: especialistas apontam oito erros médicos da novela das 9. Publicado em: 27 de jan. de 2014.** Disponível em: <http://www.minhavidade.com.br/saude/galerias/17242-amor-a-vida-especialistas-apontam-oito-erros-medicos-da-novela-das-9/2>>. Acesso em: 23 de março de 2017.

BRASIL. **Cartilha do Censo 2010- Pessoas com Deficiência**, Luiza Maria Borges Oliveira, Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR)/ Secretária Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (SNPD). Coordenação Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

\_\_\_\_\_. **Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**, Secretária Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 88.066**, 26 de Jan. de 1983. Concessões Outorgadas para Exploração de Serviços de Radiodifusão de Sons e Imagens (Televisão), Brasília, 1983.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Brasília, 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 12764**. 2012. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1033668/lei-12764-12>>. Acesso em: 29 de junho de 2017.

BAUER, M. W; GASKELL, G. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento**. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARNES, C. **Disabling imagery and the media: na exploration of the principles for media representations of disabled people**. Halifax: Ryburn Book Production, 1992. Disponível em: <<http://www.leeds.ac.uk/disability->

studies/archiveuk/Barnes/disabling%20imagery.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. **Disability Culture. Assimilation or Inclusion.** In: ALBRECHT, Gary L.; SEELMAN, K. D.; BURY, M. Handbook of Disability Studies. Oaks: Sage Publications, 2001.

BDTD. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.** Disponível em: <<http://bdttd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: Acesso em: 03 de março de 2016.

BHABHA, H. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BUTLER, J. **Corpos que Pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”.** In: LOURO, G. L. (Org.); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. **O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 151-172.

CAMPOS, M. P. **Nem Anjos, nem Demônios: discursos e representações de corpo e de sexualidade de pessoas com deficiência na internet.** Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação. Canoas, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), 2006.

CHARAUDEAU, P. **Discursos das Mídias.** 2. ed. São Paulo: SP, 2013.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2006.

CORAZZA, S. M. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos.** In: Costa, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora. 2007, p. 103-129.

COSTA, M. V. **O magistério na política cultural.** ULBRA/CANOAS, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ensinando a dividir o mundo; as perversas lições de um programa de televisão.** Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago, nº 20, 2002.

DENZIN, N; LINCOLN, Y. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: ABDR, 2006.

DINIZ, D. **O que é Deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUSCHATZKY, S; SKLIAR, C. **O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação.** In: LARROSA, J; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 119-138.

FISCHER, R. M. B. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas.** Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007, p. 290-299.

\_\_\_\_\_. **Mídia e Juventude: experiências do público e do privado na cultura.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, jan/abr. 2005, p. 43-58.

\_\_\_\_\_. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, jan/jun. 2002, p. 151-162.

\_\_\_\_\_. **Mídia e Educação da Mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV.** Revista de Estudos Feministas, v.9, n 2, 2º semestre, 2001, p. 586-599.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 5ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. Estruturalismo e Pós-estruturalismo 1983. Ditos e Escritos II, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Trad. Elisa Monteiro, Rio de Janeiro: Forense, 2008.

GIROUX, H; MCLAREN, P. L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: Silva, T. T. da; MOREIRA, A. F. (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1995. p.144-158.

GLOBO.Disponível em: <http://globouniversidade.globo.com/GloboUniversidade/0,,AA1701604-8743,00.html>. Acesso em: 10 de fev. de 2016.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/amor-vida-bruna-linzmeyer-se-comove-com-repercussao-de-linda-fico-feliz-emocionada-tocada-10316124.html#ixzz4hLNXjSII>. Acesso em: 12 de abr. de 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>. Acesso em: 15 de fev. de 2016.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/>. Acesso em: 20 de mar. de 2016.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/historias-de-amor-a-vida/noticia/2014/01/historias-de-amor-a-vida-mae-fala-do-filho-autista-que-ja-ganhou-premio-de-robotica.html>. Acesso em: 12 de abr. de 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/>. Acesso em: 27 de mar. de 2016.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/sc/rbstvsc/noticia/2014/01/atriz-catarinense-fala-sobre-o-papel-da-autista-linda-em-amor-vida.html>. Acesso em: 12 de abr. de 2017.

GOELLNER, S. V. A produção Cultural do Corpo. In LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 28-40.

GUGEL, M. A. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. AMPID. Disponível em: <[http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php)>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

HALL, S. **A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade. Cultura, Mídia e Educação. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.22, n. 2, jul/dez 1997.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade Cultural na pós-Modernidade**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

HAMBURGUE, E. **Telenovelas e Interpreções do Brasil**. Lua Nova, São Paulo, n. 82, 2011, p. 61-86.

LACLAU, E. **La Razon Populista**. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

\_\_\_\_\_. Universalismo, particularismo e a questão da identidade. In: **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

\_\_\_\_\_. **Nuevas reflexiones sobre lá revolución de nuestro tempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

\_\_\_\_\_. Identidad y hegemonia: el rol de la universalidade em la constitución de lógicas políticas. In: BUTLER, J; LACLAU, E; ZIZEK, S. **Contingencia, Hegemonia, Universalidad: Diálogos contemporâneos em la izquierda**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 49-93.

LACLAU, E; MOUFFE, C. Posmarxismo sin pedido de disculpas. In: **Nuevas reflexiones sobre lá revolución de nuestro tempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000, p. 111-145.

LARROSA, J. A Novela Pedagógica e a Pedagogização da Novela. In: **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 117-146.

LOURO, G. L. (Org.); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. **O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 7-34.

\_\_\_\_\_. **Corpos que Escapam**. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,\\_infancia\\_e\\_juven\\_tude/Mesa\\_Redonda/02\\_38\\_25\\_m58-289.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_infancia_e_juven_tude/Mesa_Redonda/02_38_25_m58-289.pdf)>. Acesso em: 18 de janeiro de 2016.  
MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2001.

- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2001.
- MARQUES, D. P; FILHO, F. F. L. **A telenovela brasileira: percursos e história de um subgênero ficcional**. Revista brasileira de História da Mídia (RBHM), v. 1, n. 2, jul./dez. 2012, p. 73-81.
- MARIANO, S. A. **O Sujeito do Feminismo e o pós-estruturalismo**. Estudos Feministas, v. 13, n. 3, set/dez. 2005, p 483- 505.
- MARTINS, L. de A. R. **A diferença/deficiência sob uma ótica histórica**. Revista Educação em Questão. V. 8/9, n. 2/1 (jul./dez. 1998- jan./jun. 1999) – Natal, UFRN, 1987.
- MARTINS, M. S. C. **Ethos, gênero e questões identitárias**. D.E.L.T.A., 23:1, 2007.
- MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. **Gênero e Deficiência: intersecções e perspectivas**. Estudos Feministas, v. 20, n. 3, set/dez. 2012, p 635- 655.
- MELO, J. M. de; TOSTA, S. P. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MEYER, D. E. **As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado?** Educação e Realidade, v. 25 n.2, jul/dez. 2000. p. 117-133.
- MEYER, D. E. E; SOARES, R. F. Modos de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos apreender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. **Caminhos investigativos III – Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- ONU. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/>>. Acesso em: 23 de março de 2017.
- ONU MULHERES. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/>>. Acesso em: 23 de março de 2017.
- PARAÍSO, M. A. **Metodologias de Pesquisas pós-críticas em Educação e Currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas**. In: DAGMAR, E. M; PARAÍSO, M. A. (org). Metodologias de Pesquisas pós-críticas em Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- PESSOTTI, I. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.
- ROSE, D. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SABAT, R. **Filmes Infantis e a Produção Performativa da Heterossexualidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre: 2003. Tese (Doutorado em Educação), 2003.

SANTOS, A. P. R. dos; R, T. de CARVALHO. **Entre o público e o privado: discursos sobre a feminilidade nos enunciados do currículo cultural da telenovela**. Rev. Eletrônica de Educação. 2012, vol. 6, n. 2, p. 355- 375. ISSN 1982-7199.

SASSAKI, R. K. **Entrevista realizada pela Secretaria de Educação Especial, do Mec**. Integração. Brasília, nº 20, ano 8, p. 8-10, 1988. Disponível em: <://www.educacaoonline.pro.br/entrevista\_romeu\_sasaki.html?f\_id\_artigo=70>. Acesso em: 10/01/2016.

\_\_\_\_\_. Como chamar as pessoas que têm deficiência? **Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados**, ano I, n. 1, 1º sem. 2003, p.8-11. [Texto atualizado em 2009].

SCOTT, J. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989. (Texto traduzido para o português por DABAT, C. R.; ÁVILA, M. B.).

SILVA, L. M. da. **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2006, vol.11, n.33, p. 424-434. ISSN 1413-2478.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVEIRA, B. R. **Entre a vitimização e a divinização: a pessoa com deficiência em Viver à Vida**. 2012. Dissertação de mestrado (Mestrado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

SKLIAR, C. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de Vista**, n.5, p. 37-49, 2003.

VEIGA-NETO, A. Incluir para Excluir. In: In: LARROSA, J; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WIKIPÉDIA. Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_Globo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Globo)>. Acesso em:27 de março de 2016.